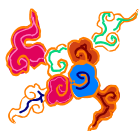


# Doutrina dos Baptismos



Vitor Pereira do Paço



Igreja em Oleiros  
Rua do Fial, n.º 101  
4525 Oleiros  
S. M. da Feira



– 1988 –  
– 1.ª Revisão, 2005 –



## **DOUTRINA DOS BAPTISMOS**

### **PREFÁCIO**

Este trabalho tornou-se mais que um estudo acerca do batismo na água. Pela necessidade que houve de explorar e aprofundar o tema, trazendo à *tona* os fundamentos da sua doutrina, abordou-se outras matérias, outros assuntos, outros temas, e concluiu-se como um verdadeiro compêndio doutrinário, dispensacional, escatológico e eclesiástico.

Recomendamos a leitura e o estudo desta obra pelo tema em si, e por tudo o que está para além do tema. É um estudo que nos dá uma visão clara e fundamentada do Plano de Deus para o mundo e para Israel contido na Profecia, e fundamenta a sua suspensão com a introdução do novo programa dispensacional da graça de Deus. Novos argumentos, novas perspectivas, novos fundamentos que são descobertos da Palavra de Deus, e são expostos de forma ousada, proporcionando ao leitor a capacidade para entender o Plano de Deus para o seu povo e para cada crente em particular.

Este trabalho não se destina a operar qualquer transformação na mentalidade do crente, mas é um grande contributo para todo aquele que ama a Deus e pretende conhecê-lo mais e melhor, e ama a sua Palavra, “*sejam iluminados os olhos do seu entendimento*” e conhecerem os seus propósitos gloriosos (Efésios 1:17-18).

## 1. INTRODUÇÃO

O baptismo na água é um assunto abundantemente referenciado nas Escrituras Sagradas. Desde as primeiras palavras da revelação de Deus, até às palavras que encerram o Livro Divino, a água percorre cada página como um manancial cheio de significado, sendo a sua principal lição a necessidade que a criação de Deus, afectada pelo pecado, tem de purificação.

Por ser um assunto vasto, e nessa inerência, o baptismo da água, é um assunto importante. Ele surge no Antigo Testamento como um requisito essencial no serviço de Deus, no ministério dos sacerdotes. Depois, ocorre com um significado mais alargado para ser aplicado a toda a nação de Israel, como uma nação sacerdotal.

Neste contexto, é interessante notar que na “*nova terra*” o mar não existe (Apocalipse 21:1), ou seja, não há mais água que esconda as civilizações afectadas pelo pecado; não há mais nada que divida o bem do mal (que o mar representa); e, significa, também, que o pecado será removido da criação de Deus, e por isso, não há mais necessidade de purificação. A única água a que temos referência é “o Rio de Deus” que sai do Trono de Deus para a vida das nações (Apocalipse 22:1-5); Aquele será o rio do refrigério da eternidade.

Como matéria de estudo, a importância do baptismo na água pode ser avaliada por várias ordens de razões: Primeiro, porque o escritor aos Hebreus diz que tem **doutrina** (6:2). Em segundo lugar, e porque tem doutrina, tem instrução: tem ensino com preciosas lições que devemos aprender. Em terceiro lugar, porque o apóstolo usa a palavra no plural, o que faz subentender que o escritor se refere a vários tipos de baptismos ou lavagens, como literalmente significa a palavra no grego. Por fim, e em quarto lugar, porque esta palavra “baptismo” com e seus cognatos ocorre cerca de 115 vezes no N. T., o que não deixa de ser significativo.

## 2. SIGNIFICADO DA PALAVRA:

**Batismo** é a tradução da palavra grega “*baptizō*”, que, por sua vez, deriva da palavra “**Baptō**”, que significa “**mergulhar**”, ou mesmo “**tingir**” em tinta.

“*Baptizo*” é uma forma intensiva de “*Baptō*” e significa (1) mergulhar e (2) fazer perecer (como por meio de afogar um homem ou afundar um navio) – G. R. Beasley.

Estas são as palavras gregas de onde são traduzidas para a versão portuguesa as formas “batismo” e “baptizar”.

O significado etimológico de uma palavra é dado simultaneamente pela origem etimológica da palavra, pelo seu uso frequente e pelo seu contexto. No caso concreto da palavra “batismo” e da sua família de palavras, pelas razões apontadas, lava-nos a concluir que o termo significa simplesmente **identificar**. Por exemplo, a **palavra Grega “BAPTO”** significa **mergulhar em tinta** ou **tingir com tinta**, ou seja, assimilar a identificação de outro produto. Assim, baptizar significa mergulhar, lavar, purificar, identificar, conotar com, entre outros sentidos, conforme o seu contexto, e não implica necessariamente intervenção de água.

### 3. USO DA PALAVRA:

No Novo Testamento a palavra “**Baptō**” ocorre simplesmente 4 vezes: **João 13:26,26; Lucas 16:24; Apocalipse 19:13**, e sempre com o significado de mergulhar.

«Então, clamando, disse: **Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe** (Strong: 911 – “*Baptō*) **em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama.**» (Lucas 16:24);

«**Respondeu Jesus: É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado** (911). **Tomou, pois, um pedaço de pão e, tendo-o molhado** (1686, de 911), **deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes.**» (João 13:26);

«**Está vestido com um manto tinto** (911) **de sangue, e o seu nome se chama o Verbo de Deus**» (Apocalipse 19:13)

“**Baptizō**” (Strong: 907), que é traduzido para o português por “baptizar”, é um termo técnico usado para se referir ao acto de baptizar; em todos os Evangelhos ocorre essa palavra, com especial relevo no ministério de João baptista, cujo objectivo visava apelar ao arrependimento de Israel (Mateus 3:11; Marcos 1:8; Lucas 3:16; João 1:33 e Actos 2:38), e ocorre no Livro dos Actos dos Apóstolos, com ênfase ao baptismo dos doze Apóstolos, na mesma tentativa de chamar Israel ao arrependimento, preparando-se, assim, para a manifestação do Messias em poder e glória para estabelecer o seu Reino (2:38). Era, assim, parte integrante da chamada “Grande Comissão do Reino”. O mesmo vocábulo é empregado em Mateus 3:11, Marcos 1:8, Lucas 3:16, João 1:33 e noutras passagens bíblicas para se referir a um outro baptismo. Não o baptismo da água mas o baptismo com o Espírito Santo. O baptismo do Espírito que os profetas falaram como o momento que antecedia a implantação do Reino Messiânico, e ao qual Pedro se referiu a ele no seu discurso do Pentecostes (Actos 2:39).

Paulo, nas suas epístolas, usou este termo “baptizar” com um sentido e um significado algo diferente. Não é um baptismo físico, mas um baptismo espiritual. Diz o Apóstolo que, na Igreja “Corpo de Cristo”, há somente “um baptismo” (Efésios 4:5), e não vários como acontecia com a nação de Israel (Hebreus 6:2; 9:10). É um baptismo operado pelo Espírito Santo, que baptiza em Cristo,

formando um Corpo espiritual, localizado nos lugares celestiais, todos aqueles que crêem no Evangelho da Graça de Deus (Efésios 1:13; vide Romanos 6:3; I Coríntios 12:13; Gálatas 3:27). Excepcionalmente o Apóstolo Paulo faz uma referência ao baptismo na água em I Coríntios 1:13-17, para dizer que ele não faz parte da comissão de Deus para ele, como fazia parte integrante da comissão dos doze Apóstolos de Israel (Mateus 28:19-20). Por outras palavras, ele refere-se ao baptismo na água para dizer que ele foi substituído pela cruz como base de fé (I Coríntios 1:13-17 vide Mateus 28:19).

O verbo “*baptismos*” (Strong: 909) ocorre apenas três vezes no Novo Testamento: em Marcos 7:4, Hebreus 6:2 e 9:10, e refere-se às lavagens de purificação e baptismos consagradas nas instituições divinas para Israel:

«**E, quando voltam do mercado, se não se lavarem, não comem. E muitas outras coisas há que receberam para observar, como lavar (909) os copos, e os jarros, e os vasos de metal, e as camas.**» (Marcos 7:4);

«**Pelo que, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo... da doutrina dos baptismos (Strong: 909 – “*Baptismos*”) ... E isso faremos, se Deus o permitir.**» (6:1-3);

«**Consistindo somente em manjares, e bebidas, e várias abluições (909) e justificações da carne, impostas até ao tempo da correcção.**» (9:10).

“*Baptisma*” (Strong: 908) é empregue 20 vezes no chamado Novo Testamento: duas em Mateus, quatro em Marcos e Lucas, respectivamente, seis em Actos dos Apóstolos; Romanos 6:4, Efésios 4:5, Colossenses 2:12 e I Pedro 3:21. Esta forma gramatical aplica-se mais ao resultado da acção expressa no verbo.

O chamado Novo Testamento usa a palavra “Baptismo” com os seus cognatos em cerca de dez baptismos distintos, sendo que apenas quatro têm relação com água:

1. O baptismo na água ministrado por João Baptista, pelo Senhor e, depois pelos doze apóstolos (Lucas 3:3; João 3:25-28; Actos 2.38);
2. As lavagens **tradicionais** dos Judeus, às quais conferiam uma valor cerimonial (Mateus 7:1-7);
3. O baptismo do Senhor Jesus na água (Mateus 3:13-17);
4. O baptismo com água pelos mortos com água (I Coríntios 15:29). Prática pagã de baptizar;
5. O baptismo de Israel em Moisés (I Coríntios 10:1-4);
6. O baptismo da Raça Humana no dilúvio (I Pedro 3:20,21);
7. O baptismo de Cristo na morte (Lucas 12:50; Marcos 10:39);
8. O baptismo de Israel (remanescente) **com** o Espírito Santo, de acordo com a Profecia (Lucas 24:4; Mateus 3:11; Actos 1:4,5);

**9.** O batismo de Israel e do mundo com fogo (Mateus 3:11). Refere-se ao juízo de Deus no período da grande tribulação, que culminará com a vinda do Senhor em poder e glória (Isaías 29:6);

**10.** O batismo dos remidos da Dispensação da Graça em Cristo, operado pelo Espírito Santo, formando um corpo em Cristo nos lugares celestiais (I Coríntios 12:13). Daí o nome: Igreja “Corpo de Cristo”.



#### 4. CONTROVÉRSIA:

A controvérsia gerada à volta do **Batismo** é velha. Nos dias de João baptista este assunto já era discutido entre os judeus e os seus discípulos: “**acerca da purificação**” (João 3:25-26), cujo debate se tem mantido e intensificado até aos nossos dias. Hoje as questões se multiplicaram e as suas discussões variaram para outras vertentes, nomeadamente: qual o valor que se deve atribuir ao baptismo, se salva ou não, se santifica ou não, se representa testemunho ou não, se dá acesso à comunhão da igreja local ou não, se se deve baptizar crianças ou não; qual é a forma correcta de baptizar: se por imersão, por aspersão ou por derramamento; se se deve baptizar com água doce ou salgada; se o baptismo deve ser feito em água corrente ou água parada; se o baptismo deve ser feito em nome da santíssima Trindade ou, simplesmente, em nome de Jesus, etc.

Infelizmente, a cristandade tem-se detido em tantas discussões, muitas delas sem chegarem a conclusão nenhuma. Estas discussões têm servido é para dividir mais os crentes e levar ao afastamento dos perdidos; abre e realça inúmeras frechas na sua comunidade, cria cisões e inimizades, desperdiça energias em matérias e assuntos que para Deus não tem qualquer valor ou significado. E, por falta de conhecimento da Palavra de Deus e do Plano de Deus para a Sua Igreja “Corpo de Cristo”, os crentes têm lavrado em vão e andado em caminhos que só desonram o santo Nome de Deus.

Desde os primórdios da Era Cristã que os crentes e as igrejas locais em geral se desviaram da revelação de Deus acerca da Igreja “Corpo de Cristo”, abandonando o ensino confiado por Deus ao Apóstolo Paulo e está perfeitamente descrito em todas as suas epístolas. O Apóstolo tinha alertado os anciãos de Éfeso para essa realidade (Actos dos Apóstolos 20), e a Timóteo fala da intensificação da corrupção dos últimos dias por causa desse mesmo desvio (I Timóteo 4; II Timóteo 3).

A apostasia da fé fez-se sentir já nos dias do Apóstolo Paulo, quando disse:  
«**Bem sabes isto: que os que estão na Ásia todos se apartaram de mim; entre os quais foram Fígelo e Hermógenes.**» (II Timóteo 1:15).

**«Ninguém me assistiu na minha primeira defesa; antes, todos me desampararam.»** (Idem, 4:16).

A realidade é que, com a degeneração das igrejas locais e o seu desvio da verdade, a cristandade tornou-se apóstata da fé e concebeu doutrinas para sua própria perdição. O facto de não entenderem o conteúdo da revelação dada por Deus ao Apóstolo Paulo, e não diferenciarem o seu apostolado, comissão e ministério do apostolado, comissão e ministério dos doze Apóstolos de Israel é matéria suficiente para não entenderem as Escrituras e, ao lê-las prestarem-se a todo o tipo de deturpação doutrinária.

Pedro já havia alertado os judeus do seu tempo, quando disse:

**«15 E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, 16 falando disto, como em todas as suas epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição.»** (II Pedro 3).

Esta forma de entender e ensinar a Escritura conduz obrigatoriamente a outro evangelho, que não é evangelho, pois anuncia uma boa nova que não salva, mas agrava a situação de perdição dos descrentes:

**«6 Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho, 7 o qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem *transtornar* o evangelho de Cristo. 8 Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema. 9 Assim como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo: se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema.»** (Gálatas 1)

“Transtornar” (v. 7), no grego μεταστρεφω, *metastrepho* (Strong 3344), significa perverter (RA), mudar, alterar, converter, voltar.

Era o que se estava a passar nas igrejas da graça, entre os gentios. E entre outros ensinamentos o “baptismo na água” foi um ensino que continuou a ser ensinado e praticado na perspectiva do Reino, ou seja, “baptismo para perdão de pecados”. E este tipo de ensino colide frontalmente com o Evangelho da Graça de Deus.

Vejamos o que disseram alguns dos chamados pais da igreja:

A epístola de Barnabé, documento apócrifo mas de muito valor para algumas correntes religiosas, no décimo primeiro capítulo, fala da importância do batismo na água para perdão de pecados.<sup>1</sup>

Hermas: “Não há nenhum arrependimento que este, que desçamos às águas do batismo e recebamos o perdão dos pecados passados”<sup>2</sup>

Ireneu enfatiza a necessidade da fé como uma condição prévia para o batismo, e que “o homem pelo batismo é regenerado; os pecados dele são lavados e uma vida nova nasce dentro dele”.<sup>3</sup>

Já no segundo século da Era Cristã outros autores concordaram com aquela corrente doutrinária ensinada pelos supra citados, como sejam:

Teófilos, bispo de Antioquia, escreveu uma carta a um certo Autolytus, onde diz o seguinte: “Os homens recebem o perdão dos pecados pela água e lavagem da regeneração”.<sup>4</sup>

Justino, conhecido como o mártir, escrevendo a Trypho sobre o batismo diz que pregava o batismo na água porque só ele pode limpar os pecados daqueles que se arrependem; é a água da vida!”<sup>5</sup>

Tertuliano: “O acto do batismo é essencial para que os pecados passados sejam completamente cancelados”.<sup>6</sup>

Orígenes, no comentário ao Evangelho de João, declara: “A lavagem na água é o símbolo da limpeza da alma de toda a impureza do pecado”.<sup>7</sup>

Agostinho, um dos mais respeitados escritores cristãos dos primórdios da igreja professa, foi um acérrimo defensor do batismo infantil, como forma de remoção do pecado original.<sup>8</sup> Num dos seus sermões ele diz: Veja, você está pronto para ser batizado; então, todos os seus pecados serão destruídos, nenhum deles permanecerá. Todo o mal que você haja feito, em acções, maneiras, desejos, ou pensamentos, todos serão destruídos” (Sermão LVII 8).<sup>9</sup>

---

<sup>1</sup> Burrage, Henry S. – O Acto do Batismo na História da Igreja Cristã, página 38.

<sup>2</sup> Heick, Otto – Uma História do Pensamento Cristão, pp. 53-54.

<sup>3</sup> Berkhof, Louis – A História das Doutrinas da Igreja, página 67.

<sup>4</sup> Burrage, Henry S. – O Acto do Batismo na História da Igreja Cristã, página 40.

<sup>5</sup> Cote, Wolfred Nelson – A Arqueologia do Batismo, página 17.

<sup>6</sup> Hernack, Adolf – A Expansão do Cristianismo dos Primeiros Três Séculos, Vol. 1, página 486; Cote, Wolfred Nelson – Idem, pp 18-19.

<sup>7</sup> Ibidem, página 20.

<sup>8</sup> Ibidem, página 97.

<sup>9</sup> Ibidem.

Mais nomes poderíamos acrescentar a estes, e multiplicar as suas citações, para termos a noção da gravidade dos ensinamentos que desde início da dispensação da graça se ensinaram e de como se desviaram da pureza do evangelho da graça e voltaram para outro evangelho, que não era outro por se encontrar nas escrituras, mas era o evangelho do reino, que João Baptista e os Apóstolos de Israel anunciaram, mas que não está em vigor na presente dispensação.

Depois destes, e até aos nossos dias, a confusão doutrinária tem-se intensificado e generalizado, de forma que o evangelho que se vai anunciando como da parte de Deus pouco tem a ver com o Evangelho que Deus revelou pela Sua Graça. Insiste-se num evangelho social, um evangelho assente nas obras, um evangelho que valoriza o lado humano em detrimento do Plano e da actuação de Deus. Que é que se pode esperar da cristandade?

O nosso estudo visa responder ao cerne da questão: será que o baptismo na água faz do Plano de Deus para a presente dispensação, para a Sua Igreja “Corpo de Cristo”? Será que o baptismo na água faz parte da Grande Comissão do Mistério entregue ao Apóstolo Paulo? Será que o baptismo na água deve ou não ser praticado hoje.

O leitor tem a oportunidade de desistir do presente estudo e continuar a lavar no erro que a religião cristã dominante enveredou desde cedo, ou estudar o assunto com toda a seriedade diante de Deus e sob a Sua direcção e voltar para a verdade do Evangelho, como Deus o confiou ao Apóstolo Paulo.

É com a ajuda e direcção de Deus, nosso Senhor, que pretendemos chegar com o presente estudo a uma resposta bem definida, esclarecedora e concludente acerca destas últimas e as mais importantes questões do baptismo na água. Para isso entregamo-nos às riquezas da graça de Deus, em oração, para que Ele nos ilumine no conhecimento da Sua vontade.

## 5. A ORIGEM DO BAPTISMO:

### 5.1 – O Baptismo da Criação

**«Eles voluntariamente ignoram isto: que pela palavra de Deus já desde a antiguidade existiram os céus e a terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste»** (I Pedro 3:5).

Crê-se que no profundo e remoto Génesis 1:1 – **“No princípio Deus criou os céus e a terra...”** esteja incluída a criação de Lúcifer e de todas as suas hostes, e os demais exércitos dos céus. No livro que leva o seu nome, Job disse que o Senhor, quando fundava a terra e estabelecia os mares, “as estrelas da alva e os filhos de Deus se alegravam” (38:4-7), referindo-se à presença das imensas hostes angelicais.

Crê-se, ainda, que o texto segundo de Génesis 1 – **“tornou-se sem forma e vazia...”**, encerra a queda de Lúcifer com um terço das ordens angelicais, com os seus principados e potestades, afectando a criação envolvente do habitat deste príncipe angelical. A isso se refere Isaías:

**«Porque assim diz o SENHOR que tem criado os céus, o Deus que formou a terra e a fez; ele a estabeleceu, não a criou vazia, mas a formou para que fosse habitada: Eu sou o SENHOR, e não há outro.»** (Isaías 45:18)

Estas palavras indicam que a *“terra era sem forma e vazia”* porque **“se tornou”** sem forma e vazia. Facto que faz subentender ter havido um colapso na criação de Deus com a queda de um terço dos seres angelicais, pela rebelião encabeçada por este líder, Lúcifer.

**«E viu-se outro sinal no céu, e eis que era um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres e, sobre as cabeças, sete diademas. E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu e lançou-as sobre a terra; e o dragão parou diante da mulher que havia de dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe tragasse o filho.»** (Apocalipse 12:3-4)

Também a Epístola aos Hebreus tem uma expressão que é muito significativa neste contexto:

«Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos; mas, em certo lugar, testificou alguém, dizendo: Que é o homem, para que dele te lembres? Ou o filho do homem, para que o visites?»

«Porque, na verdade, ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão.»

(Hebreus 2:5-6, 16)

O tema da Epístola é o “mundo futuro” e como ele foi entregue ao homem e ao filho do homem. Prova desse cumprimento é o facto do Senhor Jesus Cristo, como verdadeiro Homem, ter vencido a morte, ter destruído o que tem o império da morte, e estar assentado no trono de Deus, coroado de toda a honra e glória. E isso contrasta com o domínio actual de Satanás e das suas hostes no mundo (I João 5:19) e do eventual reino passado, que faz subentender ter sido entregue aos anjos, mas que eles ficaram reprovados e caíram por desejaram mais do que lhes fora permitido: ser como Deus no trono de Deus:

«Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, e, acima das estrelas de Deus, exaltarei o meu trono, e, no monte da congregação, me assentarei, da banda dos lados do Norte. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo. E, contudo, levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo.» (Isaías 14:12-15).

«Tu és o aferidor da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura. Estavas no Éden, jardim de Deus; toda pedra preciosa era a tua cobertura: a sardónia, o topázio, o diamante, a turquesa, o ónix, o jaspe, a safira, o carbúnculo, a esmeralda e o ouro; a obra dos teus tambores e dos teus pífaros estava em ti; no dia em que foste criado, foram preparados. Tu eras querubim ungido para proteger, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio, se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer, ó querubim protector, entre pedras afogueadas. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti. Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio, profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu a ti, e te tornei em cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que te vêem. Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti; em grande espanto te tornaste e nunca mais serás para sempre.» (Ezequiel 28:12-19).

O momento aqui referenciado leva-nos a um período remoto, anterior à criação humana, e que seria na terra, como nos faz entender os textos citados. É certo que os textos se referem ao anticristo e terão uma aplicação directa no período da grande tribulação, depois do arrebatamento da Igreja “Corpo de Cristo” e quando a Profecia for reatada para cumprimento dos eventos que ainda restam. No entanto, a linguagem do Senhor é de um ser que já existia antes de se manifestar no reino do anticristo. Ou seja, é uma referência a Lúcifer na sua fase pretérita da sua queda e da criação do homem. Uma vez que, Romanos 5: 12 – **«Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo...»** diz que a origem do pecado não foi o homem, mas, simplesmente, que por ele entrou no mundo!

Isto explica, também, a inimizade existente entre Satanás e a mulher e entre a semente da Satanás (o anjo do abismo, o anticristo) e a Semente da mulher: o Senhor Jesus Cristo:

**«E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.»** (Génesis 3:15)<sup>10</sup>

Esse confronto das sementes será travado na vinda do Senhor Jesus Cristo em poder e glória, quando o nosso **«*Senhor desfará pelo assopro da sua boca e aniquilará pelo esplendor da sua vinda*»** o iníquo (II Tessalonissenses 2:8), e limpará a terra de todo o domínio maligno. Deve-se à simples razão do domínio da terra – que é suposto ter pertencido a Lúcifer antes da criação do homem e, por causa do seu pecado, foi-lhe retirado o seu principado e entregue ao homem.

Tudo isto para dizer que, a terra que agora existe, foi retirada das águas. Com a queda do “querubim ungido” o Senhor Deus expulsou-o do seu lugar principesco e retirou todas as possibilidades de habitabilidade desse espaço para aquela criatura. Esse lugar inicial está escondido algures nas profundezas dos oceanos, no mais profundo dos abismos. E, para intensificar essa impossibilidade o Senhor fez com que as águas cobrissem a face do abismo. As águas... os mares cobriam toda a face da terra, de modo que não havia lugar algum que pudesse ser habitado.

Dizem, com alguma propriedade, que as águas existentes cobrem as civilizações passadas afectadas pelo pecado. Primeiramente, a civilização de

<sup>10</sup> Génesis 3:15 é o princípio da Profecia directa para o Mundo, que se vai concretizar na vinda do Senhor Jesus Cristo em poder e glória, no estabelecimento do seu Reino Milenial, o reino prometido por todos os profetas. Toda essa revelação iria ser feita progressivamente pelos profetas até ao momento da sua concretização.

Lúcifer que foi coberta pelas águas do abismo (Isaías 14:15); depois a civilização antediluviana (II Pedro 3:6).

Génesis 1:3 a 2:3 faz a descrição de re-criação da terra, ou seja, o Senhor restaura todas as coisas que ficaram afectadas pela queda de Lúcifer. Esta intervenção de Deus não se define como uma criação do nada, pois isso aconteceu no momento descrito no verso um. A nova criação que o Senhor Deus está a realizar tem aspectos naturais distintos do *Jardim do Éden* inicial. Neste sentido o Senhor intervém restaurando, criando e reestruturando a criação, adaptando-a agora com condições novas e diferentes, para ser confiada a novas e diferentes criaturas: o ser humano.

Então o Espírito Santo interveio e fez imergir a criação das águas para uma nova vida (Génesis 1:2-13), como se dum baptismo se tratasse. O mergulho fala de morte pelo pecado e o levantar transmite a ideia de uma nova vida. O terceiro dia da criação tipifica o dia do ressurgimento (I Coríntios 15:4).

**«E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca. E assim foi...»**

**«E viu Deus que era bom. E foi a tarde e a manhã: o dia terceiro.»**  
(Génesis 1:9-13)

As águas representam o castigo de Deus sobre o pecado. Exactamente como o Senhor se referiu à sua morte em substituição do pecado, quando foi feito pecado por nós:

**«Sobre mim pesa a tua cólera; tu me abateste com todas as tuas ondas. (Selá)»** (Salmos 88:7 – vide: 42:7).

Mas, o surgir das águas representava a nova vida.

Pelas palavras do Senhor a Nicodemos: **“Nascer da água e do Espírito”** (João 3:5), a criação estava a nascer para o Reino de Deus. Deus tinha um plano para a terra que seria concretizado com o homem. E, não tivesse ele pecado, esse plano seria concretizado em Adão e na sua descendência. Mas, na oculta mente de Deus estava um trajecto distinto e uma forma diversa do seu cumprimento: as coisas seriam realizadas através do Seu Filho, o Senhor Jesus Cristo. No entanto, o princípio para o estabelecimento do Reino é consagrado nos primórdios da criação de Deus: *nascer da água e do Espírito*.



## 5.2 - O Baptismo da Raça Humana

“Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem...” (Gén. 6:3);

«Os quais em outro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela (gr. “*dia*”, ou seja: “*através*”) água, que também, como uma verdadeira figura, agora vos salva, baptismo, não do despojamento da imundície da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo.» (1 Ped. 3:20-21).

O baptismo que temos aqui referido é o dilúvio. E, se por um lado o dilúvio serviu para condenar e extirpar o pecado e a corrupção existente nos dias de Noé, o mesmo dilúvio serviu para os livrar da mesma corrupção, cortando com o passado. E, nestes termos, o dilúvio foi como um verdadeiro baptismo que permitiu a Noé e à sua descendência começar uma nova vida, entrando num novo reino, como sendo a renovação do projecto de Deus para a humanidade.

Depois da criação de Adão e Eva, e do Senhor Deus os ter colocado no jardim do Éden, para o cuidar e guardar, não se fez esperar a investida de Satanás – outrora Lúcifer, ou “querubim unguido” – para fazer cair o homem e tentar impossibilitar o cumprimento do Plano de Deus para o homem e para a terra.

Adão era o Senhor da terra. Hebreus 2:5-6, 16, supra citado, indica claramente que o propósito de Deus foi entregar o mundo ao homem. No entanto, como o homem deu ouvidos a Satanás, numa atitude de rebelião e insujeição às instruções divinas, o Senhor expulsou-o da sede do Reino da terra – o Jardim do Éden – e o domínio da terra ficou a ser exercido por Satanás e pelas suas hostes, numa tentativa de reaver o domínio que havia tido na terra original no período anterior à criação do homem. Facto com que o Senhor Jesus Cristo foi confrontado na tentação do deserto e que não contestou:

«E o diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe, num momento de tempo, todos os reinos do mundo. E disse-lhe o diabo: Dar-te-ei a ti todo este

**poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero. Portanto, se tu me adorares, tudo será teu.»** (Lucas 4:5-7)

Entenda-se que as palavras «*porque a mim me foi entregue*» não se refere a Deus mas a Adão. E, Adão pode fazê-lo porque ele era o senhor de tudo (Gênesis 1:26-28).

Com o domínio da terra entregue a Satanás muito facilmente a corrupção da humanidade se alastraria e impossibilitaria o cumprimento dos planos de Deus para o homem. Satanás estava empenhado em destruir a descendência de Adão, corrompendo o ser humano moralmente e fisicamente, alterando o gênero humano com a união dos “*filhos de Deus com as filhas dos homens*”. A raça que resultava desta união era de um ser híbrido: um ser humano totalmente alterado:

**«Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram.»**

**«Havia, naqueles dias, gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus entraram às filhas dos homens e delas geraram filhos; estes eram os valentes que houve na antiguidade, os varões de fama. E viu o SENHOR que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente.»** (Gênesis 6:2, 4-5).

Esta mentalidade influenciou toda a humanidade de forma que todos queriam ter uma descendência de homens valentes e poderosos. Os meios e a forma de o conseguirem estavam ao alcance de todos. Como consequência disso, a maldade, a corrupção e os conflitos tinham-se alastrado pela face de toda a terra.

Segundo indica o texto sagrado, os gigantes (hebraico: “Nephilin”, ou seja, caídos)<sup>11</sup> percorriam a terra. O contexto aponta para que eles fossem os mesmos denominados “filhos de Deus” (hebraico: “Elohim”, deuses), citados no versículo 2 e 4.<sup>12</sup> Esses gigantes, ou *nephilins* ou seres caídos, poderão ser os mesmos que

<sup>11</sup> Gênesis 6:4. “Hebraico *nephiyl, nef-enguia*’, ou *nephil*, do Hebraico *naphal, cair, lançado abaixo, assim como um feller, i.e. um tiranize ou tirano, gigantesco.*” (Jim I. Cornwel). Seria aquilo que hoje nós designamos como “seres geneticamente alterados”. Receio que o que temos vindo a assistir no domínio da genética humana seja uma forma diferente de repetição de Gênesis 6. Não foi o que o Senhor tinha dito dos últimos dias?

<sup>12</sup> Gênesis 6:1-2, 4 pode referir-se a anjos (neste caso eles teriam caído) ou a demónio possuindo indivíduos; outros vêem estes “os filhos de Deus” como reis, juizes ou príncipes. Job 1:6, 2:1, 38:7 e Salmo 89:6 conota os filhos de Deus a anjos como tal. Os “Elohim”, ou seja, os filhos de Deus (possivelmente anjos), controlavam os elementos da natureza, a ciência, a matemática, a filosófica, a psíquica muito para além da nossa compreensão hoje. Job 38:7 indica que “os filhos de Deus” (heb. “ben”), “*rejublavam com um canto de alegria*”. (Idem). O Salmo 82:1 e 6 usa o termo “deuses” (heb. “Elohim”) como se referindo a anjos. Também poderá ser aplicado a príncipes ou iminentes. O Senhor em João 10:34-35 aplica aquele texto a seres angelicais e a seres humanos. Notem, ainda, que o Senhor não pôs de parte a possibilidade desta união, quando disse: «**Porque, na ressurreição, nem casam, nem são dados em casamento; mas serão como os anjos no céu.**» (Mateus 22:30). O que não descarta a possibilidade de ser diferente “na terra”, como terá acontecido!

Judas e Pedro referem nas suas epístolas, “*os anjos que não guardaram o seu principado*” (Judas 1:6; II Pedro 2:4) e se uniram às filhas dos homens. Da sua união, isto é, de seres de naturezas distintas, resultou uma estirpe totalmente distinta, de modo que a promessa de Deus em salvar a humanidade com a “semente da mulher” se tornava inviável.

Face ao estado degradado e degradante da humanidade e da raça humana só havia uma possibilidade: destruir toda a raça humana. E foi isto que o Senhor fez:

**«E disse o SENHOR: Destruirei, de sobre a face da terra, o homem que criei, desde o homem até ao animal, até ao réptil e até à ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito. Noé, porém, achou graça aos olhos do SENHOR.»** (Génesis 6:7-8)

O Senhor viu em Noé a possibilidade de concretizar as suas promessas feitas a Adão e à sua descendência, através da semente da mulher. Assim, o Senhor guardou a Noé e à sua família e destruiu toda a raça humana com um dilúvio mundial.

O dilúvio representava o juízo de Deus sobre o pecado da humanidade de então. E esse juízo caiu sobre toda a alma existente, incluindo Noé e a sua família. No entanto, em relação a eles, estavam protegidos pela arca.

Este baptismo de Noé representava o Baptismo de Cristo: não o baptismo na água, mas o baptismo na sua morte, como Ele mesmo disse:

**«Importa, porém, que eu seja baptizado com um certo baptismo, e como me angustio até que venha a cumprir-se!»** (Lucas 12:50)

O Senhor referia-se ao baptismo da sua morte.

O Senhor referiu-se ao mesmo baptismo – se bem que com outro sentido e valor – quando se referiu à morte prematura dos discípulos, como “mártires”!

**«Jesus, porém, respondendo, disse: Não sabeis o que pedis; podeis vós beber o cálice que eu hei de beber e ser baptizados com o baptismo com que eu sou baptizado? Dizem-lhe eles: Podemos. E diz-lhes ele: Na verdade bebereis o meu cálice, mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não me pertence dá-lo, mas é para aqueles para quem meu Pai o tem preparado.»** (Mateus 20:22-23)

Aquele baptismo de Noé representava o baptismo da morte de Cristo, de forma que, assim como aqueles que estavam na arca se salvaram – se bem que a arca é que suportou todo o castigo do juízo de Deus – todos aqueles que estão em Cristo são salvos, porque Ele já suportou o castigo da ira de Deus que haveria de cair – e ainda vai cair na grande tribulação – sobre a humanidade incrédula e corrompida pelo pecado.

É interessante notar que é dito por Pedro: “*Se salvaram pela água*”. A mesma água que destruiu a humanidade corrompida, foi a água que os salvou. No caso concreto, salvou-os de uma geração corrompida e perversa. A mesma linguagem foi utilizada por Pedro no Pentecostes: ele apelava aos judeus para se arrependerem, pelo baptismo, e assim escaparem do castigo que estava para cair sobre a humanidade (e ainda cairá na G. T.; Actos 2:38-40).

### 5.3 – O Baptismo da Nação de Israel

Todas as esperanças depositadas na nova geração – a geração pós-diluviana – foram goradas. Noé não tardou em revelar a sua fraqueza, à semelhança do que acontecera cerca de mil e quatrocentos anos antes, com Adão. Embriagou-se e pecou diante de seus filhos. Isso foi o mote daquilo iria caracterizar a posteridade da sua geração e que viria a culminar na degeneração de Babel, sob a liderança de Nimrod (Gênesis 11): ignorar o conhecimento que tinham de Deus, entregar-se a todo o tipo de vaidades, corromper-se com todo o tipo de pecados (Romanos 1:18-32). Sob a liderança de Nimrod, chefe político e militar, o primeiro imperador mundial conhecido, a descendência de Noé enceta a primeira revolta declarada contra Deus e contra os seus propósitos (Gênesis 10:8-12). Este império de Nimrod tinha a sua sede em Babel (Gênesis 11:1-9), e se tornou num dos principais símbolos do que será o império do anticristo na GT. Nimrod, ele próprio, é um dos principais precursores do anticristo. Mas, a resposta divina não se fez esperar: O Senhor confundiu as línguas e dispersou os povos pela face de toda a terra.

Temos, então, aqui, o princípio de todas as gentes – ou a origem dos gentios. É o mesmo que dizer: as gentes que optaram viver ignorando Deus e de costas voltadas para Deus, à semelhança do que acontecera com a geração antediluviana, a geração de Caim, que optou viver longe da face do Senhor e habitar nas terras de Node, que significa, as “*terras do exílio*” (Gênesis 5:15-16). A consequência natural dessa opção foi a degeneração total. O fim já o conhecemos: a destruição da humanidade corrompida.

Mas, os propósitos de Deus para o mundo teriam de ser cumpridos. E como? Através de quem?

Deus decide abrir mais uma página no seu programa para o mundo, no seu programa terreno. Deus chama Abraão de entre do império de Nimrod, Ur dos Caldeus, que pertencia ao território do líder da rebelião contra Deus; chama-o para sair dali e ir para uma nova terra, porque tinha para ele e para a sua descendência um novo plano de vida.

Com a chamada de Abraão, e a constituição do povo Hebreu, assistimos à introdução de um novo sistema no propósito de Deus para a humanidade, mas

sempre no âmbito e no seguimento do plano inicial: restaurar a terra dos efeitos do pecado e remover o pecado, com a introdução de um novo reino: o Reino Messiânico.

Não obstante Abraão ser o pai da nação por quem os propósitos de Deus seriam realizados, a fundação da nação só seria constituída quatrocentos e trinta anos mais tarde, quando a nação fosse remida e libertada do Egipto, através de Moisés (Gálatas 3:16-18).

No entanto, e porque este sistema seria a resposta divina ao fracasso do governo humano operado pelos descendentes directos de Noé e seus filhos, haveria necessidade de ser aplicado um novo baptismo, para que fossem cortados com o passado e dessem lugar à Era renovada. Esse baptismo foi o baptismo de Moisés:

**«Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem; e todos passaram pelo mar, e todos foram baptizados em Moisés, na nuvem e no mar...» (I Cor. 10:2).**

A passagem de Israel pelo Mar Vermelho representava o seu baptismo e a passagem para uma nova ordem de Deus para a terra. Este “**novo nascimento**” tornava Israel numa nação sacerdotal, e povo exclusivo de Deus:

**«Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes o meu concerto, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha. E vós me sereis reino sacerdotal e povo santo.» (Êxo. 19:5-8).**

À semelhança do que o Senhor havia dito a Nicodemos, Israel recebeu o baptismo da água e do Espírito, no mar e na nuvem. Com estes baptismos Israel nasceu de novo, passou a ser o povo exclusivo de Deus e foi chamado de filho primogénito de Deus. Este título permitia que recebessem a herança de Deus: o domínio de Deus sobre as nações mundiais. Eles seriam o canal ou o meio de acesso dos povos a Deus. Os gentios estavam separados de Deus desde a Babel de Nimrod, e Israel era o único povo que tinha comunhão com Deus. Amos escreve:

**«De todas as famílias da terra a vós somente conheci; portanto, todas as vossas injustiças visitarei sobre vós.» (Amos 3:2)**

Convém ter em atenção, também, que este baptismo em Moisés representava o grande baptismo que Deus queria baptizar a nação de Israel em Cristo, como seu Messias e prepará-la para o Reino Milenial. Nenhum israelita “mergulhou” em Moisés, mas na nuvem e nas águas do Mar Vermelho. No entanto, como Moisés

era o seu líder, a sua identificação com Moisés outorgou a todos os outros aquela participação.

A referência que o Apóstolo Paulo faz ao baptismo em Moisés é dupla: é o baptismo na nuvem e o baptismo na água. Esses dois baptismos representavam os dois baptismos em Cristo: o baptismo do Espírito (Nuvem) e o baptismo do novo nascimento (água), que começou a ser ministrado por João Baptista – a título de preparação – depois pelos discípulos do Senhor antes da Sua morte, e, depois ainda, pelos apóstolos da ressurreição – os doze Apóstolos.

### 5.3.1 - A Doutrina dos Baptismos

A Nação de Israel é, por excelência, a nação dos baptismos. A este povo é que foi dada a “**doutrina dos baptismos**”. Todas as instruções de Deus para esta nação envolvia lavagens ou baptismos, e a sua vocação assentava num grande baptismo: *primeiramente da nação e, depois, do remanescente de Israel.*

Os baptismos, ou as lavagens estavam relacionadas com a purificação do povo para estarem aptos para o serviço de Deus. A nação de Israel era, indubitavelmente a **Nação dos Baptismos**. E pelo uso, ocorrências e aplicações das suas referências, os baptismos era a base de todo o programa divino para o Reino Messiânico. Assim, lemos das **lavagens de purificação dos sacerdotes** para o ministério (Êxo. 29:4; Lev. 8:6), das **lavagens da purificação dos levitas** para o seu serviço (Núm. 8:7), da **lavagem do sumo-sacerdote** no grande dia da expiação (Lev. 16:4), da **lavagem das pessoas imundas** (Lev. 15:5-11), entre outras lavagens ou baptismos que faziam parte do cerimonial judaico. Era, em suma, a **água da separação** aplicada ao serviço deste povo, para se poder aproximar do seu Deus (Num. 19).

«... Dando nisso a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santuário não estava descoberto, enquanto se conservava em pé o primeiro tabernáculo, que é uma alegoria para o tempo presente, em que se oferecem dons e sacrifícios que, quanto à consciência, não podem aperfeiçoar aquele que faz o serviço, consistindo somente em manjares, e bebidas, e várias abluções (Gr. “baptismos”) e justificações da carne, impostas até ao tempo da correção. Mas, vindo Cristo, o sumo-sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerras, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efectuado uma eterna redenção.» (Hebreus 9:8-12)



### 5.3.2 - A Nação Sacerdotal

Em Israel havia uma tribo que conduzia o povo a Deus, a tribo sacerdotal, que era Levi. No entanto, nem todos em Levi tinham essa vocação: só uma família, a família de Aarão é que tinha esta responsabilidade e privilégio. No entanto, esta situação e orgânica estabelecida por Deus para este povo era transitória, porque o propósito de Deus para Israel era fazer deles todos uma nação sacerdotal.

O sacerdote era o representante do povo diante de Deus. E o propósito que Deus tinha, e tem, para Israel, é fazer deles um povo sacerdotal, que sirva de intermediário entre Ele e as nações:

**“Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes os meus mandamentos (o concerto), então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha, e vós sereis um reino sacerdotal, e um povo santo.”** (Êxo. 19:5-6).

No entanto, isso só seria cumprido no tempo certo de Deus, com a presença do Messias, e só no remanescente de Israel.

E ainda:

**“Mas vós sereis chamados sacerdotes do Senhor, e vos chamarão ministros de nosso Deus”** (Isa. 61:6).

Ou seja, no Reino assim acontecerá: as portas da nova Jerusalém têm lá escritos os nomes das doze tribos de Israel (Apo. 21:12), e se cumprirá as promessas feitas a Abraão:

**«Ora, o SENHOR disse a Abrão: Sai-te da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra.»** (Gén. 12:1-2).

E como esta vocação era nacional, quando chegou o momento – o cumprimento dos tempos – em que o Messias ia ser manifestado a Israel, toda a nação deveria estar preparada para o Reino. Assim, não apenas os imundos ou os sacerdotes eram chamados a esta lavagem, mas todo o povo. E, como o Messias estava presente, e o Reino próximo, estava eminente o cumprimento de todas as

profecias. Assim se compreende a mensagem e a vocação de João Baptista: chamar Israel ao arrependimento e à purificação.

1. O Baptismo na água e a manifestação do Messias:

«E eu não o conhecia, mas, para que ele fosse manifestado a Israel, vim eu, por isso, batizando com água.» (João 1:31);

2. O Baptismo na água como o novo nascimento da Nação de Israel:

«Jesus respondeu e disse-lhe: **Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus. Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura, pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer? Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo.**» (João 3:3-7)

Segundo Êxodo 29:4 e Levítico 8:6 o primeiro rito a ser realizado na consagração de um sacerdote ao seu ministério era a lavagem com água. Isso falava da necessidade da sua purificação antes de se apresentar diante do seu Rei. Daí se compreender o ministério de João Baptista: preparar a nação para estar diante do seu Messias (Marcos 1:1-5).

Por isso, adiantamos desde já dois pontos importantes:

1. O baptismo na água é um baptismo exclusivamente para a Nação de Israel;
2. O baptismo na água e, por conseguinte, o novo nascimento de Israel, embora tenha havido o propósito de Deus em cumprir todas as promessas Abraâmicas em toda a nação, essas promessas só se cumpriram no remanescente (Isaías 6; Romanos 11).

### 5.3.3 – O Propósito do Baptismo na Água

Que o baptismo na água tinha a ver com a nação de Israel e com o propósito de Deus para aquela nação, não temos qualquer dúvida. Vejamos demonstrações disso:

**«E eu não o conhecia, mas, para que ele fosse manifestado a Israel, vim eu, por isso, baptizando com água.»** (João 1:31);

**«<sup>33</sup> E eu não o conhecia, mas o que me mandou a baptizar com água, esse me disse: Sobre aquele que vires descer o Espírito e sobre ele repousar, esse é o que baptiza com o Espírito Santo. <sup>34</sup> E eu vi e tenho testificado que este é o Filho de Deus.»** (Idem, 1:33-34).

O objectivo do baptismo visava a manifestação do Filho de Deus, já que Ele baptizaria com o Espírito Santo. O propósito final do baptismo na água apontava para o derramamento do Espírito Santo sobre a nação de Israel, que consistia em “receberem o espírito de filhos” de Deus (Gálatas 4), e dessa forma atingiriam a maturidade que os capacitaria juridicamente para entrarem na posse da herança de Deus, como filhos adultos.

Mas Israel não estava preparado. Não estava preparado para receber o Filho de Deus, nem para receberem o Espírito de Deus, nem entrarem na posse da herança de Deus.

Por essa razão Deus enviou João baptista, como precursor do Messias, para preparar o Seu caminho para se manifestar a Israel.

Outra forma de expor este propósito é a seguinte:

Deus pretende fazer de Israel – toda a nação de Israel – uma nação sacerdotal. Isto quer dizer que Israel seria o mediador entre Deus e o mundo. Os gentios estavam afastados de Deus e Israel seria o meio pelo qual Deus abençoaria a mundo. Este foi o plano revelado por Deus quando chamou a Abraão (Génesis 12) e se concretizará, ainda (Romanos 11:12; 25-29).

**“Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes os meus mandamentos (o concerto), então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha, e vós sereis um reino sacerdotal, e um povo santo.”** (Êxodo 19:5-6).

E ainda:

**“Mas vós sereis chamados sacerdotes do Senhor, e vos chamarão ministros de nosso Deus”** (Isaías 61:6).

Facto que se cumprirá no remanescente de Israel, futuramente:

**«Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anunciéis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.»** (I Pedro 2:9).<sup>13</sup>

**«5 Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados, 6 e nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai, a ele, glória e poder para todo o sempre. Amém!»** (Apocalipse 1).

**«E para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra.»** (Idem 5:10).

A ideia será a que foi expressa por Deus no monte Sinai e narrada em Êxodo 19:5 e 6: fazer de Israel um reino e sacerdotes, ou um reino sacerdotal, ou uma nação de sacerdotes.

Esse desejo já tinha sido expresso por Moisés, quando disse:

**«Porém Moisés lhe disse: Tens tu ciúmes por mim? Tomara que todo o povo do SENHOR fosse profeta, que o SENHOR lhes desse o seu Espírito!»** (Números 11:29).

Assim, o propósito do baptismo na água visava chamar Israel para a lavagem sacerdotal e preparar a nação para entrar na posse do Reino. O papel de Israel será conduzir o mundo a Deus, como o sacerdote fazia no tabernáculo e no templo com o povo israelita.

**«Ó vós todos os que tendes sede, vinde às águas...»** (Isaías 55:1).

E tão certo era isto que o Senhor tinha dito a Nicodemos:

**«Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus.»** (João 3:5).

---

<sup>13</sup> Notem que Pedro está a falar aos judeus dispersos: I Pedro 1:1.

## 6. O BAPTISMO NO REINO MESSIÂNICO

### 6.1 – Na Preparação do Caminho Messiânico

Israel, na representação dos seus líderes, tendo violado gravemente o concerto com Deus, fez com que o Senhor abandonasse Jerusalém e o templo (I Reis 8:10-11; Isaías 6:1; Salmo. 47:8 com Ezequiel 1-12). A primeira demonstração disso foi a destruição do templo de Jerusalém pelos babilônicos. Segundo as profecias de Daniel isso seria o prenúncio do que iria suceder no futuro.

Será interessante atentarmos para o facto de, quando Israel estava a conquistar a terra prometida, o Senhor fora chamado de “**Senhor de toda a terra**” (Josué 3:11, 13; Salmo 97:5). Entretanto, quando Israel perdeu o domínio político sobre a terra da Palestina, o Senhor fora chamado de “**Senhor do céu**” (Daniel 5:23). Deus estava longe e não podia identificar-se com uma nação pecadora; uma nação que se tinha tornado pior que os próprios gentios que não conheciam a Deus. Por essa mesma razão, foram eles desterrados das suas cidades e deportados para a Assíria, primeiramente, depois para a Babilónia e, ainda depois, por todas as nações.

No entanto, Deus tinha prometido que isso não seria definitivo, mas que nos últimos dias, com a vinda do Messias, a nação seria libertada e restaurada à sua primeira condição, e na qual seria estabelecido o Reino prometido aos Pais. Esses últimos dias, porém, coincidiriam com a vinda do seu Rei (Daniel 2:18-19, 28, 37; capítulo 9; Neemias 1:4-5; Isaías 61; Zacarias 12; Jeremias 23:6; Romanos 11:26-29). Entrementes, já com a manifestação do Senhor Jesus Cristo a Israel, o título do Senhor fora novamente retomado como o Senhor do céu e da terra (Mateus 11:25; Lucas 10:21).

Neste cenário de apostasia espiritual, e para dar início aos acontecimentos dos últimos dias, apareceu **João Baptista**, com uma mensagem específica, perfeitamente identificada e restrita no quadro profético:

**“Como está escrito pelo profeta Isaías: eis que eu envio o meu anjo ante a minha face, o qual preparará o teu caminho diante de ti. Voz do que clama no deserto, preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.**

**Apareceu João baptizando no deserto, e pregando o baptismo do arrependimento, para remissão dos pecados. E toda a província da Judeia e os de Jerusalém iam ter com ele; e todos eram baptizados por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados”** (Mar. 1:2-5).

Tinham chegado os últimos dias. De acordo com os “*momentos*” da Profecia, o facto para o que todos os profetas apontavam estava a escassos dez anos de ser cumprido (Daniel 12:7), ou seja, se quisermos lembrar:

- Extinguir a Transgressão (Daniel 9);
- A purificação do santuário (Idem; Ezequiel 40-46);
- Extinguir a transgressão e o pecado (Idem);
- Expiar a iniquidade (Idem);
- Trazer a Justiça eterna (Idem; Malaquias 4:2);
- O Tempo da Regeneração (Mateus 19:28);
- O Tempo da Restauração (Actos 1:6; 3:21);
- O Tempo de Refrigério (Actos 3:21; Ezequiel 47; Apocalipse 22);
- O Estabelecimento do Trono da Glória do Messias (Mateus 25:1; Apocalipse 11:15);

No entanto, a nação que deveria estar preparada para receber o seu Messias, e também como a profecia previa, ela estava incrédula e em trevas. O Messias queria nascer e não tinha lugar (Lucas 2); queria viver e não tinha onde reclinar a sua cabeça (Lucas 9:58); foi para o que era seu e os seus não o receberam (João 1:11); apresentou-se em Jerusalém, na capital do Reino e os seus líderes o crucificaram (Lucas 23:33). Este é o contexto em que João Baptista é enviado por Deus a Israel e seu povo (João 1:6).

João Baptista tinha esta comissão exclusiva: baptizar. Era desta forma que ele preparava o caminho para o Rei, **baptizando**, ou seja, chamar o povo de Israel, que estava longe de Deus, ao arrependimento. E ele mesmo diz:

**«E eu não o conhecia<sup>14</sup>, mas, para que Ele fosse manifestado a Israel, vim eu, por isso baptizando com água...»**

<sup>14</sup> “Não o conhecia” e é compreensível. João Baptista vivia nas montanhas da Judeia (Lucas 1:29) e desde pequeno o Espírito Santo o conduzia ao deserto, onde esteve até se manifestar a Israel (Lucas 1:66, 80). O Senhor Jesus Cristo vivia na Galileia, em Nazaré, onde se manteve até se manifestar a Israel, ou seja, no outro extremo do território da Palestina (Lucas 1:26; 2:39-41; Mateus 2:19-23). Mas, na eventualidade de se conhecerem pessoalmente, o que seria crível por serem primos, provavelmente “não o conhecia” como Messias. Durante trinta anos ninguém se apercebeu que o Deus de Israel estava entre eles, e vivia como um simples ser humano. Só quando o Senhor se apresentou para ser baptizado é que João o identificou, por instrução divina, e relacionou as duas pessoas, que era uma só: O Senhor Jesus e o “*Emanu-El*”. Mas, este tipo de comportamento, que podemos chamar de distracção, aconteceu com os seus irmãos e com Maria (João 7:1-9; Marcos 3:20-21; 31-35).

«E eu não o conhecia, mas o que me mandou a baptizar com água, esse me disse: Sobre aquele que vires descer o Espírito e sobre ele repousar, esse é o que baptiza com o Espírito Santo. E eu vi e tenho testificado que este é o Filho de Deus.» (Joa. 1:31-34).

«Digo, pois, que Jesus Cristo foi ministro da circuncisão, por causa da verdade de Deus, para que confirmasse as promessas feitas aos pais.» (Romanos 15:8)

Mas, o mais sintomático destes factos, é que todo o povo relacionava esta comissão de João com a vinda do Cristo, pois, todos iam ter com ele e lhe perguntavam: «**Quem és tu? Por que baptizas, pois, se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?**» (Joa. 1:19-20,25).

E dizia: “E eu, em verdade vos baptizo com água para o arrependimento; mas, aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu... Ele vos baptizará com o Espírito Santo e fogo” (Mateus 3:11).

Na linguagem do Senhor Jesus Cristo, a Profecia começou a cumprir-se com o ministério de João Baptista:

«E, desde os dias de João Batista até agora, se faz violência ao Reino dos céus, e pela força se apoderam dele. Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir.» (Mateus 11:1-14)

Ou seja, os profetas e a Lei anunciaram o que haveria de vir; a partir de João Baptista começamos a ver o cumprimento de tudo quanto aqueles anunciaram.

«A Lei e os Profetas duraram até João; desde então, é anunciado o Reino de Deus, e todo homem emprega força para entrar nele. E é mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da Lei.» (Lucas 16:16-17).

«E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem, então, os escribas que é mister que Elias venha primeiro? E Jesus, respondendo, disse-lhes: Em verdade Elias virá primeiro e restaurará todas as coisas. Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do Homem. Então, entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista.» (Mateus 17:10-13).

### 6.1.1 - A Mensagem de João Baptista

A. Esta era a mensagem de João Baptista:

**«Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus...»** (Mateus 3:1-2).

Vejam a Comissão de João Baptista:

1. Enviado por Deus (João 1:6);
2. Enviado a baptizar (João 1:33);
3. A Mensagem de João Baptista – O Evangelho que pregava – era o “Baptismo de Arrependimento” (Marcos 1:4);
4. Esta Mensagem tinha a ver com a preparação do Caminho do Rei (Marcos 1:3);
5. Objectivo da Mensagem tinha a ver com a manifestação do Messias a Israel (João 1:31; Mateus 3:3);
6. A Mensagem de João Baptista tinha a ver com o Reino (Mateus 3:1-3);
7. As almas concorriam a João, confessavam os seus pecados e eram baptizadas com o baptismo do arrependimento:  
**«Então, saíam a ter com ele Jerusalém, toda a Judeia e toda a circunvizinhança do Jordão; e eram por ele baptizados no rio Jordão, confessando os seus pecados.»** (Marcos 1:5-6);

João Baptista pregava o Reino dos Céus<sup>15</sup>, mas o seu prelúdio, ou seja, como estando próximo. Mais tarde, o Senhor e os doze Apóstolos pregam o Reino como ele é, dando seguimento à mensagem de João Baptista que ficou por completar por ter sido morto... assim como o Messias, mais tarde! Em termos concretos, João Baptista pregava o baptismo que requeria arrependimento e confissão de pecados, no âmbito do Plano do Reino que seria estabelecido após a redenção de Israel. Ou, para sermos mais textuais, João Baptista pregava o arrependimento que requeria o baptismo na água para o perdão de pecados.

---

<sup>15</sup> Reino dos Céus e não Reino de Deus, uma vez que esse termo é bastante mais abrangente. Diria, universal. Reino de Deus é o governo e o domínio de Deus em todas as épocas e locais do universo. Reino dos céus, é especificamente o domínio do Senhor na terra que se reportará ao período milenial, muito frequente em Neemias, Esdras e Daniel. Está relacionado com o Deus rejeitado pelos gentios em Génesis 10-11 e, agora, pelo Povo de Israel.



## Como é que eles (povo) se arrependiam?

B. Este era o processo da salvação na Mensagem de João Baptista:

**“E todos eram batizados por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados”** (Marcos 1:5).

Por essa mesma razão é que este batismo é chamado de **batismo do arrependimento**: **“Apareceu João, batizando no deserto e pregando o batismo de arrependimento, para remissão de pecados...”** (v. 4).

Em suma, esta mensagem de João Baptista destinava-se a convocar Israel ao batismo, como demonstração do seu **arrependimento**, pelo qual **confessavam os seus pecados**, e, nessa sequência, as almas eram **remidas dos seus pecados**.

## E porquê no rio Jordão?

**«E toda a província da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém iam ter com ele; e todos eram batizados por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados.»** (Marcos 1:5)

Reportemo-nos ao que o Apóstolo Paulo disse de Israel quando, na fuga do Egito, passaram o Mar Vermelho:

**«Todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar...»** (I Coríntios 10:2)

Este batismo representava o corte com toda a vida velha de Israel no Egito. Tudo o que eles foram, toda a sua vida, forma de vida, propósito tinha ficado para trás. Tudo o que o Egito representava para eles ficava para trás. Agora, passando o Mar Vermelho, tinham pela frente uma nova vida. O Mar Vermelho era o instrumento da nova vida. Era o marco transicional para uma nova vida. Ninguém que não passasse pelo Mar Vermelho poderia entrar na nova vida e em tudo o que ela representava para o povo, que seria o Povo de Deus.

Quando Israel chegou às campinas de Moabe, diante do rio Jordão, teve necessidade de repetir os termos do Concerto de Deus com Israel (todo o livro de Deuterónimo foi lido ali). A geração era toda nova, à excepção de Josué e Caleb. E, Israel, antes de entrar na posse da herança de Deus teve de fazer algumas coisas fundamentais: (1) confirmar os termos do Concerto de Deus – Deuterónimo; (2) passar o rio Jordão – Josué 3; (3) Fazer um altar no rio Jordão e outro com as

pedras do rio Jordão no acampamento em Gilgal – Josué 4; (4) Circuncidar os varões que nasceram no deserto – Josué 5; (5) receber o Príncipe do Exército do Senhor (Josué 5).

O Jordão era representativo para o povo de Israel. Representava o princípio do gozo da promessa. Era a ombreira da porta de Deus para Israel entrar na posse da Sua herança. E, o apelo de João Baptista apontava para ali, para Josué 5, aquando da passagem do rio Jordão, com todos os episódios que ali se passaram. O Jordão representava o corte com tudo o que era velho, e o princípio de uma nova vida. Era reiterar todos compromissos assumidos com Deus no deserto do Sinai, no Monte de Deus.

“Jordão” significa “descendo do juízo”. Por isso, baptizar no rio Jordão – e não em nenhum outro lugar – representava um quadro de juízo, como ele mesmo dizia:

**«Dizia, pois, João à multidão que saía para ser baptizada por ele: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir?»** (Lucas 3:7).

A mensagem de João Baptista consistia em anunciar o iminente juízo de Deus, a Grande Tribulação, que começaria após a morte do Messias, de acordo com Daniel 9, ou seja, a pouco mais de três anos. Desta forma Israel poderia arrepender-se dos seus pecados e preparar-se para a grande perseguição que se seguiria à morte do Messias sob a liderança do anticristo, e alcançar a sua protecção (três anos e meio após a morte do Messias, quando abominação chegar ao lugar santo – Daniel 9:27; Mateus 24:15-28). O Senhor tinha prometido protecção ao seu remanescente (Salmo 46; 61, 62; 91; 121). No entanto, sabemos que Israel rejeitou a mensagem e só um pequeno número a aceitou – o remanescente, porque, o grande número do povo endureceu a sua servis e irá aceitar o enviado de Satanás, o anticristo, por quem Deus castigará a nação incrédula.

Outro facto notável tem a ver com a família de João Baptista. Este profeta era da descendência sacerdotal, filho de Zacarias, da ordem de Abias (Lucas 1:5). E, neste facto podemos relacionar a vocação de João com o papel dos sacerdotes em Israel: ir à frente, conduzindo a “Arca do Concerto do Senhor” e representar o povo diante de Deus, apresentando-o diante de Deus na substituição dos seus pecados (ver: Hebreus 5:1-4).

Se tivermos em mente o Texto Sagrado de Josué 5 notamos que os sacerdotes é que conduziram o povo à terra prometida, colocando-se no meio do rio Jordão. Nisto se resumia o ministério e a vocação de João Baptista.

**E porquê pregar no deserto? (Mateus 3:1; Marcos 1:4)**

**«E, naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judeia...»**

**«Porque este é o anunciado pelo profeta Isaías, que disse: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas.»** (Mateus 3:1).

O deserto personificava o momento da instituição da nação. No monte do Sinai, Deus fez um Concerto com o Povo de Israel, e que eles, agora, não estavam cumprindo. Se bem que o deserto não seria o mesmo, era para ali que João Baptista queria apontar: voltar ao deserto e passar pelo Jordão.

O tempo de Israel no deserto, se bem que revestido de muitas fraquezas, mesmo assim, ainda era o tempo que estava conotado com os dias mais prósperos e plenos de Israel:

**«E quarenta anos vos fiz andar pelo deserto; não se envelheceram sobre vós as vossas vestes, nem se envelheceu no teu pé o teu sapato.»** (Deuteronómio 29:5);

**«Portanto, eis que eu a atrairei, e a levarei para o deserto, e lhe falarei ao coração.»** (Oseias 2:14);

**«Eu te conheci no deserto, em terra muito seca. Depois, eles se fartaram em proporção do seu pasto; estando fartos, ensoberbeceu-se o seu coração; por isso, se esqueceram de mim.»** (Idem, 13:5-6)

**«Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egípto chamei a meu filho. Mas, como os chamavam, assim se iam da sua face...»**

**«Atraí-os com cordas humanas, com cordas de amor; e fui para eles como os que tiram o jugo de sobre as suas queixadas; e lhes dei mantimento.»** (Idem, 11:1, 4).

A mensagem de João Baptista no deserto apontava para a necessidade da nação voltar aos dias do seu nascimento, aos dias do seu encontro com Deus, juntando-os à volta do Messias e prepará-los para entrar nas “Bodas do Cordeiro” que o Pai da Família estava a preparar, como o tinha feito no deserto, com o Maná. A sua mensagem apelava ao arrependimento da nação, à confissão dos seus pecados, à lavagem das duas transgressões para se encontrarem com o seu Deus. De forma que, o baptismo que João Baptista pregava tinha a ver com o novo nascimento da Nação de Israel, ou noutras palavras, os dias da regeneração de

Israel (Mateus 19:28), como o próprio Senhor havia referido a Nicodemos, como principal da Nação:

**«Jesus respondeu e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus.»**

**«Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura, pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?»**

**«Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus.»**

**«Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo.» (João 3:3,4,5,7).**

Sublinho: “vos”. Não era, propriamente, um nascimento individual, mas colectivo. E, certamente o Senhor se referia ao ministério de João Baptista e que Ele mesmo tinha continuado (vs. 22-24). Entretanto, sabemos que a Nação de Israel rejeitou a mensagem e matou o precursor do Messias e, a Mensagem que se destinava para toda a Nação só é aceite pelo remanescente, de forma que – e como os profetas já haviam dito – as promessas de Deus para a Nação se cumprirão só no remanescente, “porque todo o Israel será salvo”, mas “nem todo o que é de Israel é israelita” (Romanos 11:26; 9:6).

### 6.1.2 - Os Efeitos do Baptismo da Água

«Apareceu João baptizando no deserto e pregando o baptismo de arrependimento, para remissão de pecados.» (Marcos 1:4).

Poderia-se questionar: que **tipo de remissão de pecados é que aqui se trata?** Aqui não temos uma remissão absoluta, nem uma salvação plena. Mas, à semelhança do que ocorria com a **expição** dos pecados realizada pelo sumo-sacerdote no dia da expiação, era uma **remissão instrumental**, ou se quisermos aplicar uma outra expressão, era uma **salvação instrumental**. Mas que salvava, salvava! Não havia outro processo instruído por Deus para o efeito. Foi isso mesmo que o Senhor disse a Nicodemos: nascer da água e do Espírito (João 3:5). Muitos tem *espiritualizado* este texto; mas, se aquilo que Deus diz, não é de facto o que quer dizer, e se Ele nada diz em contrario, quem é o homem que desdiz a Deus? Actuando e interpretando a Escritura dessa maneira não estaremos a proceder como os católicos romanos com métodos tradições? Não estaremos a interpretar as Escrituras utilizando métodos particulares como muitos das muitas instituições religiosas que se encontram afastadas da Verdade? Indubitavelmente que o Senhor se referia à mensagem que então se pregava: a mensagem de João Baptista, o baptismo do arrependimento.

Assim, o baptismo está identificado com o novo nascimento no Reino (João 3:5), com a remissão dos pecados (Marcos 1:4), com a lavagem dos pecados (Actos 22:16; João 13:10-11), com a justificação (Lucas 7:29-30), com a salvação (Marcos 16:16), e com os tempos de refrigério (Actos 2:38; 3:19).<sup>16</sup>

É claro que, não seria o baptismo em si só que operava estes resultados, mas conjuntamente com os demais rituais que faziam parte da Lei. Nem seria o baptismo em si que produzia tais efeitos, mas a fé que era revelada na obediência a tais ordenanças, à semelhança da obediência de Naamã (II Reis 4), ou do cego que foi lavar-se ao tanque de Siloé (João 9), ou das sete voltas que Israel teve de dar a Jericó (Josué 5). Será que se estes requisitos não fossem cumpridos os resultados seriam os mesmos? Era a **salvação instrumental**, e não a vicarial.

<sup>16</sup> Só o Senhor Jesus Cristo tinha poder para perdoar pecados sem o baptismo na água, como só Ele tinha autoridade para declarar o perdão de pecados sem o baptismo na água. Ele fê-lo por diversas vezes, nomeadamente ao ladrão da cruz. Na experiência do paralítico o Senhor fez questão de provar que tinha esse poder e autoridade (Marcos 2:1-12).

Vejamos alguns textos que reproduzem o tratamento de Deus com o homem nesta fase:

**«23 Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus, 24 sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, 25 ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; 26 para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.»** (Romanos 3)

**«Jesus Cristo, o Justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo.»** (I João 2:1-2)

**«Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei e encerrados para aquela fé que se havia de manifestar. De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a (Gr. “*Eis*”- Strong 1519, i.e. “para... até”) Cristo, para que, pela fé, fôssemos justificados.»** (Gálatas 3:23-24);

**«8 Dando nisso a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santuário não estava descoberto, enquanto se conservava em pé o primeiro tabernáculo, 9 que é uma alegoria para o tempo presente, em que se oferecem dons e sacrifícios que, quanto à consciência, não podem aperfeiçoar aquele que faz o serviço, 10 consistindo somente em manjares, e bebidas, e várias abluções e justificações da carne, impostas até ao tempo da correcção.»** (Hebreus 9)

Ou seja, toda a instrução de Deus neste período, coberto pelo Antigo Pacto, eram sombras da Salvação que Deus estava a providenciar para a Igreja “Corpo de Cristo” e as quais iria beneficiar Israel e o mundo. Hoje, pela revelação do Mistério do “Corpo de Cristo” sabemos que essas bênçãos espirituais foram planeadas por Deus para a Sua Igreja, antes da fundação do mundo, e que serão canalizadas para Israel e para o mundo através do “Cristo” de Deus, glorificado nos lugares celestiais (Efésios 1:3):

**«16 Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, 17 que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo.»** (Colossenses 2)

**«11 Ora, tudo isso lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos.»** (I Coríntios 10)

Assim, todos aqueles que observavam a Palavra de Deus, pelas “obras de justiça” que faziam – as obras instituídas por Deus – estavam debaixo da protecção da redenção que o Senhor Jesus Cristo iria realizar na sua vinda. A sua morte foi realizada a favor daqueles que iriam crer nela, como por todo o mundo, ou seja, por todos aqueles que em todas as épocas creriam na palavra de Deus. E, não obstante as instruções dadas naquelas épocas serem transitórias, todas elas teriam de ser seguidas à risca sob pena dos intervenientes não participarem da Salvação de Deus, pois era a revelação que havia, não havia outra. A verdade do grande mistério do “Corpo de Cristo” ainda estava por revelar. Era um segredo oculto em Deus (Colossenses 1:24-27). Hoje, com a revelação que temos podemos falar de uma maneira que aqueles crentes na sua época não podiam. E, se queremos compreender os propósitos de Deus naquelas épocas temos de nos colocar no tempo e no contexto em que elas foram reveladas e vividas.

### 6.1.3 – A Morte de João Baptista e o Ministério dos Doze Apóstolos

**«E Jesus, respondendo, disse-lhes: Em verdade Elias virá primeiro e restaurará todas as coisas. Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do Homem. Então, entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista.»** (Mateus 17:11-13).

**«E, desde os dias de João Batista até agora, se faz violência ao Reino dos céus, e pela força se apoderam dele. Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir.»** (Mateus 11:1-14)

**«E disse o Senhor: A quem, pois, compararei os homens desta geração, e a quem são semelhantes? São semelhantes aos meninos que, assentados nas praças, clamam uns aos outros e dizem: Nós vos tocamos flauta, e não dançastes; cantamos lamentações, e não chorastes. Porque veio João Batista, que não comia pão nem bebia vinho, e dizeis: Tem demónio.»** (Lucas 7:31-33)

Este foi o estado em que se tornou a Nação. Endureceu a sua servis, tapou os ouvidos e não recebeu a mensagem de João Baptista. Se bem que a Mensagem seria para toda a nação só uns quantos humildes do povo é que foram ao baptismo de João e estavam preparados para receber o Rei. A generalidade dos líderes e do povo não creu. E, quando João foi preso nada fizeram para o libertar. Pelo contrário, teria sido um alívio terem-se livrado daquela “voz” incomodativa.

**«E todo o povo que o ouviu e os publicanos, tendo sido baptizados com o baptismo de João, justificaram a Deus. Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos, não tendo sido baptizados por ele.»** (Lucas 7:29-30)

A nação de Israel rejeitou a mensagem de João Baptista e o seu ministério. O caminho do Messias que deveria ser aplanado e preparado estava pior que nunca. Inacabado e, diríamos, escabroso. É neste estado que o Messias encontra as coisas: um reino em trevas:

**«O povo que estava assentado em trevas viu uma grande luz; e aos que estavam assentados na região e sombra da morte a luz raiou.»** (Mateus 4:16).

**«Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andar­á em trevas, mas terá a luz da vida.»** (João 8:12).



Pela mesma razão o Ministério do Senhor Jesus é uma continuação e o prolongamento do ministério de João Baptista:

João Baptista: **«E, naqueles dias apareceu João Baptista, pregando no deserto da Judeia e dizendo: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus.»** (Mateus 3:1-2);

O Senhor Jesus: **«Jesus, porém, ouvindo que João estava preso, voltou para a Galileia... Desde então, começou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus.»** (Mateus 4:12-17).

E, que este ministério estava relacionado com o baptismo na água não há qualquer dúvida:

**«Jesus respondeu e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus.»**

**«Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus.»** (João 3:3-5)

**«Depois disso, foi Jesus com os seus discípulos para a terra da Judeia; e estava ali com eles e baptizava. Ora, João baptizava também em Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas; e vinham ali e eram baptizados. Porque ainda João não tinha sido lançado na prisão.»** (Idem, 3:22-24)

Estes últimos factos ocorreram na Judeia, antes de João Baptista ser preso, ou seja, antes do Senhor ir para a Galileia, conforme referimos atrás (Mateus 4:12-17). Entretanto, todas estas questões eram tratadas entre o povo que o identificava com o enviado de Deus e com o mesmo ministério de João Baptista.

**«Houve, então, uma questão entre os discípulos de João e um judeu, acerca da purificação. E foram ter com João e disseram-lhe: Rabi, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tu deste testemunho, ei-lo baptizando, e todos vão ter com ele. João respondeu e disse: O homem não pode receber coisa alguma, se lhe não for dada do céu. Vós mesmos me sois testemunhas de que disse: eu não sou o Cristo, mas sou enviado adiante dele.»** (João 3:25-28).

**«E, quando o Senhor veio a saber que os fariseus tinham ouvido que Jesus fazia e baptizava mais discípulos do que João (ainda que Jesus mesmo não baptizava, mas os seus discípulos), deixou a Judeia e foi outra vez para a Galileia.»** (Idem, 4:1-3).

**«Jesus, porém, ouvindo que João estava preso, voltou para a Galileia. E, deixando Nazaré, foi habitar em Cafarnaum, cidade marítima, nos confins de Zebulom e Naftali, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías, que diz: A terra de Zebulom e a terra de Naftali, junto ao caminho do mar,**

**além do Jordão, a Galileia das nações, o povo que estava assentado em trevas viu uma grande luz; e aos que estavam assentados na região e sombra da morte a luz raiou. Desde então, começou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus.» (Mateus 4:12-17).**

## **O Envio dos 12 e dos 70**

Porque é que o Senhor enviou os doze Apóstolos e os setenta discípulos?

Isto não é mais que o cumprimento das previsões de Deus, número que compõe a hierarquia do Reino Messiânico à imagem do instituído por Deus no tempo de Moisés (Números 11:28-29). Em Israel sempre houve doze príncipes, um por cada tribo (Êxodo 16:22; 34:31; 35:27; **Números 1:16, 44**; Capítulos 4 e 7). E, quando a Israel foi constituída como nação estes príncipes mantiveram as suas funções, agora instituídos como um colégio que actuava sobre toda a nação. Quando Israel escolheu para si um rei, este colégio de doze príncipes sempre manteve as suas funções e actuação.

Depois dos doze príncipes, e imediatamente a seguir, havia uma assembleia de setenta anciãos (Êxodo 3:16, 18; 19:7; 24:1, 9, 14; Números 11: 16, 24, 25, 30) que se manteve até ao tempo do Senhor Jesus (Mateus 16:21; 21:23; 26:3, 47, 57, 59; 27:1, 3, 12, 20; 28:12). Inclusivamente, rejeição de Israel ao seu Messias e a morte do Senhor deveu-se em grande parte à influência que este grupo exercia sobre o povo.

O ministério do Senhor Jesus Cristo consistiu, também, em escolher e preparar aqueles que iriam exercer as funções de autoridade no Seu Reino Messiânico. E fê-lo porque os príncipes e os anciãos de Israel tinham falhado irremediavelmente nas funções que exerciam, sob pena de levarem consigo todo o povo, na mesma queda. Por isso, o Senhor escolheu para si o governo que queria e os seus membros.

O grande objectivo era convocar o povo para o Reino que estava iminente. Os dias que se aproximavam eram negros e terríveis, e eles deveriam estar preparados para eles (os dias que precedem o estabelecimento do Reino é a grande tribulação e a perseguição liderada pelo anticristo – Apocalipse 11-12).

Os últimos dias tinham começado com o ministério de João Baptista. O seu cumprimento estava a seguir o que as profecias tinham previsto. O tempo para o

arrependimento e preparação da nação era escasso. E, quando tudo fazia crer que o caminho se preparava – com a afluência do povo ao baptismo de João – os líderes da nação consentem na morte do profeta.

Mas as profecias deveriam continuar o seu cumprimento. A mensagem deveria continuar a ser anunciada. O caminho do Messias deveria continuar a ser aplanado. O povo deveria continuar a ser avisado dos dias que se esperavam. E é neste sentido que o Senhor envia, primeiramente os doze e, depois, os setenta (Lucas 9-10).

E, à semelhança do que acontecera no deserto, há centenas de anos atrás, com Moisés, o Senhor não queria que somente doze, ou somente setenta, participassem da bênção que estava para vir – O Reino – com o baptismo do Espírito – mas queria que todo o povo participasse. Foi exactamente isso que Moisés disse então:

**«27 Então, correu um moço, e o anunciou a Moisés, e disse: Eldade e Medade profetizam no arraial. 28 E Josué, filho de Num, servidor de Moisés, um dos seus jovens escolhidos, respondeu e disse: Senhor meu, Moisés, proíbe-lho. 29 Porém Moisés lhe disse: Tens tu ciúmes por mim? Tomara que todo o povo do SENHOR fosse profeta, que o SENHOR lhes desse o seu Espírito!» (Números 11)**

De acordo com a profecia havia quatro eventos prévios à implantação do Reino:

- 1 – A morte do Ungido;
- 2 – O baptismo da água, ou seja, arrependimento de Israel – no remanescente;
- 3 – O baptismo do Espírito;
- 4 – O baptismo com fogo, ou seja, a grande tribulação.

A nação não poderia ser baptizada com o Espírito sem que antes se arrependesse, e passasse pela água:

**«Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna.» (João 4:14);**

**«37 E, no último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, que venha a mim e beba. 38 Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre. 39 E isso disse ele do Espírito, que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado.» (Idem, 7:37-39)**

O Reino, também não poderia ser implantado sem que antes a nação fosse baptizada com fogo, ou seja, com a disciplina de Deus (Lucas 21:30-31). E assim acontecerá com a grande tribulação de que o Senhor muito falou e para a qual preparou os seus discípulos. Quem pensa e diz que as perseguições dos crentes, a que o Senhor se referiu no seu ministério terreno, são as perseguições normais dos crentes em qualquer época, só mostra que não tem conhecimento nenhum dos dias que o Senhor vivia, nem conhecimento nenhum das profecias e dos trâmites do seu cumprimento. Pois, como temos vindo a demonstrar, ao tempo da morte do Senhor seguir-se-ia a grande tribulação (Daniel 9:26).

O Senhor nunca se apresentou a Israel como seu Rei. Ele tinha que ser rejeitado pelo povo como o Enviado de Deus, e o momento para a sua manifestação a Israel ainda não tinha chegado. Esse seria, de acordo com a profecia, em “poder e glória” (I Pedro 1:10-12).

Assim, o Senhor comissiona os doze Apóstolos e os Setenta Discípulos e os envia “somente às ovelhas perdidas da casa de Israel (Mateus 10:5-6). E, se atentarmos para a comissão entregue aos Doze constatamos que ela não difere da comissão dada a João Baptista: a mensagem é a mesma e o processo é o mesmo, como já tivemos oportunidade de fazer referência, como seja, o baptismo na água:

**«E, quando o Senhor veio a saber que os fariseus tinham ouvido que Jesus fazia e baptizava mais discípulos do que João (ainda que Jesus mesmo não baptizava, mas os seus discípulos), deixou a Judeia e foi outra vez para a Galileia.»** (Idem, 4:1-3).

**«E, indo, pregai, dizendo: É chegado o Reino dos céus.»** (Idem, 10:7);

**«E enviou-os a pregar o Reino de Deus e a curar os enfermos.»** (Lucas 9:2)

**«E curai os enfermos que nela houver e dizei-lhes: É chegado a vós o Reino de Deus.»** (Idem, 10:9).

Exactamente a mesma mensagem de João Baptista: **«Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus...»** (Mateus 3:1-2).

No entanto, havia uma pequena diferença: aos Doze Apóstolos e aos Setenta enviados foi-lhes dado poder para fazer sinais e maravilhas. E a razão era simples: eram enviados directamente pelo Rei. O poder era do Rei que lhes tinha sido outorgado. E, desta forma, não poderia ficar qualquer dúvida da legitimidade e autenticidade da sua mensagem.

Quando lemos a segunda metade dos Evangelhos notamos que Israel mantém o seu endurecimento. E porque a mensagem do Senhor não surtiu qualquer efeito Ele passou a alterar o seu discurso falando em parábolas para cumprir a profecia de

Isaías 6:9-10, **“Terem olhos para não verem, e ouvidos para não ouvirem”** (Mateus 13:13-16). E as suas parábolas eram acerca dos **“mistérios do Reino dos céus”** (Idem, 13:11), ou seja, o estado do Reino sob a perspectiva do Rei e do Reino Rejeitados.

O discurso do Senhor também se vira contra os líderes de Israel que **“não entravam nem deixavam que outros entrassem”**, e prevê que naquela geração se cumprirão as profecias dos juízos de Deus sobre a nação (Mateus 23:13):

**«Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno? Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas; e a uns deles matareis e crucificareis; e a outros deles açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade, para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas essas coisas hão de vir sobre esta geração.»** (Mateus 23:33-36).

E, quando a oferta do reino se destinava a todos, só uns quantos é que receberam a mensagem e participaram no baptismo do Espírito Santo, como mais adiante nos referiremos. Entretanto, o Senhor começa a preparar os discípulos para os dias que se seguirão: (1) a morte do Messias; (2) a sua ressurreição e ausência por um pouco de tempo (sete anos, segundo a profecia); (3) a manifestação do anticristo; (4) as perseguições e a morte de muitos milhares de crentes; (5) os doze ficarão, nesse tempo, a representar o Rei (Lucas 22:29); (6) os sinais no céu e na terra (Mateus 24); e, (7) a volta extraordinária do Senhor para reinar (Mateus 25).

E assim começou a acontecer. Os judeus e os gentios mataram o Rei. A nação que era o povo escolhido de Deus aliou-se às nações gentias para combater a Deus e ao seu Ungido:

**«Por que se amotinam as nações, e os povos imaginam coisas vãs? Os reis da terra se levantam, e os príncipes juntos se mancomunam contra o SENHOR e contra o seu unguido...»** (Salmo 2:1-2).

Pedro refere-se ao cumprimento desta profecia no seu discurso, nos dias a seguir ao Pentecostes:

**«E, ouvindo eles isto, unânimes levantaram a voz a Deus e disseram: Senhor, tu és o que fizeste o céu, e a terra, e o mar, e tudo o que neles há; que disseste pela boca de Davi, teu servo: Por que bramaram as gentes, e os povos pensaram coisas vãs?»** (Actos 4:24-25).

De facto, e de acordo com as profecias, estavam-se a viver os últimos dias. Estava iminente o fim do mundo. Os justos juízos de Deus estavam a escassos dias de serem descarregados sobre Israel e sobre o mundo impenitente. Israel não estava preparado para receber o Rei, mas estava receptivo à manifestação do anticristo, o enviado de Satanás (Apocalipse 13:4; João 5:43).

**«Mas os seus concidadãos aborreciam-no e mandaram após ele embaixadores, dizendo: Não queremos que este reine sobre nós.»** (Lucas 19:14)

**«Mas eles bradaram: Tira! Tira! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso rei? Responderam os principais dos sacerdotes: Não temos rei, senão o César.»** (João 19:15)

#### 6.1.4 – O Rei é Rejeitado e Crucificado...

A prisão de João Baptista e a sua morte, sem que o caminho estivesse preparado, são evidência de que o processo não estava a ter o trajecto desejado, no entanto as profecias estavam a ter o seu cumprimento.

O próprio João Baptista chegou a duvidar do próprio Messias, quando disse: **“És tu aquele que haveria de vir, ou esperamos outro?”** (Mateus 11:3).

E surge a questão: Se o Senhor vinha libertar o seu povo, porque é que o Seu precursor estava preso? Por quê o Senhor não o libertou? E depois de morto, porque é que o Senhor não o ressuscitou? Era uma evidência de que o Reino estava sendo rejeitado.

De facto o momento da manifestação gloriosa do Senhor ainda não tinha chegado. Era necessário o Ungido de Deus ser rejeitado e morto pelos incrédulos para limpar todos aqueles que não pertenciam ao verdadeiro Israel espiritual, o remanescente.

#### A Importância da Morte do Rei

O Reino não poderia ser implantado antes da redenção da nação de Israel e de todos aqueles que tinha morrido na esperança do Reino. No entanto, isso era algo que ainda não estava revelado. A morte do Messias estava conotada com o endurecimento de Israel e com a sua rejeição. E isso levaria à destruição total da Nação. Só não aconteceu porque o Senhor morreu por ela, como estava escrito:

**“Mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos... e pela transgressão do seu povo foi ele atingido...”** (Isaías 53).

O próprio sumo-sacerdote da época profetizou sobre isso:

**«<sup>47</sup> Depois, os principais dos sacerdotes e os fariseus formaram conselho e diziam: Que faremos? Porquanto este homem faz muitos sinais. <sup>48</sup> Se o**

deixamos assim, todos crerão nele, e virão os romanos e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação. 49 E Caifás, um deles, que era sumo-sacerdote naquele ano, lhes disse: Vós nada sabeis, 50 nem considerais que nos convém que um homem morra pelo povo e que não pereça toda a nação. 51 Ora, ele não disse isso de si mesmo, mas, sendo o sumo-sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus devia morrer pela nação. 52 E não somente pela nação, mas também para reunir em um *corpo*<sup>17</sup> os filhos de Deus que andavam dispersos. 53 Desde aquele dia, pois, consultavam-se para o matarem.» (João 11).

Porém o Senhor intercedeu pelo povo, quando disse:

«E dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. E, repartindo as suas vestes, lançaram sortes.» (Lucas 23:34)

Ou seja, se o Senhor não morresse pela nação, ela seria dizimada naqueles dias. O pecado de Israel tinha ultrapassado todos os limites e a justiça de Deus seria aplicada na destruição de toda a nação. Digamos: estava-se a passar exactamente o que tinha acontecido já no tempo de Moisés, no monte do Sinai: o pecado de Israel ia fazer com que Deus, na sua ira, destruísse toda a nação (Êxodo 32-33). Mas, a intercessão de Moisés fez com que o Senhor não actuasse daquela maneira: como o povo merecia. No entanto, mais que ali no Sinai, agora o Senhor intercede pela nação, e morre em seu lugar.

E, embora *os dons e a vocação de Deus sejam sem arrependimento* (Romanos 11:29), os que não crerem serão endurecidos e destruídos (Romanos 11:7b-10; Judas 1:5) e o Reino será entregue ao remanescente.

Mas, a mesma morte revestiu um outro carácter: a **redenção do povo de Israel**. Isso era imprescindível, e estava previsto na Lei. Já tínhamos referido, ainda, que uma das condições da implantação do Reino seria o envio do Espírito Santo, conforme Joel havia escrito. Mas, o Espírito Santo só poderia ser enviado depois da redenção da nação e do mundo concluída (João 7:37-39). O reino não poderia ser oferecido a uma nação rebelde e perdida. No quadro da profecia, a morte destinava-se a favor da nação, primeiramente e, depois, pelo mundo inteiro.

<sup>17</sup> “Corpo” não está no original. Literalmente seria: “Reunir em unidade”; ou: “Reunir em uma família” (J. B. Phillis). E, aqueles dispersos referem-se aos judeus dispersos (Tiago 1:1; I Pedro 1:1).



### 6.1.5 – Israel e o Mundo Precisam ser Castigados pela Rejeição do Rei

Outro facto importante a considerar, no quadro geral do Reino, e onde o baptismo deve ser compreendido, é a **Grande Tribulação**.

Sem duvida que a morte do Senhor foi o clímax da rejeição da mensagem messiânica. O povo de Israel rejeitou e matou o seu próprio Rei. A paciência de Deus estava no seu limite. A Sua ira estava iminente:

**“O mundo foi feito por Ele, e o mundo não o conheceu... veio para o que era seu (Israel) e os seus não o receberam...”** (João 1:10-11)

**«Aquele que crê no Filho tem a vida eterna, mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece.<sup>18</sup>»** (João 3:36).

Todos os profetas falaram de um período de tribulação que assolaria o mundo, como expressão da ira de Deus, por causa do pecado do homem, mormente por terem crucificado o seu criador (mundo) e o seu Rei (Israel).

Daniel é o profeta mais claro sobre essa matéria e desenvolve-a com alguma evidência cronológica. O Apocalipse de João é pormenorizado nos factos. Joel fala do envio do Espírito Santo antes da grande tribulação e os sinais em cima no céu e em baixo na terra que precedem a vinda do Senhor.

O Messias foi recebido no céu, à dextra de Deus. O Espírito Santo iria ser derramado, em cumprimento da profecia de Joel. Os sinais em cima nos céus e em baixo na terra iriam ser iniciados. As perseguições ao remanescente iriam intensificar-se. O próprio Senhor tinha dito:

**«Porque, se ao madeiro verde fazem isso, que se fará ao seco?»** (Lucas 23:31)

Ou seja, se fizeram o que fizeram ao Senhor, por ser o Rei, quanto mais fariam aos seus súbditos? E quanto mais farão ao lenho que está seco e pronto para ser queimado? Presumimos que o Senhor está a referir-se ao “baptismo com fogo” que João Baptista já tinha pronunciado, ou seja, a grande tribulação que se seguiria à morte do Senhor, de acordo com os profetas.

<sup>18</sup> “Permanece” como antes; mantém-se!

Estava iminente o juízo de Deus, os dias da vingança do Todo-Poderoso:

**“Assenta-te à minha mão direita até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés...”** (Sal. 110:1).

## 6.2 – O Baptismo na Água na Igreja Pentecostal

A cristandade atribui ao dia do Pentecostes e aos dias que se seguiram o momento da viragem dos propósitos de Deus e o início da Igreja “Corpo de Cristo”. No entanto, não há um texto sagrado – não há um sequer – que faça entender isso. Se o leitor for sincero com Deus e consciente na leitura que fizer à Escritura e entender a leitura que fazemos do processo divino na Profecia, entenderá que o Dia do Pentecostes é mesmo e unicamente “O Dia do Pentecostes”. Ou seja, aqueles dias eram os dias para onde apontava a “Festa do Pentecostes” – o início do cumprimento das bênçãos das profecias, que seria realizada com o “Baptismo do Espírito Santo”. Por outras palavras: O Pentecostes é unicamente o cumprimento da Profecia e integra-se no programa profético. E, não poderia ser doutra maneira, já que, a Igreja “Corpo de Cristo” era um Segredo oculto na Profecia (Colossenses 1:26) que viria a ser revelado ao Apóstolo Paulo mais tarde e por razões muito distintas – como nos referiremos mais adiante.

Pedro identifica bem aqueles dias com o cumprimento da Profecia:

**«Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias, e profetizarão; e farei aparecer prodígios em cima no céu e sinais em baixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes de chegar o grande e glorioso Dia do Senhor;»**

**«Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar. E com muitas outras palavras isto testificava e os exortava, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa.»**

(Actos 2:16-20; 39-40)

**«E todos os profetas, desde Samuel, todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias.»** (Idem, 3:24).

Outro facto importante, relativamente ao plano do Reino, é o ministério dos doze Apóstolos. Com a morte do Messias e o seu exílio para o Trono do Pai, o

programa de anunciar o Reino e a Sua representação foi entregue aos doze Apóstolos, como o Senhor havia dito, tendo como Pedro o seu líder:

**«E eu te darei as chaves do Reino dos céus, e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.»** (Mateus 16:19);

**«Portanto, eu vos digo que o Reino de Deus vos será tirado e será dado a uma nação que dê os seus frutos.»** (Mateus 21:43);

**«Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.»** (Mateus 25:34);

**«E eu vos destino o Reino, como meu Pai mo destinou»** (Lucas 22:29);

**«Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.»** (João 17:18);

**«Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós.»** (João 20:21).

Pedro, os onze apóstolos eram os representantes do Reino na ausência temporária do Rei. E todos aqueles que estavam ao redor dos apóstolos eram o remanescente de Israel aos quais lhes seria dado o privilégio de viver o Reino.

As bênçãos que se destinavam a todo o Israel seriam cumpridas só numa pequena parte: o remanescente, o resto que ficaria de Israel, porque a sua generalidade iria abraçar o anticristo e iria perecer com ele na vinda do Senhor com poder e glória:

**«Se o SENHOR dos Exércitos nos não deixara algum remanescente, já como Sodoma seríamos e semelhantes a Gomorra.»** (Isaías 1:9);

**«Porque ainda que o teu povo, ó Israel, seja como a areia do mar, só um resto dele se converterá; uma destruição está determinada, transbordando de justiça.»** (Isaías 10:22);

**«O remanescente de Israel não cometerá iniquidade, nem proferirá mentira, e na sua boca não se achará língua enganosa; porque serão apascentados, deitar-se-ão, e não haverá quem os espante.»** (Sofonias 3:13);

**«Também Isaías clamava acerca de Israel: Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo.»** (Romanos 9:27)

Assim, o Pentecostes – ou a festa dos “primeiros frutos” era o cumprimento das profecias que dizia respeito ao princípio do gozo das bênçãos do Reino, que coincidia com o baptismo prometido do Espírito Santo:

**«E também sobre os servos e sobre as servas, naqueles dias, derramarei o meu Espírito.»** (Joel 2:29);

**«E porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos porei na vossa terra, e sabereis que eu, o SENHOR, disse isso e o fiz, diz o SENHOR.»** (Ezequiel 37:14);

**«Porque derramarei água sobre o sedento e rios, sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção, sobre os teus descendentes.»** (Isaías 44:3);

**«E acontecerá, naquele dia, que procurarei destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém. E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o Espírito de graça e de súplicas; e olharão para mim, a quem trespassaram; e o prantearão como quem pranteia por um unigénito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogénito.»** (Zacarias 12:9-10)

Facto que se cumpriu no dia de Pentecostes:

**«Porque, na verdade, João baptizou com água, mas vós sereis baptizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias.»** (Actos 1:5);

**«Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias, e profetizarão; e farei aparecer prodígios em cima no céu e sinais em baixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes de chegar o grande e glorioso Dia do Senhor;»**

**«Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar. E com muitas outras palavras isto testificava e os exortava, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa.»** (Actos 2:16-20; 39-40).

### 6.2.1 – A Mensagem do Pentecostes

Estando iminente os juízos de Deus sobre aquela geração corrupta o apelo de Pedro era para o arrependimento de Israel, em continuidade com o ministério de João Baptista e do Senhor.

Por um lado, o Senhor tinha dito:

**«Em verdade vos digo que todas essas coisas hão de vir sobre esta geração.»** (Mateus 23:36);

**«Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam.»** (Mateus 24:34)

E, agora, Pedro vem dizer:

**«E com muitas outras palavras isto testificava e os exortava, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa.»** (Actos 2:40).

Esta mensagem de Pedro oferecia ao povo a oportunidade de entrar no gozo das bênçãos do Reino, caso se arrependessem da sua incredulidade e de terem rejeitado o Messias de Israel, como lhes oferecia a oportunidade de protecção “sob as asas do Altíssimo”, para a perseguição do anticristo:

**«A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos.»**

**«E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar.»** (Idem, 2:23, 38-39)

**«Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham, assim, os tempos do refrigério pela presença do Senhor. E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado, o qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo...»** (Idem, 3:19-21)

O Apostolo não está a dizer que o povo deve crer em Cristo que morreu pelos pecados deles. Quem ler isso lê o que não está lá escrito. Pedro acusa os ouvintes

de terem crucificado o Senhor e que devem pagar por isso. Não obstante o Pai o ter ressuscitado, Israel deveria pagar pelo que fez.

Outro facto importante e mal interpretado pelos ensinadores das Escrituras é que, se a Nação de Israel se arrependesse o Senhor, que estava exilado no céu, não viria logo, pois convinha “*que os céus retivessem até ao tempo da restauração de tudo*”, ou seja, até à vinda do Senhor em poder e glória para restaurar todas as coisas, nomeadamente limpar o mundo da corrupção e estabelecer o Reino Milenial – como acontecerá.

Entretanto, aqueles que se arrependessem poderiam, como os doze apóstolos – os representantes do Reino – receber como eles o Espírito Santo e participar da bênção preliminar do Reino.

A mensagem do Pentecostes assentava no baptismo da água. O texto citado não deixa margem para dúvidas. Esta foi a comissão do Senhor aos doze apóstolos, no quadro do programa do Reino, como seus representantes na sua ausência:

**«E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto, ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém!»** (Mateus 28:18-20)

**«E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for baptizado será salvo; mas quem não crer será condenado. E estes sinais seguirão aos que crerem: em meu nome, expulsarão demónios; falarão novas línguas; pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e imporão as mãos sobre os enfermos e os curarão.»** (Marcos 16:15-18).

**«Então, abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras. E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse e, ao terceiro dia, ressuscitasse dos mortos; e, em seu nome, se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém. E dessas coisas sois vós testemunhas. E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder.»** (Lucas 24:45-49)

**«Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós. E, havendo dito isso, assoprou sobre**

**eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, lhes são perdoados; e, àqueles a quem os retiverdes, lhes são retidos.**» (João 20:21-23)

Assim, e atentando para as últimas palavras do Senhor antes de se retirar para o Trono do Pai, nós concluímos que os doze apóstolos não fizeram mais que cumprir à letra as palavras do Rei, que era a “Comissão do Reino” na Sua ausência. Eles tinham o poder do Rei, as suas credenciais (que eram os sinais que faziam), e a sua autoridade. Eles estavam perfeitamente inteirados do seu ministério, no quadro da Profecia (ver supra: Lucas 24:45):

**«Acerca de tudo que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar, até ao dia em que foi recebido em cima, depois de ter dado mandamentos, pelo Espírito Santo, aos apóstolos que escolhera... sendo visto por eles por espaço de quarenta dias e falando do que respeita ao Reino de Deus.»** (Actos 1:1-3)

A Grande Comissão dada pelo Senhor ressuscitado aos doze Apóstolos e descrita em Mateus 28, Marcos 16, Lucas 24, João 20 e Actos 1 não é uma contradição à comissão recebida por João Baptista ou da comissão dos doze e dos setenta enviados de Mateus 10, Lucas 9 e 10. Esta Comissão é uma continuidade no cumprimento da profecia. Agora os Apóstolos deveriam apelar à conversão de toda a nação de Israel, seja àqueles que estavam na Palestina, como aqueles que estavam dispersos. Eles deveriam ir à procura de todo o Israel que estava disperso entre todas as nações, começando por Jerusalém, como disse o Senhor:

**«Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor.»** (João 10:16).

Eram os dispersos representados pelo filho pródigo, na parábola de Lucas 16. O filho mais velho representava aqueles que estavam na palestina e pensavam ser melhores que os dispersos.

No entanto havia uma evolução no fundamento e conteúdo da mensagem, pois tratava-se da mensagem fundamentada no “Novo Testamento” que, sublinhe-se, estava previsto na profecia e tinha sido prometido à nação de Israel (não aos gentios... eles, gentios, estavam separados dos concertos – Efésios 2:11-12):

**«Eis que dias vêm, diz o SENHOR, em que farei um concerto novo com a casa de Israel e com a casa de Judá.»** (Jeremias 31:31)



Além disso, a sua comissão e mensagem tinha sido delegada pelo Senhor ressuscitado, ao qual tinha sido entregue todo o poder nos céus e na terra (vide Mateus 28:18). Agora, os doze Apóstolos do Reino tinham poder para fazer maravilhas em testemunho da mensagem do Rei e da Sua ressurreição. Todas as evidências do Reino estavam patentes.

O baptismo na água era parte integrante da mensagem do Reino. O baptismo na água não era um dos aspectos da mensagem ou um requisito da mesma. O baptismo na água era condição essencial da mensagem. Os doze Apóstolos foram enviados especificamente a baptizar, já que, era pelo baptismo que eles, como representantes do Reino, declaravam a salvação aos arrependidos, e outorgavam sobre eles, e em nome de Deus, o perdão dos pecados; ou os retinham, recusando o baptismo, caso vissem que não havia arrependimento. É isso exactamente que indicam as passagens já citadas e que repetimos:

«... **Ide, ensinai todas as nações, baptizando-as...**» (Mateus 28:18-20)

«**E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for baptizado será salvo.**» (Marcos 16:15-18).

«**Em seu nome, se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém.**» (Lucas 24:45-49)

«**Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós... Àqueles a quem perdoardes os pecados, lhes são perdoados; e, àqueles a quem os retiverdes, lhes são retidos.**» (João 20:21-23)

O que fizeram com todo o rigor.

Assim, desta forma, os Apóstolos convocavam Israel ao arrependimento, pelo baptismo, para remissão de pecados, para perdão dos seus pecados e para sua salvação, tornando-os no remanescente de Israel, aqueles que receberiam as bênçãos prometidas à nação.

Dirá o leitor: mas Lucas 24:45-49 e Actos 3:19 falam de “perdão de pecados” e “apagamento de pecados” e não refere o baptismo.

Mas, direi eu, nem precisa. A mensagem não mudava do capítulo 2 para o capítulo 3 de Actos dos Apóstolos. Tudo o que vemos é o cumprimento das instruções do Senhor ressuscitado, no âmbito da Grande Comissão do Reino, e no qual o baptismo era parte fundamental. E o objectivo era o mesmo da mensagem de João Baptista: apelar ao Arrependimento de Israel e prepararem-se para a Vinda do Messias.

Outro aspecto distinto da mensagem dos Doze Apóstolos, e que fazia parte da Grande Comissão do Reino, era o seguinte:

- Enquanto João Baptista baptizava com água e preparava os arrependidos para o baptismo do Espírito Santo que haveria de acontecer com a vinda do Messias, Pedro baptizava na mesma os arrependidos, e logo que os baptizava eles receberiam de imediato a bênção do Espírito Santo, como as primícias do Reino:

**«E eu, em verdade, vos baptizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; não sou digno de levar as suas sandálias; ele vos baptizará com o Espírito Santo e com fogo.»** (Mateus 3:11)

**«E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.»** (Actos 2:38).

E isto pela razão já apontada: havia um Novo Concerto celebrado e a mensagem estava assente na morte do Messias.

Esta experiência foi tida nos convertidos de Actos 2, Actos 3, Actos 8, Actos 10 e Actos 19. Estas duas últimas referências com algumas diferenças por se tratar de um período já coberto pelo “Período da Graça” e às quais nos referiremos em momento próprio.

## 6.2.2 – O Batismo na Água e o Remanescente de Israel

Habitualmente, e pelo desentendimento do programa Profético, os ensinadores bíblicos têm dito que a mensagem anunciada pelos Apóstolos de Israel se destinava a todo o mundo. No entanto, uma leitura cuidada da Grande Comissão do Reino concluímos que esta mensagem se destinava exclusivamente aos filhos de Israel. Assim foi na comissão de João Baptista:

**«E eu não o conhecia, mas, para que Ele fosse manifestado a Israel, vim eu, por isso baptizando com água...»**

**«E eu não o conhecia, mas o que me mandou a baptizar com água, esse me disse...»**

(João 1:31-34).

Assim foi com a Comissão dos Doze e dos Setenta Discípulos:

**«Jesus enviou estes doze e lhes ordenou, dizendo: Não ireis pelo caminho das gentes, nem entrareis em cidade de samaritanos; mas ide, antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel.» (Mateus 10:5-6)**

**«E ele, respondendo, disse: Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.» (Mateus 15:24)**

E o mesmo aconteceu com a mensagem da Grande Comissão do Reino:

**«Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar.» (Actos 2:39).**

**«Vós sois os filhos dos profetas e do concerto que Deus fez com nossos pais, dizendo a Abraão: Na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra.» (Idem, 3:25-26)**

**«Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a voz e disse-lhes: Varões judeus e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras.» (Actos 2:14);**

**«E os que foram dispersos pela perseguição que sucedeu por causa de Estêvão caminharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra senão somente aos judeus.» (Actos 11:19)**

Porque estava assim determinado na Lei e nos Profetas, ou seja, no programa da Profecia:

**«E acontecerá, naquele dia, que procurarei destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém. E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o Espírito de graça e de súplicas; e olharão para mim, a quem trespassaram; e o prantearão como quem pranteia por um unigênito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogênito. Naquele dia, será grande o pranto em Jerusalém, como o pranto de Hadade-Rimom no vale de Megido. E a terra pranteará, cada linhagem à parte; a linhagem da casa de Davi, à parte, e suas mulheres, à parte, e a linhagem da casa de Natã, à parte, e suas mulheres, à parte; a linhagem da casa de Levi, à parte, e suas mulheres, à parte; a linhagem de Simeí, à parte, e suas mulheres, à parte. Todas as mais linhagens, cada linhagem, à parte, e suas mulheres, à parte.»** (Zacarias 12:9-14)

Uma vez que as nações gentias estavam afastadas de Deus e Israel era o povo exclusivo de Deus:

**«De todas as famílias da terra a vós somente conheci.»** (Amós 3:2).

Isso acontecerá no futuro, com a mesma mensagem do Reino, quando o seu programa for reatado:

Os cento e quarenta e quatro mil assinalados são de Israel:

**«E ouvi o número dos assinalados, e eram cento e quarenta e quatro mil assinalados, de todas as tribos dos filhos de Israel.»** (Apocalipse 7:4);

Que evangelizarão aos Judeus que estiverem dispersos por todo o mundo:

**«E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim.»** (Mateus 24:14)

E as Igrejas na Grande Tribulação serão compostas de Judeus:

**«Eu sei as tuas obras, e tribulação, e pobreza (mas tu és rico), e a blasfêmia dos que se dizem judeus e não o são, mas são a sinagoga de Satanás.»** (Apocalipse 2:9); (Vide: 3:9).

Não vamos repetir aqui o lugar dos gentios, pois já nos referimos suficientemente que o programa Profético prevê a salvação de Israel para a tornar o canal de bênção de Deus para todas as nações, conforme o Senhor havia prometido a Abraão. Assim, também, o Reino não poderá ser implantado sem que o grupo dos assinalados em Israel estejam salvos e formados como nação. Esse grande

momento acontecerá nas vésperas da vinda do Senhor à terra com poder e glória, quando o remanescente se lamentará como se lamenta por um primogénito (vide Zacarias 12:9-10; 13:6).

Neste sentido não parece correcto dizer que esta mensagem do Pentecostes se dirigia a todas as nações indiscriminadamente: nem pelas instruções de Deus, nem pelo comportamento dos discípulos do Reino. E, por conseguinte, nem o baptismo na água seria para todas as nações mas para os judeus que estavam dispersos por todas as nações. E, embora o programa profético esteja suspenso por causa da dispensação da graça, quando ele for reatado, a mesma mensagem será anunciada aos judeus dispersos. Entretanto, muitos gentios se converterão, e como prosélitos, participarão nas bênçãos do Reino, mas por delegação dos judeus, à semelhança da experiência da cananeia (Mateus 15:26-27). Actos 10 é um exemplo de como um gentio participa na bênção do Reino, ao crer na mensagem de Pedro, toda ela messiânica, e para a qual Deus não requereu baptismo na água.

### 6.2.3 – A Queda de Israel

**«Digo, pois: porventura, tropeçaram, para que caíssem? De modo nenhum! Mas, pela sua queda, veio a salvação aos gentios, para os incitar à emulação. E, se a sua queda é a riqueza do mundo, e a sua diminuição, a riqueza dos gentios, quanto mais a sua plenitude!» (Romanos 11:11-12);**

**«Por quê? Porque não foi pela fé, mas como que pelas obras da lei. Tropeçaram na pedra de tropeço; como está escrito: Eis que eu ponho em Sião uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo; e todo aquele que crer nela não será confundido.» (Idem, 9:32-33);**

**«Mas ele, olhando para eles, disse: Que é isto, pois, que está escrito? A pedra que os edificadores reprovaram, essa foi feita cabeça da esquina. Qualquer que cair sobre aquela pedra ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair será feito em pó.» (Lucas 20:17).**

Tudo aquilo que parecia ser bons resultados da Grande Comissão do Reino resultou numa grande desilusão humana. À insistente iniciativa da oportunidade de Deus para Israel se arrepender e aceitar o seu Messias, eles responderam com a prisão dos representantes do Reino, a morte de um príncipe da Igreja Messiânica – Estêvão, e a perseguição de todo o remanescente – a Igreja Messiânica. Com a morte de Estêvão, os líderes de Israel reiteraram a sua oposição a Deus e à sua mensagem. Insistiram, pela terceira vez, à recusa do Reino, e com três mortes. A morte de João Baptista, a morte do Messias, e a morte de Estêvão. Na primeira eles consentiram-na; na segunda eles exigiram-na; na terceira eles contribuíram na morte. Na primeira oportunidade rejeitaram um enviado do Pai; na segunda eles rejeitaram o Filho; na terceira eles rejeitaram os guiados pelo Espírito Santo. E, sobre isso, o Senhor tinha dito:

**«Portanto, eu vos digo: todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens. E se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á perdoado, mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no futuro.» (Mateus 12:31-32)**

E, como rejeitaram o Dono da Casa (de Israel), e depois dele a ter adornado e limpo, ela iria ser ocupada com toda a sorte de espíritos imundos, liderados pelo “espírito do anticristo”, belzebu. Foi neste contexto que o Senhor disse:

**«E, quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra. Então, diz: Voltarei para a minha casa, donde saí. E, voltando, acha-a desocupada, varrida e adornada. Então, vai e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e são os últimos actos desse homem piores do que os primeiros. Assim acontecerá também a esta geração má.» (Mateus 12: 43-45).**

Israel estava pronta para receber o príncipe das trevas, depois de ter rejeitado “a Luz do mundo”.

Começamos a ver, então, que algo dentro da igreja já não corria como o planeado. A Igreja é perseguida e alguns líderes presos (Actos 4); Alguns membros da igreja comprometem o programa, fugindo aos princípios do Reino – a vida em comum, e fugindo à liderança dos representantes do Rei – Ananias e Safira (Actos 5); O governo do Reino começa a sofrer contestação, nomeadamente aos cuidados das viúvas (Actos 6); Estêvão é maltratado e morto (Actos 7); A Igreja Messiânica é perseguida (Actos 8).

Muitos são os teólogos, muitos deles conceituados, que opinam que a perseguição dos Líderes de Israel à Igreja é uma resposta de Deus à inércia dos crentes e o cumprimento de Mateus 28:19 e Actos 1:8:

**“Ide...”**

Porém, aqueles a quem isso foi dito “não saíram de Jerusalém” (Actos 8:1), porque eles estavam conscientes que o programa do Reino deveriam continuar e o lugar deles era em Jerusalém, a capital do Reino. Eles sabiam que a bênção só poderia partir para os gentios se Israel aceitasse o Rei e a Sua mensagem. Este era o programa do reino; este era o conteúdo das promessas de Deus aos patriarcas; Este era o processo do reino de que todos os profetas falaram: a bênção do mundo pela ascensão de Israel. Assim, a perseguição da Igreja da Judeia não é um cumprimento de Mateus 28:19, mas um sinal da rejeição de Israel à mensagem dos doze Apóstolos de Israel, que lhes dizia directamente respeito: a “eles e aos seus filhos”!

Assim, aquele estado de Israel era pior que todos os anteriores (Lucas 11:24-26). A sua degeneração havia iniciado desde o profeta Samuel, quando Israel reclamou ser como as outras nações pagãs. Primeiramente procurou um rei como as nações e Deus lhes deu um rei segundo o coração deles, à dimensão das outras nações. Depois procuraram os deuses pagãos; depois, ainda, adoptaram os costumes das demais nações pagãs. Israel tinha chegado ao limite. O momento para a manifestação da ira de Deus intensificava-se. Surge o líder da rebelião: Saulo de

Tarso. O homónimo do rei que Deus deu àquela nação, segundo o coração deles: Saul, da tribo de Benjamim, perseguidor da Igreja (Filipenses 3:6; I Timóteo 1:13)<sup>19</sup>. Este era o líder à imagem dos judeus incrédulos, preparado para tudo contra Deus e contra o Seu Ungido. Por isso disse o Senhor a Saulo: “Porque me persegues?”

Saulo de Tarso encabeçava, no momento, a rebelião de Israel, e ele mesmo consentiu na morte de Estêvão:

**«E, expulsando-o da cidade, o apedrejavam. E as testemunhas depuseram as suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo.»**

**«E também Saulo consentiu na morte dele. E fez-se, naquele dia, uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos foram dispersos pelas terras da Judeia e da Samaria, excepto os apóstolos.»** (Actos 7:58; 8:1).

**«O que também fiz em Jerusalém. E, havendo recebido poder dos principais dos sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e, quando os matavam, eu dava o meu voto contra eles.»** (Actos 26:10).

É interessante atentar para o discurso de Estêvão. Ele confirma que Israel tem vindo a falhar desde sempre: Abraão na sua chamada; Jacob e os patriarcas; Moisés e o povo de Israel de então; O povo nos anos que se seguiram até serem deportados para a Babilónia. O momento actual era o culminar de uma degeneração sem precedentes e resultava num endurecimento ao Espírito Santo incomparável:

**«Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e ouvido, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim, vós sois como vossos pais. A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? Até mataram os que anteriormente anunciaram a vinda do Justo, do qual vós agora fostes traidores e homicidas; vós que recebestes a lei por ordenação dos anjos e não a guardastes.»** (Actos 7:51-53)

Estes eram os mesmos – de forma agravada – de quem o Senhor havia dito:

**«Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que edificais os sepulcros dos profetas e adornais os monumentos dos justos, e dizeis: Se existíssemos no tempo de nossos pais, nunca nos associaríamos com eles para derramar o sangue dos profetas. Assim, vós mesmos testificais que sois filhos dos que mataram os profetas. Enchei vós, pois, a medida de vossos pais.»**

<sup>19</sup> Saulo: o mesmo que Saul em hebraico. Saulo incorpora Saul, rei de Israel, por ser da mesma tribo de Benjamim, e ter assumido as funções de líder por causa da incredulidade da nação. Em Saul temos o primeiro grande passo da rebelião da nação de Israel; em Saulo temos o culminar dessa rebelião.



«Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?»

«Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas; e a uns deles matareis e crucificareis; e a outros deles açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade, para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar.»

«Em verdade vos digo que todas essas coisas hão de vir sobre esta geração.»

«Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. Porque eu vos digo que, desde agora, me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor!» (Mateus 23:29-39).

«Porque vós, irmãos, haveis sido feitos imitadores das igrejas de Deus que, na Judeia, estão em Jesus Cristo; porquanto também padecestes de vossos próprios concidadãos o mesmo que os judeus lhes fizeram a eles, os quais também mataram o Senhor Jesus e os seus próprios profetas, e nos têm perseguido, e não agradam a Deus, e são contrários a todos os homens. E nos impedem de pregar aos gentios as palavras da salvação, a fim de encherem sempre a medida de seus pecados; mas a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim.» (I Tessalonissenses 2:14-16)

Esta geração estava a pecar contra o Espírito Santo, facto que o Senhor havia dito que não tinha perdão (Mateus 12.13; Actos 7:51-53).

Israel estava de mãos dadas com os gentios na sua rebelião contra Deus. Na torre de Babel as nações, encabeçadas por um precursor e um tipo do anticristo: Nimrod, que liderou a sua rebelião contra Deus: à semelhança do que acontecerá na Grande tribulação com o anticristo (Actos 10-11). Ali vemos a origem dos gentios e a sua orientação de costas voltadas para Deus. O seu sistema de vida e reputação está devidamente pormenorizada em Romanos 1:18-32, cuja leitura recomendamos. As nações não se importaram de Deus pelo conhecimento que tinham dele, desde os dias do dilúvio (Romanos 1:28), antes, se corromperam entre si. Deus respondeu com total desprezo, abandonando-os à sua sorte (Romanos 1:24, 26, 28) e dispersando-os pela face da terra (Génesis 11:9). Israel, optando por seguir as mesmas orientações das nações pagãs, culmina na mesma degeneração e rebelião contra Deus, e como àqueles, Deus os abandona (Ezequiel 1-12) e os dispersa pela face da terra:

**«E cairão a fio de espada e para todas as nações serão levados cativos; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem.»** (Lucas 21:24).

Chamamos a atenção do leitor novamente para o cumprimento da Profecia. Agora o Salmo 110:1:

**«Disse o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés. O SENHOR enviará o ceptro da tua fortaleza desde Sião, dizendo: Domina no meio dos teus inimigos.»**

Pedro aponta esta profecia para os seus dias:

**«De sorte que, exaltado pela destra de Deus e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis. Porque Davi não subiu aos céus, mas ele próprio diz: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés.»** (Actos 2:33-35)

E, neste contexto, com este cenário de uma nação em trevas, no momento da morte de Estêvão, lemos que ele viu o Senhor em pé.

**«Mas ele, estando cheio do Espírito Santo e fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus e Jesus, que estava à direita de Deus, e disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, que está em pé à mão direita de Deus.»** (Actos 7:55-56).

A que se referia os “céus abertos”?

**«E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça.»** (Apocalipse 19:11).

Era uma visão de Estêvão dos dias que se avizinhavam: os dias do juízo de Deus sobre este povo.

Outra referência onde é dito que o Senhor está em pé é Apocalipse 5:6:

**«Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra.»** (JFA, RA)

Que se reporta ao momento em que o Senhor irá dar início aos seus juízos sobre o mundo.

O Senhor tinha se referido a este momento quando disse:

**«Disse-lhes Jesus: Tu o disseste; digo-vos, porém, que vereis em breve o Filho do Homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu.»** (Mateus 26:64)

Ora, o momento que se vivia em Israel e no mundo, era o momento dos preparativos para serem iniciados os juízos de Deus sobre Israel e sobre o mundo em geral. O Juiz já se encontrava em pé. O “até” do Salmo 110:1 tinha chegado.

O Senhor assentado! Isso indica o Seu descanso por ter completado a obra que fez (Hebreus 1:3-4; 4:9-10); fala, também, da Sua intercessão pelo seu povo (Idem, 8:1); Fala, ainda, da sua função de precursor e exemplo (Idem 12: 2-3); e, fala, mais, de espera pela altura em que Deus iria pôr os seus inimigos por estrado de seus pés.

Por isso, Estêvão via o Senhor em pé! Era chegada a altura de que tanto os profetas falaram: “O Grande e Terrível Dia do Senhor”! O “até” tinha chegado; o momento exacto para o cumprimento do verso 1, do Salmo 110. Os Judeus e os Gentios eram dignos da ira de Deus.

Pedro citava o Salmo 2:

**«E, ouvindo eles isto, unânimes levantaram a voz a Deus e disseram: Senhor, tu és o que fizeste o céu, e a terra, e o mar, e tudo o que neles há; que disseste pela boca de Davi, teu servo: Por que bramaram as gentes, e os povos pensaram coisas vãs? Levantaram-se os reis da terra, e os príncipes se ajuntaram à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido. Porque, verdadeiramente, contra o teu santo Filho Jesus, que tu ungeste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel.»** (Actos 4:25-27).

**«Por que se amotinam as nações, e os povos imaginam coisas vãs? Os reis da terra se levantam, e os príncipes juntos se mancomunam contra o SENHOR e contra o seu ungesto, dizendo: Rompamos as suas ataduras e sacudamos de nós as suas cordas. Aquele que habita nos céus se rirá; o Senhor zombará deles. Então, lhes falará na sua ira e no seu furor os confundirá. Eu, porém, ungi o meu Rei sobre o meu santo monte Sião»** (Salmo 2:1-6).

Mas será que Deus ia descarregar a sua ira e os seus profetizados juízos?

**«Pois quê? Somos nós mais excelentes? De maneira nenhuma! Pois já dantes demonstra-mos que, tanto judeus como gregos, todos estão debaixo do pecado, como está escrito: Não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só.»**  
(Romanos 3:9-12)

Deles era a glória...

**«São israelitas, dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas; dos quais são os pais, e dos quais é Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito eternamente. Amém!»**  
(Romanos 9:4-5)

Mas, agora, a situação era esta:

**«Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus...»** (Idem, 3:23).

### 6.3 – A Profecia Suspensa

«Porque não quero, irmãos, que ignoreis este Mistério (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado. E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades. E este será o meu concerto com eles, quando eu tirar os seus pecados. Assim que, quanto ao evangelho, são inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais. Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento.» (Romanos 11:25-29)

«Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia.» (Idem, 11:32).

«Digo, pois: porventura, tropecaram, para que caíssem? De modo nenhum! Mas, pela sua queda, veio a salvação aos gentios, para os incitar à emulação. E, se a sua queda é a riqueza do mundo, e a sua diminuição, a riqueza dos gentios, quanto mais a sua plenitude! Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos gentios, glorificarei o meu ministério; para ver se de alguma maneira posso incitar à emulação os da minha carne e salvar alguns deles. Porque, se a sua rejeição é a reconciliação do mundo, qual será a sua admissão, senão a vida dentre os mortos?» (Idem, 11:11-15).

A primeira indicação da suspensão da Profecia e do seu programa e a primeira indicação da alteração dos propósitos de Deus para o mundo, e a primeira indicação da introdução do novo plano de Deus, actuando segundo as “riquezas da Sua graça” foi salvar o líder da rebelião.

No contexto da Profecia, e de acordo com o processo do Reino que estava a ser conduzido, os momentos que se seguiam era de Juízo e de guerra de Deus contra as nações. Neste sentido, Saulo de Tarso deveria ser castigado por Deus e morto. No entanto, Deus demonstra uma atitude totalmente oposta.

É o próprio Apóstolo Paulo que dá testemunho da nova atitude de Deus para com o mundo, a revelação da Sua graça:

**«E dou graças ao que me tem confortado, a Cristo Jesus, Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério, a mim, que, dantes, fui blasfemo, e perseguidor, e opressor; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade. E a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e o amor que há em Jesus Cristo. Esta é uma palavra fiel e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal. Mas, por isso, alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer nele para a vida eterna.»** (I Timóteo 1:12-16).

“Principal” pode indicar o líder, e o contexto pode apontar para esse entendimento; mas, também pode indicar o “primeiro de uma série”. E é este o sentido que mais vezes é dado pelos tradutores das Escrituras noutras ocorrências do NT, e que se cifra em 91 vezes. A palavra é “*Protos*” (Strong 4413). Assim, a demonstração da graça de Deus em Paulo, salvando-o, era um exemplo da atitude de Deus para os dias que se seguiam: os dias da Dispensação da Graça. Assim, Deus estava a demonstrar que no período que se seguia, de tempo indeterminado, iria salvar os seus inimigos. Àqueles que, de acordo com a Profecia, deveriam ser castigados e mortos, numa demonstração poderosa da justiça de Deus, seria proposta a sua salvação, numa demonstração poderosa das “riquezas da Sua graça”.

A salvação de Saulo, como inimigo declarado de Deus e do seu Ungido, sendo cidadão Judeu (Filipenses 3:5) e, ao mesmo tempo, cidadão Romano (Gentio – Actos 22:25-28), seria um exemplo dos que depois dele haveriam de crer (I Timóteo 1:13-16), como propósito de Deus em salvar judeus e gentios pela Sua graça.

Outro facto importante deste momento de viragem é o Ministério do Apóstolo Paulo: um ministério e uma mensagem distinta e diferente do ministério e da mensagem dos Doze Apóstolos de Israel:

Ele é Apóstolo dos Gentios:

**«Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos gentios, glorificarei o meu ministério.»** (Romanos 11:13).

A ele é confiada a Revelação do Mistério da Graça de Deus:

**«Em esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos, mas, a seu tempo, manifestou a sua**

**palavra pela pregação que me foi confiada segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador.»** (Tito 1:2-3).

A ele é dada a responsabilidade de completar a revelação das Palavras de Deus da presente revelação:

**«A igreja, da qual eu estou feito ministro segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, para cumprir a palavra de Deus: o mistério que esteve oculto desde todos os séculos e em todas as gerações e que, agora, foi manifesto aos seus santos; aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios.»** (Colossenses 1:24-27);

**«Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida...»** (II Timóteo 4:17 – RA).

Ele é comissionado directamente pelo Senhor glorificado:

**«Paulo, apóstolo (não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos), Mas façam-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens, porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo.»** (Gálatas 1:1, 11-12)

A Mensagem dele destina-se a salvar aqueles que se arrependem, escapando aos iminentes juízos de Deus sobre o mundo:

**«Porque eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos para convosco, e como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro e esperar dos céus a seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura.»** (I Tessalonissenses 1:9-10);

**«E nós, cooperando também com ele, vos exortamos a que não recebeis a graça de Deus em vão (Porque diz: Ouve-te em tempo aceitável e socorri-te no dia da salvação; eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação.)»** (II Coríntios 6:1-2)

**«Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.»** (Romanos 5:9)

A plenitude do Evangelho dele refere-se a um corpo espiritual que Deus está a formar em Cristo, nos lugares celestiais:

**«Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também. Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito.»** (I Coríntios 12:12-13);

**«E nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus; para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça, pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus.»** (Efésios 2:6-7).

Convêm, neste contexto, fazer algumas observações de pormenor, por os ensinadores da Escrituras Sagradas lavrarem em alguns erros de concepção, e que são as seguintes: a mudança dispensacional consiste numa mudança de atitude de Deus para com o mundo, e não necessariamente numa mudança de ensino. O ensino serve para fazer entender o conteúdo dessa nova atitude de Deus, quais os seus motivos, o seu processo e o seu propósito. Assim, a mudança dispensacional da Profecia para o Mistério deve reportar-se ao momento da demonstração da nova atitude de Deus e não ao momento da sua revelação doutrinária. No entanto, a revelação doutrinária acompanha a atitude de Deus. Como houve mudança de atitude de Deus para com o mundo: de juízo para graça, tem de haver, obrigatoriamente, mudança de doutrina, pois esta explica a atitude de Deus. E se a suspensão da Profecia e a mudança dispensacional foi estanque, definida no espaço e no tempo, pois consistiu na demonstração da nova atitude da graça de Deus para com o mundo, na salvação do líder da rebelião contra Deus, já a sua doutrina foi revelada de forma progressiva, e se prolongou no tempo até Actos 28, de onde o Apóstolo Paulo escreveu as suas últimas Epístolas.<sup>20</sup> Para todos os efeitos, a mudança dispensacional e a revelação de uma nova mensagem (a doutrina da dispensação da graça de Deus) a Paulo vem confirmar que a Profecia estava suspensa. E mais: esta revelação vem dizer que esta suspensão é temporária, mas por tempo indeterminado, ou seja, é um mistério que só a Deus pertence saber.

Outras evidências da suspensão do programa profético encontram-se no Livro de Actos dos Apóstolos, e que apontamos duas: A diminuição do protagonismo de Pedro e do seu ministério, e a mudança de atenção do ministério de Pedro para o ministério de Paulo. Assim, a partir das primeiras manifestações do endurecimento espiritual dos líderes da nação de Israel, o Espírito Santo deixa de dar atenção ao ministério de Pedro, que progressivamente vai perdendo predominância, em favor de outros ministérios, até se deter em exclusivo no ministério do Apóstolo Paulo. Certamente, o Espírito Santo quer dar a entender que o programa de Deus para

---

<sup>20</sup> Estamos em crer que as últimas epístolas do Apóstolo Paulo foram escritas aquando da sua prisão em Roma, e descrita em Actos 28. Alguns ensinadores acham que Paulo foi libertado e preso novamente mais tarde de onde escreveu I e II a Timóteo. Pensamos que esses que ensinam isso vão além do que está escrito. Se o Espírito Santo fixou o ministério de Paulo até Actos 28, tudo o que é dito para além disso não passa de especulação. Além disso, não teria Tiquico ido a Éfeso levar a epístola àquela Igreja, conforme registo em II Timóteo 4:12? Queremos com isto dizer que em Actos dos Apóstolos, capítulo 28:30-31, a revelação da dispensação do Mistério da graça de Deus ficou completa, e que coincide com as epístolas aos Filipenses, Efésios, Colossenses, Filemon e II Timóteo. As outras epístolas de Paulo terão sido escritas antes de Actos 28:30-31.



Israel estava suspenso e, por conseguinte, e necessariamente, o ministério de Pedro, teria de ficar suspenso, também. Não podemos ser negligentes a evidências claras desta suspensão programática de Deus, nomeadamente o facto de ser Estêvão e não Pedro a lavrar a sentença sobre os líderes de Israel (Actos 6 e 7), ser dada atenção ao ministério de Filipe (Actos 8), e ser Tiago a assumir a liderança da igreja em Jerusalém (Actos 15:13... a ele coube a última palavra!)<sup>21</sup>. Gálatas 2 faz uma descrição do respeito que Tiago exercia sobre a igreja de Jerusalém ao ponto de Pedro e Barnabé se deixarem impressionar pela sua influência. Entretanto, vemos Pedro, no fim do seu ministério, a escrever aos Hebreus dispersos (I e II Epístolas de Pedro), deixando-lhes indicações que terão plena aplicação no remanescente que estará na terra, depois do arrebatamento da Igreja “Corpo de Cristo”<sup>22</sup>.

Outra manifestação da supra citada suspensão é a mudança de atenção que o Espírito Santo faz do ministério de Pedro para o ministério de Paulo, deixando de dar preponderância àquele ministério a favor do ministério de Paulo. E essa mudança é notória ao nível dos líderes: de Pedro para Paulo; ao nível das áreas de intervenção: de Judeus para gentios; de Jerusalém para Roma; ao nível da mensagem: da Profecia para o Mistério da graça de Deus. E, essa mudança começou a ser operada logo que o Senhor salvou Saulo de Tarso, como demonstração de uma nova atitude para com o mundo.

Mas, o importante neste momento é tomarmos consciência de que a Profecia foi suspensa, com todo o seu programa, período, trâmites, eventos, sinais, etc., tudo ficou suspenso. Esta a razão porque os sete anos que mediavam a morte do Ungido e o seu regresso vitorioso se prolongaram por mais de dois mil anos, como vai acontecendo no momento presente. E Pedro dá a sua explicação:

**«E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, falando disto, como em todas as suas epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição.» (II Pedro 3:15-16); e:**

<sup>21</sup> Actos dos Apóstolos tornaram-se numa descrição das fraquezas da Igreja de Jerusalém: a Igreja messiânica, e numa descrição das virtudes das igrejas dos gentios, as igrejas da graça.

<sup>22</sup> Como as demais epístolas chamadas universais e o Apocalipse, que terá, então, a sua integral aplicação, depois do arrebatamento da Igreja “Corpo de Cristo”, ou seja, no período da grande tribulação. E, estas epístolas são importantes porque, para todos os efeitos, a ele – a Pedro – é que foi dada a chave do Reino. Assim que, como a Igreja “Corpo de Cristo” deve obedecer exclusivamente ao que o Apóstolo Paulo escreveu, os crentes do reino deverão atentar exclusivamente para o que os apóstolos de Israel escreveram, com especial importância, ao que Pedro escreveu.

**«O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânime para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se.» (verso 9).**

A longanimidade de Deus é a paciência extrema de Deus revelada a um mundo impenitente. É a paciência de Deus demonstrada no limite, por estar a ser ofendido de forma extrema. Deus sempre revelou paciência aos pecados e às fraquezas humanas (Romanos 3:25). Mas, no tempo presente, Deus está a revelar uma atitude mais paciente por o mundo ter chegado ao seu limite de rebelião e inimizade com Ele (Romanos 1:18; 3:9-20, 23; 11:32).

Foi a longanimidade de Deus que fez suspender o cumprimento da Profecia e, dessa forma, atrasar os juízos de Deus sobre o mundo, que estavam iminentes. E essa longanimidade consiste na atitude salvadora de Deus para o mundo no tempo presente, cuja doutrina foi revelada ao Apóstolo Paulo. Por aqui vemos que Pedro só tomou conhecimento da longanimidade de Deus, e da forma de actuação de Deus neste período da graça através do Apóstolo Paulo. E, por conseguinte, foi através do Apóstolo Paulo que Pedro chegou ao conhecimento da suspensão da Profecia. Não há qualquer indicação de Pedro ou os demais Apóstolos de Israel, terem recebido alguma revelação de Deus a indicar que o programa profético tenha sido suspenso. Eles chegaram a esse conhecimento através do Apóstolo dos Gentios: Paulo. Como nós, lendo as Escrituras Sagradas, só sabemos dessa suspensão dispensacional através dos escritos do Apóstolo Paulo. Daí o facto dos crentes das igrejas da Judeia, os crentes da Profecia, as igrejas messiânicas, manterem as práticas do Reino depois de Actos 9; como, daí, também, a necessidade de Paulo ter de ir a Jerusalém dar a conhecer o Evangelho que pregava entre os gentios (Gál. 2:1-21).

Também é importante tomarmos consciência que esta suspensão da Profecia é temporária, como já tivemos oportunidade de citar Romanos 11:25, e que repetimos:

**«Porque não quero, irmãos, que ignoreis este Mistério (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado.»**

**«Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento.»**  
(Romanos 11:25-29)

Entretanto, o que vemos em Jerusalém?

Será que os doze Apóstolos tiveram a indicação de Deus de que a Profecia estava suspensa? Estamos convencidos que não. A Paulo é que isso foi declarado

pelo Senhor da glória. E foi Paulo, por revelação de Deus, que subiu a Jerusalém, para dar a conhecer as revelações de Deus para a Dispensação da Graça e que diziam respeito à Dispensação do Mistério. Em Gálatas o Apóstolo descreve minuciosamente os passos que envolveram a sua chamada (1:1-24), ministério (2:1-21) e mensagem (3:1-4:20).

Por essa razão começamos a ver Pedro a perder a liderança da Igreja em Jerusalém e, paralelamente, assistimos à ascensão de Tiago, que nem pertencia ao número dos doze Apóstolos de Israel.

Também continuamos a ver os Judeus presos à Lei e aos costumes judaicos (Actos 21:20).

E, neste contexto, é muito provável que o ensino do Reino continuasse a ser anunciado e praticado pelos crentes que não tinham conhecimento da suspensão do programa profético e da introdução do novo programa da Graça de Deus. O Livro dos Actos dos Apóstolos indica-nos isso mesmo:

- Os discípulos de João baptista de Éfeso (Actos 19:1-7);

- Apolos (Actos 18:24-28);

A igreja de Jerusalém (Actos 15:1, 20-21 e 21:20).

E, no meio de todos estes ensinamentos o baptismo continuou a ser ensinado e praticado sem que ele fizesse parte da revelação do mistério da Graça de Deus encarregada ao Apóstolo Paulo.

É importante, ainda, tomar consciência que Deus encarregou o Apóstolo Paulo com uma nova comissão – A Comissão do Mistério, assente nas riquezas da Sua graça, por causa da queda de Nação de Israel, por ter rejeitado o plano do Reino assente no Novo Pacto, do qual os gentios estão agora a beneficiar (II Coríntios 3:6-18). Textos de Efésios 3:1-11, Colossenses 1:24-2:3, I Timóteo 1:11-16 e II Timóteo 1:8-14, entre outros, confirmam esse facto. Comissão essa que fora um segredo em Deus, nunca revelada antes de Paulo (Romanos 16:25-26; Efésios 3:5; Colossenses 3:26). Mesmo Pedro e os onze chegaram a este conhecimento através de Paulo (Gálatas 1:15-16; 2:2-9 com II Pedro 3:9,15-16; Actos 15:6, 12).

Sabemos também que a revelação do mistério processou-se gradualmente. O Apóstolo dos Gentios fala de várias e sucessivas revelações (II Coríntios 12:1,7; Actos 26:16). Elas foram sendo dadas à medida que o Senhor ia estabelecendo as igrejas nos gentios e o endurecimento de Israel se ia intensificando. Entretanto, e

para que Israel ficasse inexcusável, o Senhor fazia questão de lhes anunciar primeiro o Evangelho. Nesta fase, em que a revelação não estava completa, é dada aos judeus a oportunidade de chegarem primeiro ao conhecimento da verdade, por as palavras de Deus lhe terem sido confiadas (Romanos 3:1-2) e, “neste tempo presente havia ficado um resto, segundo a eleição da graça” (Idem, 11:5). Assim, e nesta fase, “primeiro ao judeu e, depois ao grego”, na oportunidade (Idem, 1:16) e no juízo (Idem, 2:9-10). Esta confirmação do endurecimento de Israel veio a dar-se progressivamente, como vemos nas sentenças do Apóstolo Paulo em Actos 13:46, 18:6 e 28:28.

**«Seja-vos, pois, notório que esta salvação de Deus é enviada aos gentios, e eles a ouvirão.»**

Este momento não é o corte com a nação de Israel, como alguns vêm afirmando. Nem é o momento da suspensão do programa Profético. Este momento veio confirmar a incredulidade de Israel, para que eles ficassem inexcusáveis como os gentios e fossem dignos e responsáveis dos justos juízos de Deus que irão ser descarregados sobre o mundo (I Tessalonissenses 2:14-14, supra citado; Romanos 3:9). O programa Profético já havia sido suspenso com a morte de Estêvão e com os actos dos judeus que se seguiram e o novo Plano da Graça de Deus já havia sido iniciado com a nova atitude de Deus – a atitude da sua Graça, na salvação do líder da rebelião israelita.

Assim, e com o que expusemos, queremos dizer que estamos cientes que o baptismo não deixou de ser praticado, nem antes de Actos 28 nem depois de Actos 28:28, pois a história prova que muitos continuaram a exercer essa pratica, principalmente aqueles que não tinham qualquer conhecimento da revelação do "Mistério", ou aqueles que nunca quiseram aceitar o Apostolado distinto de Paulo, o seu ministério e mensagem; e não foram poucos!

**«Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial. Antes, anunciei primeiramente aos que estão em Damasco e em Jerusalém, e por toda a terra da Judeia, e aos gentios, que se emendassem e se convertessem a Deus, fazendo obras dignas de arrependimento.»** (Actos 26:20-21).

Quando lemos as Epístolas do Apóstolo Paulo vemos as dificuldades que ele teve em manter os crentes na fiel doutrina por causa das influências dos judaizantes. A Timóteo revelou como muitos o abandonaram, bem como à sua doutrina, e voltaram para o judaísmo e para o mundo, apostatando na fé, dizendo e fazendo coisas contrárias à sã doutrina, à revelação que ele tinha recebido directamente do Senhor.

Esta oposição à revelação que Deus confiara a Paulo foi manifesta desde sempre. Paulo, na sua primeira ida a Jerusalém (Actos 9:26-30), depois de ter estado na Arábia e em Damasco (Gálatas 1:17), tentou dar a conhecer essa nova mensagem. Mas, o próprio Senhor lhe apareceu no Templo em Jerusalém e lhe disse para sair de Jerusalém porque não ouviriam a sua mensagem:

**«E vi aquele que me dizia: Dá-te pressa e sai apressadamente de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho acerca de mim.»** (Actos 22:18).

Os judaizantes que estavam na igreja em Jerusalém não estavam interessados em reconhecer o apostolado e a mensagem que Paulo recebera do Senhor. Eles simplesmente queriam a sua morte! (Actos 22:22). Daí a dificuldade que ele teve de fazer entender que a Profecia tinha sido suspensa – mesmo aos crentes!

Muitos continuaram com a prática do baptismo, da circuncisão, das práticas formais religiosas, guarda de dias, doutrinas messiânicas, observância da lei, com alguma adaptação à realidade do período em que viviam, ou à cultura da cada povo, mas continuaram com o essencial das ditas doutrinas e práticas messiânicas, e outras que tais. Só um pequeno grupo de igrejas se manteve fiel ao ensino da dispensação da Graça de Deus, mas com o decurso do tempo e das oposições da religião dominante logo se perdeu o pouco que tinha resistido. Até hoje, milhões de crentes sinceros têm morrido às mãos de membros e líderes da religião dominante, dita cristã, pelas suas perseguições.

Que as práticas judaizantes se mantiveram (indevidamente) nas igrejas, é um facto. Em alguns casos até se intensificaram. Mas que o seu ensino deixou de fazer parte do plano de Deus para a vida do Crente – porque não faz parte da revelação dada ao Apóstolo Paulo para a Igreja “Corpo de Cristo”, não temos qualquer dúvida.

Todos os baptismos ou renascimentos da água estavam relacionados com o plano de Deus para a terra. No ministério de João tinha o objectivo de levar a nação de Israel aos pés do Messias através do arrependimento, preparando assim o seu caminho (João 1:25, 31). Na Comissão do Senhor aos doze e aos setenta discípulos o baptismo na água continuou a ter o mesmo significado e era praticado com o mesmo objectivo: preparar Israel para os dias do Reino que se avizinhava (João 3:22-24). A Grande Comissão do Reino, delegada pelo Senhor ressuscitado, tinha o seu programa assente no baptismo da água, como a mesma condição essencial para entrar no Reino (Marcos 16:15-16; Actos 2:38; 22:16), pratica que os doze apóstolos levaram a cabo com todo o rigor.

O poder para perdoar pecados que o Senhor lhes deu (João 20:21-23), e a autoridade de eles ligarem na terra e ser ligado no céu, como desligarem na terra e ser desligado no céu (Mateus 18:18-20), era uma prática relacionada com o baptismo na água. A eles foi dado o poder de discernir os espíritos para fazerem uma certificação do verdadeiro arrependimento e da verdadeira fé dos que se submetiam ao baptismo, a fim de lhes ser perdoados os pecados por esse meio. De facto, segundo Marcos 16:16 e Actos 2:38, aqueles que se baptizavam na água em nome do Senhor Jesus Cristo, os seus pecados seriam removidos; e, se por alguma razão óbvia eles recusassem ser baptizados, ou os Apóstolos recusassem administrar-lhes o baptismo na água, os seus pecados continuariam retidos.<sup>23</sup>

Deslocar o baptismo da água do seu contexto, da sua mensagem e do propósito que tinha no âmbito do programa Profético – a proclamação do Reino Messiânico, é transgredir o programa de Deus para aquela época, como ainda cometer um pecado contra o ensino da presente dispensação da Graça de Deus.

---

<sup>23</sup> Consideremos algumas questões: Este poder de discernir os espíritos, que saibamos, só foi dado aos doze Apóstolos, pois só eles representavam o Rei ausente, só eles se assentarão nos doze tronos em Israel (Mateus 19:28; João 20:21-23) e só eles demonstraram isso no seu ministério (Actos 5:1-10). O caso de Simão, o mago, pelo facto de ser baptizado e continuar a demonstrar a sua incredulidade, não é argumento, visto Filipe pertencer aos sete (Actos 6) e não aos doze; razão por que houve necessidade de Pedro e João se deslocarem a Samaria (Actos 8). Por outro lado, começamos a ver uma atitude diferente na forma de Deus actuar na salvação das almas, como mais adiante nos referiremos.

Outro caso controverso é o Ladrão da Cruz. O facto de ele, entre outros, serem salvos sem a instrumentalidade do baptismo naquele programa não tira a importância do baptismo na água instituído em Marcos 16:16 e praticado em Actos 2:38, ou seja, ser dotado de um poder instrumental para perdoar pecados. Havia um poder superior àquele que havia sido atribuído ao baptismo na água: a Palavra do Rei. E não foi este o único caso. Em algumas outras situações o Senhor declara a salvação do discípulo pela sua fé. E, o Senhor fazia-o porque tinha legitimidade, poder e autoridade para o fazer. Numa dessas situações em que a autoridade do Senhor para perdoar pecados foi posta em causa Ele fez uma demonstração desse poder curando um paralítico. E disse: **«Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem na terra autoridade para perdoar pecados — disse então ao paralítico: Levanta-te, toma a tua cama e vai para tua casa.»** (Mateus 9:6). Será que alguém ainda duvida disso, hoje?

## 6.4 – Comentando Algumas Passagens Bíblicas

Face às considerações que temos feito, assiste sempre ao leitor efectuar algumas perguntas, particularmente porque encontramos passagens que parecem cinzentas, e não suficientemente claras na compreensão e prática do baptismo na água.

No entanto, adiantamos desde já que, algumas condutas que vemos nos crentes e descritas no Livro de Actos não servem de doutrina. Uma coisa é o ensino e as instruções que devemos e temos de seguir, e essas estão nas Epístolas de Paulo, e outra coisa completamente diferente é a pratica dos crentes, mesmo daqueles que parecem ser alguma coisa (Gálatas 2:6).

Exemplo disso: A mensagem de Apolos em Actos 18:24-28. Ele era um homem eloquente, conhecedor das Escrituras (proféticas, pois as Escrituras reveladas a Paulo só mais tarde o foram; algumas já teriam sido escritas). Áquila e Priscila, ouvindo isso, procuraram contactá-lo e corrigi-lo de acordo com a revelação da Graça de Deus (verso 26). O que ele aceitou de bom grado.

Outro exemplo digno de nota tem a ver com Pedro e com Barnabé. De acordo com a descrição de Actos 15 eles dissimularam uma conduta com as formalidades judaicas, para não escandalizar os judeus. Barnabé estaria em Antioquia, com a igreja local e Pedro os terá visitado. Por esse tempo teriam descido ainda alguns da Igreja de Jerusalém, da parte de Tiago, que espiava a conduta deles. Por essa razão houve uma grande contenda entre eles e o Apóstolo Paulo que levou à sua separação (Actos 15:35-40). Na descrição que o Apóstolo Paulo faz na narração paralela de Gálatas 2:11-21 ele revela quais foram as causas da sua separação: viviam segundo o judaísmo quando ele tinha sido reprovado por Deus para o tempo presente. Do Livro dos Actos dos Apóstolos sobressai a ideia que a razão teria sido de Barnabé; da descrição de Gálatas 2 tomamos conhecimento das causas de fundo, que tinha a ver com o comportamento reprovável de Pedro e dos membros da Igreja de Jerusalém.

Outro exemplo que tem a ver com Pedro foi o episódio com Cornélio, no capítulo 10:23-48. Pedro é recomendado a ir a casa deste prosélito. Ele prega a mensagem da parte de Deus que conhece. Não há duvida alguma que ele prega o Evangelho do Reino. Ele fala do ministério terreno do Senhor; fala que a nação

matou o Messias e como Deus o ressuscitara; fala da comissão que o Senhor lhes tinha dado (aos Doze Apóstolos) no âmbito daquele programa profético; fala do testemunho dos profetas; e, fala da fé no Senhor como Messias anunciado pelos profetas e esperado pelos gentios nessa condição (Isaías 42:1, 6; 49:6; Mateus 12:21). A resposta divina não se fez esperar: salvou as almas que creram e derramou-lhes o Espírito Santo. Esta é uma demonstração de como o Senhor salvará na proclamação do Evangelho do Reino depois da Dispensação da Graça: salvará com base na sua graça. Pedro estranhou esta situação. Deus responde com a salvação sem o baptismo na água. E estranhou porque a ordem dada pelo Senhor era essa. No entanto, ele ignorava que Deus estava a começar uma nova obra e um novo programa – a “Dispensação do Mistério” ou do segredo oculto em Deus – com a salvação do líder da rebelião contra o Messias e programa messiânico: Saulo de Tarso. E, neste novo programa nenhuma obra justa é necessária, seja baptismo, seja a circuncisão, sejam as esmolas que Cornélio fez, seja outra obra qualquer. No entanto, a atitude dele foi manter-se fiel à comissão que o Senhor lhe havia dado: baptizar os novos discípulos. Será que precisava? Deus agiu indicando que não.

Semelhante a este exemplo foi o de Ananias, de Damasco (Actos 9:10-22). O Senhor apareceu a Paulo e o salvou. Ele dá testemunho da sua experiência pessoal em várias ocasiões. Quando ele chegou a Damasco, cego, o Senhor lhe enviou Ananias. Este discípulo, com bom testemunho, foi ter com Paulo e interpela-o com a mensagem que tem e que, até ali, era a única que havia sido revelada: a mensagem profética, ou a mensagem do Reino messiânico. Mas ele desconhecia que Paulo já estava salvo pela graça de Deus. Não obstante isso, e para ser fiel à mensagem que conhecia, ele diz: **«E, agora, por que te deténs? Levanta-te, e baptiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor.»** (Actos 22:16). “Lava” os teus pecados (Strong, 628 *απολουω* apolouo) significa “lavar com água”, pois era esse o entendimento que os crentes do Reino Messiânico tinham do baptismo na água. Mas, será que foi preciso Paulo ser baptizado para lavar os seus pecados? Todos estamos certos que não. Mas, Ananias, naquele momento, e com a mensagem que tinha, achava que sim.

O Livro de Actos dos Apóstolos não é um livro doutrinário, mas uma narrativa do comportamento das igrejas no primeiro século, e uma descrição da transição do programa Profético de Deus para o programa do Mistério de Deus: a transição dos Judeus para os Gentios: a transição de Jerusalém para Roma; a mudança da Justiça da Lei para a Justiça da Graça: a alteração do ministério de Pedro para o ministério de Paulo. Quem quiser ver mais que isso incorre no risco de cometer qualquer tipo de incorrecção.

Entretanto, a cristandade em geral, não entendendo a mudança dispensacional operada pelo Senhor, procura dar continuidade à prática do baptismo na água para



perdão de pecados; outros, por sua vez, para que esse ensino não colida com o “Evangelho da Graça de Deus” atribuem ao batismo na água um sentido que ele nunca teve, pois Deus nunca lho deu: “o batismo do testemunho”!

Consideremos, então, alguns textos bíblicos que têm levantado alguma polêmica:

“A GRANDE COMISSÃO DO REINO”

**«QUEM CRER E FOR BAPTIZADO SERÁ SALVO; MAS QUEM NÃO CRER SERÁ CONDENADO»**

– Marcos 16:16.

Eis um versículo que tem levantado alguma controversa e, por isso, ter sido deturpado no texto e no seu sentido. Já atrás referimos e agora sublinhamos, ao dizer que a água em si não tinha qualquer poder regenerador, mas a obediência ao mandamento de baptizar é que comunicava ao seu praticante o “perdão de pecados”. Mas a falta do conhecimento dispensacional de cada passagem, e a tentativa de compreenda-las fora do seu contexto dispensacional, tem levado muitos “sinceros” estudiosos das Escrituras a desfigurar o sentido do texto, e a alterar o próprio texto. Por vezes são dados significados que, em si, tais passagens não contém. Se de facto o significado do citado versículo não é o que literalmente o texto indica, o que dizer das palavras de Pedro em Actos 2:38 quando integralmente põe em pratica tal ensino? E se o que Deus diz não é literalmente o que afirma, quem é capaz de dizer que aquilo que Deus diz não é o que Deus diz??!!

Quanto a segunda parte do versículo, “Mas, quem não crer será condenado”, também muito se tem argumentado. É evidente que quem não cresse não se iria baptizar, era absurdo entender assim. Mas mesmo que o fizesse, não anula o facto de que quem cresse e não fosse baptizado sob a mensagem da Grande Comissão do Reino não seria salvo. Trata-se de “crer sem baptismo” e não de “baptismo sem crer”! Ambas as condições, juntas, é que preenchem o requisito no plano de salvação de Deus para aquela época.

## O DISCURSO DE PEDRO

**«ARREPENDEI-VOS, POIS, E CONVERTEI-VOS, PARA QUE SEJAM APAGADOS OS VOSSOS PECADOS, E VENHAM, ASSIM, OS TEMPOS DO REFRIGÉRIO PELA PRESENÇA DO SENHOR»**

– Actos 3:19.

Este versículo faz-me recordar o acontecimento narrado em Êxodo 19:14-16, onde é manifestada a necessidade da purificação do povo de Israel para a manifestação da presença do Senhor. Mas não é disso que pretendemos falar, embora esteja relacionado com isso.

À primeira vista Actos 3:19 não parece ter qualquer indício de água. Pedro não faz referência à água e, para muitos leitores, este texto anula os anteriores. É como se dissessem que o que o Senhor disse em Mateus 28, Marcos 16, Lucas 24, João 20 e Actos 1 não tinha sentido; e, ainda, o discurso e apelo de Pedro em Actos 2:38, estava errado. São afirmações que não têm qualquer sentido. Este texto tem de ser integrado na Grande Comissão do Reino dada pelos Senhor aos doze apóstolos do Reino e compreendido em todo o seu contexto de cumprimento das profecias para Israel. E, para os ouvintes de Pedro, conhecedores de Pedro e da sua mensagem – Pedro não era um estranho, todos sabiam quem ele era, qual a sua mensagem e o seu propósito – entendiam perfeitamente o que Pedro queria dizer. O mesmo se diga das palavras do Senhor a Nicodemos: **“aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus”** (João 3:5), e que muitos têm dito que a água é tudo menos água líquida. Mas, será que Nicodemos não entendeu que o Senhor se referia a água física, quando o Senhor baptizava, ou seja, os discípulos pelo mando do Senhor? (Idem, 3:22).

Só podemos duvidar das intenções de alguns intérpretes das Escrituras, quando os ouvimos e lemos as suas afirmações, onde o Texto Sagrado é manifestamente mutilado!

Outra nota que importa dar do texto supra citado é a seguinte: “Os tempos de refrigério pela presença do Senhor” não eram imediatos. Temos, também, de enquadrar o texto no programa Profético para não dizer coisas que não estavam na mente de Deus. Temos de ter consciência que a Profecia estava a ser cumprida, literalmente e cronologicamente. Isto quer dizer que faltavam alguns anos para o regresso do Senhor, ou seja, cerca de sete anos, que são os anos da grande tribulação, de acordo com o profeta Daniel. E, sobre isso, confirma o próprio Pedro

nesta mensagem quando diz: «E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado, o qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio.» (versos 20-21).

“O BAPTISMO DO EUNUCO”

**«Então, Filipe, abrindo a boca e começando nesta Escritura, lhe anunciou a Jesus. E, indo eles caminhando, chegaram ao pé de alguma água, e disse o eunuco: Eis aqui água; que impede que eu seja baptizado? E disse Filipe: É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus. E mandou parar o carro, e desceram ambos à água, tanto Filipe como o eunuco, e o baptizou. E, quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, e não o viu mais o eunuco; e, jubiloso, continuou o seu caminho»**

– Actos 8:29-39.

O eunuco não foi o primeiro gentio a ser baptizado. Já no dia do Pentecostes se encontravam alguns gentios, prosélitos, juntos com a multidão dos judeus, que creram e teriam sido baptizados (Actos 2:10-38).

Segundo a descrição feita acerca do Eunuco, este era um prosélito da religião Judaica, como os de Actos 2:10. Pelo seu interesse em conhecer e compreender o Deus de Israel é que o eunuco foi a Jerusalém adorar; e como resposta divina Filipe foi enviado por um anjo do Senhor a fim de explicar-lhe o texto de Isaías 53.

Filipe não poderia ter alcançado o Eunuco com o Evangelho da Graça de Deus, porque tal ensino foi dado a Paulo (Efésios 3:8), e ele só se converte em Actos 9. O eunuco, sem sombra de dúvidas, foi salvo com a mensagem do Reino, pois Filipe mostrava ao Eunuco como Jesus era o Messias, o Cristo prometido (vs.37). E Filipe não ficou por aqui na sua exposição explicativa. Diz-nos a Escritura (Vs. 35) que ele começou nesta Escritura de Isaías 53 para lhe ensinar muitas outras verdades do Senhor Jesus Cristo e da sua salvação. No seguimento da sua exposição, Filipe lhe terá falado da importância do baptismo na água para o perdão dos seus pecados, no contexto da revelação do Senhor aos doze Apóstolos. Claro, ele não poderia adivinhar!

Depois de toda a instrução de Filipe, o eunuco disse: **“Eis aqui água; que impede que eu seja baptizado?”** (vs. 36).

Notem que a iniciativa de ser baptizado com água partiu do eunuco e não de Filipe. Isso só demonstra que Filipe lhe havia explicado o lugar que o baptismo na água tinha no Evangelho e a sua importância para a salvação. E, para que não ficassem dúvidas, Filipe perguntou: “É lícito, se crês de todo o coração.” E, respondendo ele, disse: “Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.” (vs. 37).

Assim, o eunuco ao crer e a ser batizado estava a cumprir o que o Senhor tinha dito referente ao batismo após a sua ressurreição: "Crer e ser batizado" (Marcos 16:16).

“CORNÉLIO”

**«E, dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios. Porque os ouviam falar em línguas e magnificar a Deus. Respondeu, então, Pedro: Pode alguém, porventura, recusar a água, para que não sejam batizados estes que também receberam, como nós, o Espírito Santo? E mandou que fossem batizados em nome do Senhor. Então, rogaram-lhe que ficasse com eles por alguns dias»**

– Actos 10:44-48.

Já nos referimos a este acontecimento antes. Pensamos que pouco mais podemos dizer de esclarecedor. Simplesmente reiteramos que assistimos aqui a uma alteração na atitude de Deus.

Pedro foi até Cornélio com a mensagem que tinha do Senhor ressuscitado, a Grande Comissão do Reino, com o baptismo na água como uma condição para os conduzir à bênção do Espírito Santo prometido pelos profetas e o Senhor concede a bênção já fora desse programa e mensagem. Notem as palavras de Pedro: (1) Ele identifica a sua mensagem com os filhos de Israel: “A palavra que Ele enviou aos filhos de Israel...” (verso 36); (2) Ele identifica a sua mensagem com os profetas (verso 43); (3) Ele identifica, ainda, a sua mensagem como uma sequência ou estando relacionada com a mensagem de João Baptista: “depois (gr. “*meta*”, i.e. “entre”, “no seguimento”) do baptismo que João pregou”, (verso 37); (4) Eles conheciam bem a mensagem do Reino (verso 37); (5) Ele identifica a sua comissão com tudo isso, no contexto messiânico: ministério terreno do Senhor e comissão pós-ressurreição: “E nos mandou pregar ao povo...” (verso 42); (6) a mensagem de Pedro canalizava-se para o baptismo, quando disse: “todos os que nele crêem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome” (verso 43). E, que era isso senão “baptizar em nome do Senhor”, como ele o fazia e repetiu-o aqui, também (vide Actos 2:38 – “**cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados**”).

Entretanto, Pedro foi confrontado com uma actuação diferente do Senhor. O Senhor não o deixou administrar o “baptismo para perdão de pecados”, como o tinha comissionado, no âmbito da Comissão do Reino. Antes de Pedro acabar a sua

mensagem, e antes de serem batizados com água, Cornélio e a sua casa receberam o Espírito Santo (verso 44). É verdade que, depois, e em obediência à comissão do Senhor para Pedro, ele batizou-os. No entanto, concluímos nós, já não era preciso. Eles já tinham recebido o dom do Espírito Santo. Deus estava a demonstrar que já não era preciso.

Como explicar este acontecimento? Vejamos alguns pressupostos:

Primeiro, o Senhor já tinha dado início a um novo programa: o programa do Mistério, com a salvação e chamada de Paulo; segundo, a revelação do novo programa foi dado ao Apóstolo Paulo; nesta fase, Pedro desconhecia o seu conteúdo. Ele só chegou a esse conhecimento depois que Paulo foi a Jerusalém demonstrar o Evangelho que o Senhor lhe havia confiado e que pregava entre os gentios (Gálatas 1:11-12; 2:1-10; Actos 15; I Timóteo 1:11; II Pedro 3:15-16). Com este procedimento o Senhor está a demonstrar que a sua forma de actuar não depende da nossa fraqueza ou do nosso conhecimento, mas do programa que estabeleceu para cada época. E, neste momento, nós estamos já na Dispensação da Graça.

Em terceiro lugar, o Senhor está, também, a dar sinais aos crentes da circuncisão que está a proceder a uma mudança dispensacional, que viria a ser confirmada pelo ministério do Apóstolo Paulo. No entanto, o próprio Pedro reconheceu que tinha alguma dificuldade em compreender isso (vide II Pedro 3:15-16, supra citado)

Pedro, desconhecendo o novo programa divino, actua com toda a sinceridade e correcção em obediência ao programa que lhe havia sido entregue pelo Senhor: o programa do Reino. E, nesse sentido baptiza os crentes com água. Essa fora a ordem designada por Deus e ele não conhecia outro, como o revelara na sua mensagem no Pentecostes:

**«Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.»** (Actos 2:38)

Agora seria diferente. Agora, o baptismo na água não seria preciso. Agora, receberiam o dom do Espírito sem necessidade de serem batizados com água. Será que alguém falhou? Será que o Senhor estava a induzi-los em erro? “Seja sempre Deus verdadeiro e todo o homem mentiroso!” (Romanos 3:4). De maneira nenhuma! Estamos, sim, perante uma mudança dispensacional que Pedro desconhecia agora, mas que veio ao seu conhecimento mais tarde através de Paulo. Pedro actuou debaixo da velha comissão – A Comissão do Reino; mas Deus actuou segundo a nova comissão, a Comissão da Graça.

Em quarto lugar: pelas palavras de Pedro aos Hebreus, que cito:



**«E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, falando disto, como em todas as suas epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição.»** (II Pedro 3:15-16) e pela própria Epístola aos Hebreus, que segundo Pedro foi Paulo que a escreveu, estou em crer que no futuro, ou seja, depois do Arrebatamento da Igreja “Corpo de Cristo”, a mensagem que for anunciada para o Reino sofrerá alguma alteração como consequência e influência da revelação da dispensação da Graça de Deus, em que será anunciado o Reino com inspiração nas Palavras ou revelação que Deus deu a Paulo. E, aqui em Actos 10, temos a mensagem do Reino, textualmente anunciada, mas a actuação de Deus é nos moldes da actuação da Dispensação da Graça de Deus.

## “FILIPPOS”

**«No dia de sábado, saímos fora das portas, para a beira do rio, onde julgávamos haver um lugar para oração; e, assentando-nos, falamos às mulheres que ali se ajuntaram. E uma certa mulher, chamada Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, e que servia a Deus, nos ouvia, e o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia. Depois que foi baptizada, ela e a sua casa, nos rogou, dizendo: Se haveis julgado que eu seja fiel ao Senhor, entrai em minha casa e ficai ali. E nos constrangeu a isso.»**

**«E, tirando-os para fora, disse: Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar? E eles disseram: Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa. E lhe pregaram a palavra do Senhor e a todos os que estavam em sua casa. E, tomando-os ele consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes os vergões; e logo foi baptizado, ele e todos os seus. Então, levando-os a sua casa, lhes pôs a mesa; e, na sua crença em Deus, alegrou-se com toda a sua casa.»**

– Actos 16:13-15; 30-34.

Nenhuma destas passagens prova que o baptismo na água é um requisito que faz parte do ensino para esta dispensação. Aqui não temos águas doces nem salgadas; apenas águas salobras; vive-se um período de revelação<sup>24</sup> do programa do Mistério em que o Apóstolo Paulo está a receber a revelação do Mistério da Graça. Como podemos prová-lo? Os dons sinais manifestados pelos Apóstolos e que acompanhavam a pregação do Evangelho. Os dons sinais que, como o Apóstolo diz, eram as evidências do seu apostolado (II Coríntios 12:12) e faziam parte do período considerado “em parte”, até que “viesse aquilo que era perfeito” (I Coríntios 13:8-12), ou seja, o complemento da revelação da Palavra de Deus relativa à Igreja “Corpo de Cristo” (Colossenses 1:25), o varão perfeito (Efésios 4:11-13). E, se o baptismo na água fazia parte do programa do Mistério, que dizer do poder de expulsar demónios? E dos dons de curas? E do dom de línguas?

---

<sup>24</sup> “Período de Revelação”. Alguns estudiosos das Escrituras Sagradas preferem a designação “período transicional”. Nós rejeitamos esse conceito porque faz subentender que neste período Deus ainda trabalhava com a nação de Israel, como se o programa Profético ainda estivesse em curso e a Profecia em cumprimento. No entanto, se considerarmos os trâmites da Profecia ela ficou suspensa a partir da revelação do Senhor Jesus Cristo glorificado ao Apóstolo Paulo, no caminho para Damasco. É certo que a Igreja de Jerusalém manteve o ensino e as práticas judaicas, designadamente a frequência do templo, a lei, os rituais cerimoniais levíticos, entre outros. Mas, a Profecia estava suspensa. E isso, eles só vieram a saber através do Apóstolo Paulo.

Relativamente a este tipo de actuação o Apóstolo não nega de ter baptizado com água alguns crentes, no princípio do seu ministério, como ele mesmo o foi. No entanto, ele esclarece o assunto aos coríntios e demarca-se da grande comissão do Reino e do baptismo, ou seja, demarca-se da comissão que o Senhor ressuscitado tinha dado aos doze Apóstolos, quando disse: “O Senhor, a mim, não me enviou a baptizar, mas a pregar a cruz” (I Coríntios 1:17-18). Aos doze Apóstolos o Senhor não os enviou a pregar a Cruz, mas a baptizar.

“OS DISCÍPULOS DE JOÃO BAPTISTA DE ÉFESO”

**«1 E sucedeu que, enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo, tendo passado por todas as regiões superiores, chegou a Éfeso e, achando ali alguns discípulos, 2 disse-lhes: Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes? E eles disseram-lhe: Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo. 3 Perguntou-lhes, então: Em que sois batizados, então? E eles disseram: No batismo de João. 4 Mas Paulo disse: Certamente João batizou com o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo. 5 E os que ouviram foram batizados em nome do Senhor Jesus. 6 E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam. 7 Estes eram, ao todo, uns doze varões» – Actos 19.**

Uma leitura apressada e descuidada do texto citado leva-nos a crer imediatamente que Paulo rebaptizou os crentes, ou seja, os discípulos de João o Baptista, ou ainda: aqueles prosélitos da religião judaica que viviam em Éfeso. Mas, terá sido mesmo assim? Examinemos o texto cuidadosamente:

1. Os prosélitos residentes em Éfeso confessaram a sua ignorância acerca do Espírito Santo. Essa ignorância não se referia à existência do Espírito Santo, pois muito tinha sido dito no V. T. sobre o Espírito Santo e, mesmo João Baptista se referiu muitas vezes à pessoa e ministério do Espírito Santo, conforme estava revelado pelos profetas. A ignorância dos discípulos de João era, certamente, em relação ao cumprimento da profecia do batismo do Espírito Santo (Lucas 24:49; Actos 1:8).

2. Estes discípulos de João, de acordo com a mensagem que dele tinham ouvido, ainda esperavam o Messias. O batismo de João não lhes comunicava o Espírito Santo, era antes uma preparação para esse batismo espiritual (Mateus 3:11); além disso o Senhor Jesus Cristo ainda não tinha morrido, ressuscitado e sido glorificado quando João batizava (João 7:38-39). Só na grande comissão dada aos doze Apóstolos pelo Senhor ressuscitado é que o batismo possuía essa faculdade de transmitir aos que cressem, o Espírito Santo (Actos 2:38).

3. Paulo pergunta àqueles discípulos: “Recebestes vós o Espírito Santo quando crestes?” (Actos 19:2). O Apóstolo Paulo, o mordomo da Graça (Efésios 3:2), estava consciente que, agora, com a revelação da Igreja “Corpo de Cristo”, e neste período da Dispensação da Graça, nós recebemos instantaneamente o

Espírito Santo quando cremos (Efésios 1:13-14; Gálatas 3:2; Tito 3:5-7), sem a necessidade de nos submetemos a qualquer intervenção humana, como seja o batismo na água, a imposição de mãos, a oração, ou outras intervenção humana qualquer. Contrariamente, na grande comissão do Reino, e como temos visto, assim não acontecia; para receber o Espírito Santo era necessário crer e ser batizado, primeiro (Marcos 16:16; Actos 2:38).

4. Como eles revelaram ignorância acerca do crente ser possuidor do Espírito Santo, e que por Ele o crente podia ser iluminado, vivificado, santificado, abençoado e conduzido, como eles experimentaram depois de receberem o Espírito, conforme a descrição do versículo 6, Paulo pergunta-lhes:

“EM QUE SOIS BAPTIZADOS, ENTÃO?” (verso 3)

“A ideia no original Grego é exactamente encarada como: “em quê, ou para quê ou em vista de quê fostes batizados? A partícula grega que tratamos de traduzir assim, por falta de outra melhor, indica direcção, o objectivo em vista do qual se faz uma coisa, o propósito que ocupa o nosso pensamento” (L. B. e A. S, do Francês, Comentário ao N. T.).

“Em quê ou sobre que base” (Robertson, *Grammae*, pag. 592).

“Evidentemente, Paulo sentia que eles haviam recebido um batismo deficiente sem conhecimento do Espírito Santo” (A. T. Robertson).

O Apóstolo estranhou que eles fossem crentes e não tivessem o Espírito Santo. Segundo a revelação que ele tinha do Senhor, aqueles que não têm o Espírito de Cristo esse tal não é d’ Ele (Romanos 8:9). Também estranhou mesmo eles sendo crentes do Reino, que esperavam o Messias e o cumprimento das profecias, pois, todos aqueles que criam no Messias e fossem batizados receberiam o Espírito Santo (Actos 2:38). Daí a pergunta de Paulo, que seria literalmente: “*quem vos baptizou?*”

Não se trata de fazer diferença baptismal, em termos de qualidade, de forma, de conteúdo, de nome, de propósitos, ou de pessoas baptizando ou baptizados, pois, como temos considerado, não havia diferença alguma naqueles batismos da água. A única diferença é que, depois da morte e ressurreição do Senhor – ou seja, depois da celebração da Nova Aliança na cruz do Calvário – o batismo na água conferia o Espírito Santo aos que cressem.

A resposta daqueles discípulos veio explicar as questões de Paulo:

“No batismo de João.”

Agora surge a questão:

Foram estes discípulos batizados novamente?  
NÃO!

O leitor não ignore que a divisão das Escrituras não é inspirada. A Escritura, no original, não foi escrita com pontuação, com versículos e capítulos. Por conseguinte, o versículo 5 é uma continuidade do assunto do versículo 4.

A versão holandesa traduz o versículo 5 nestes termos:

“E os que o ouviram (a João Baptista), foram batizados em nome do Senhor Jesus”.

1. Já referimos atrás que não há qualquer diferença entre batismo de Pedro no Pentecostes e o batismo de João, nem são contraditórios. Ambos eram batismos de arrependimento e confissão de pecados (Marcos 1:4-5 com Actos 2:38 e 3:19), e eram ambos para remissão de pecados. Havia sim uma diferença, mas no resultado: em Pentecostes os que eram batizados recebiam o dom do Espírito Santo em adição à remissão dos pecados. No batismo de João isso não acontecia. Isto explica o porquê destes discípulos de João não terem recebido “o dom do Espírito Santo” e porque é que com a imposição das mãos do Apóstolo isso lhes foi comunicado; ao que, instantaneamente, passaram a falar línguas e a profetizar como evidência dessa realidade.

2. Aqui também, como no versículo 3, a expressão gramatical transmite a ideia de ser “batizada para o nome do Senhor Jesus”. Isso não quer dizer que Paulo os rebaptizasse, pois as circunstâncias que cercavam estes discípulos são as mesmas que encontramos com o caso de Apolos em Actos 18:24-26, que também só conhecia o batismo de João. Não lemos que Priscila e Áquila o rebaptizassem.

3. Nunca lemos no N. T. de alguém que fosse rebaptizado. Se isso acontecesse aqui seria a única vez em que isso aconteceu e Paulo estava a fazer uma coisa que o próprio Senhor não o incumbiu, (I Coríntios 1:17). Neste número incluo os doze apóstolos que, antes de serem discípulos do Senhor foram discípulos de João Baptista (João 1:35-51), e nunca lemos que eles tivessem sido rebaptizados ou que rebaptizaram alguém.

4. Se Paulo rebaptizou, com que batismo o fez? E onde temos tal mandamento para o fazer? Não podemos tirar ensinamentos doutrinários de um simples acto, ou de um exemplo. Se era o “batismo do testemunho”, onde as Escrituras é dito que alguma vez o batismo na água foi ensinado como tal? Infelizmente, muitas são as denominações dentro da cristandade que se valem desta passagem para basear as suas doutrinas; no entanto, consideramos que não foram muito felizes, pois tentam obter um sentido da passagem que o texto não dá.

5. “*Os que ouviram*” é uma expressão que deve ser entendida no discurso de Paulo e não no procedimento de Paulo depois do discurso. Ele disse que, no ministério de João Baptista, os que o ouviram foram batizados no nome do Senhor Jesus, que haveria de vir (v. 4), pois ele batizava dizendo que o povo

“cresse naquele que haveria de vir”, no qual nome baptizava. O procedimento de Paulo está descrito a partir do verso 6: «**E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo...**». Se Paulo os rebatizasse (e está fora de hipótese), deveria ser escrito assim: “E os que ouviram Paulo foram baptizados em nome do Senhor Jesus. E, impondo-lhes as mãos...” Mas, o texto diz: “Mas Paulo disse...” (v. 4-5) e “E Paulo fez...” (v. 6).

6. O baptismo de João apontava para aquele que haveria de vir, que Paulo esclarece ser o Jesus Cristo. No versículo 5 diz que João Baptista baptizava em nome daquele que haveria de vir. Ou seja, João Baptista também baptizava em nome de Jesus Cristo, se bem que, provavelmente não nomeava o nome em si, mas a Pessoa que ele esperava: o Messias. Neste sentido, Paulo não poderia baptizar, porque, entre outras coisas, a sua mensagem não é a do Reino messiânico, nem é um apelo para as almas se prepararem para qualquer reino. A mensagem de Paulo é a cruz e não o baptismo. Ele mesmo disse: “Porque Cristo enviou-me, não para baptizar, mas para evangelizar; (...) a Palavra da cruz...” (I Coríntios 1:17-18). Assim, concluímos que o escritor está a referir-se que, aqueles ouvintes tinham ouvido João Baptista e tinham sido baptizados por ele.

7. Provavelmente estes discípulos de João Baptista, depois que ouviram Paulo, terão dito: “Nós também somos crentes!” E, Paulo pergunta: “Sois crentes como, e quando?” E, nessa sequência, lhes faz experimentar as bênçãos do Reino, assentes no Novo Concerto, e reestruturado pelo Evangelho da graça de Deus.

8. Este episódio mostra-nos como as coisas se passaram na experiência de muitos discípulos convertido sob o programa messiânico, na esperança do Reino, mas agora, com a sua experiência de vida alterada por aquele programa estar suspenso. Estes, como os doze Apóstolos, experimentaram as bênçãos do Reino e esperavam em seus dias entrar no gozo do Reino, conforme os profetas anunciaram e o Senhor lhes prometeu, mas, neste período em que o programa profético estava suspenso deveriam se sujeitar ao ensino da nova revelação da graça de Deus. Eles não perderão o direito de entrar no gozo do Reino, pois “*os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento*” (Romanos 11:29), mas, entretanto, com a mudança dispensacional, a forma como deveriam andar e agradar a Deus seria viver de acordo com o ensino da graça de Deus (Tito 2:11-14; Colossenses 1:9-12).

“BAPTIZAR EM NOME DE...”

Consideremos mais algumas verdades:

“**Baptizar em nome de...**”

“**Portanto ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.**” (Mateus 28:19).

**“Arrependei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo, para perdão das pecados...” (Actos 2:38).**

**«E mandou que fossem baptizados em nome do Senhor.» (Actos 10:48).**

Será que há alguma diferença na forma de ministrar o baptismo na água? Será que há alguma desobediência de Pedro ou alguma mudança de instrução? Cremos que não. Primeiro porque ao Senhor foi dado todo o poder no céu e na terra (Mateus 28:18); **“n’ Ele habita corporalmente toda a plenitude da divindade”** (Colossenses 3:9).

Orar no nome de..., falar no nome de... e, baptizar no nome de... é fazê-lo na autoridade desse nome. Assim o fizeram os apóstolos como também João Baptista. Embora no N, T, não tenhamos referência que João Baptista, ao baptizar, usasse qualquer uma destas formas verbais ao baptizar, ele fazia-o na autoridade do Senhor Jesus que haveria de vir. João Baptista baptizava com a autoridade daquele que o enviara. Mas, também podemos dizer, que João Baptista baptizava na autoridade daquele que haveria de vir, pois o seu baptismo apontava para Ele, conforme nós tivemos oportunidade de referir e citar João 1:31 – **«E eu não o conhecia, mas, para que ele fosse manifestado a Israel, vim eu, por isso, baptizando com água.»**. O versículo 4 de Actos 9 refere-se a isso exactamente: **“dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo”**. Os textos de Mateus 3:11, Marcos 1:2-3, Lucas 1: 76-79 e João 1:25,31,33 confirma isso também.

João Baptista e os próprios Judeus reconheciam que só o Messias tinha autoridade para baptizar (purificar a Nação para implantar o seu Reino – Mateus 3:14; João 1:25), mas João veio na sua autoridade (em seu nome - João 1:6-8). Essa autoridade, depois do Senhor ressurto, foi outorgada aos doze Apóstolos (Mateus 28:18-20 com João 20:20-23).

Assim, e pelas considerações que temos vindo a fazer, concluímos que João baptizava no nome, ou no poder ou na autoridade d' Aquele que ele esperava: Jesus Cristo. É a isso mesmo que o Apóstolo Paulo se refere nos versículos 4 e 5 do capítulo 19 de Actos dos Apóstolos: aqueles discípulos de João, quando ouviram a sua mensagem (de João), foram baptizados por ele no nome d' Aquele que haveria de vir, ou para os levar aos pés d' Aquele que haveria de vir – o Senhor Jesus Cristo.

Por fim, não esqueçam que tudo isto aconteceu em pleno período de revelação do Mistério da Igreja “Corpo de Cristo”; em Actos 21 os crentes de Jerusalém ainda se encontravam presos aos ensinamentos messiânicos e à lei, pensando eles que em seus dias o Reino ainda seria estabelecido (21:20-27). Mesmo Paulo, e porque ainda estavam neste período em que não tinha a revelação do “Mistério” completa, presumia que o arrebatamento da Igreja seria nos seus dias (I Coríntios 15:51-52; I Tessalonicenses 4:17 – **“depois, nós, os que ficarmos vivos...”**), e o programa de



Deus para Israel seria reatado. Isso se compreende por que é que ele, nesta fase, não se opõe às práticas dos judeus que viviam na Judeia e em Jerusalém, e até se sujeitou a algumas delas. Ele só se opunha quando esses judeus queriam impor tais ensinamentos e condutas aos crentes entre os gentios. Depois de Actos 28 e com o decorrer do seu ministério é que o Senhor lhe revelou que o período da Dispensação da Graça de Deus seria mais extenso do que ele pensava (II Timóteo 3:1 e seguintes; 4:6-8).

Entretanto, e contextualizando os textos citados, vemos o seguinte: em Mateus 28 o Senhor Jesus Cristo confirma que veio na autoridade da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. **“*Todo o poder me é dado, no céu e na terra*”** (Mateus 28:18). E, é nessa autoridade que, como Homem, investido com a autoridade de Deus para o cumprimento da Profecia, delega e investe os doze Apóstolos para o representar na sua ausência: **“*Como o Pai me enviou, eu vos envio a vós...*”** (João 20:21; 17:18), **“*ide... em meu nome...*”** (Marcos 16:15, 17). Assim, a autoridade da Santíssima Trindade é a autoridade do Filho do Homem, e a autoridade do Filho do Homem é a autoridade dos Apóstolos do Messias: os doze Apóstolos. Por isso, baptizar em nome do Senhor, simplesmente, ou baptizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo era a mesmíssima coisa. O efeito era o mesmo.

## “JUDAS ESCARIOTES”

«Levantou-se da ceia, tirou as vestes e, tomando uma toalha, cingiu-se. Depois, pôs água numa bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido. Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, que lhe disse: Senhor, tu lavas-me os pés a mim? Respondeu Jesus e disse-lhe: O que eu faço, não o sabes tu, agora, mas tu o saberás depois. Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu te não lavar, não tens parte comigo. Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça. Disse-lhe Jesus: Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos. Porque bem sabia ele quem o havia de trair; por isso, disse: Nem todos estais limpos.» (João 13:4-11)

A linguagem do Senhor dá a entender que Judas iscariotes nunca teria sido baptizado. E, se assim foi, nunca fora limpo através do Evangelho do Reino, com o baptismo do arrependimento para o perdão de pecados.

Do testemunho que temos da Escritura, a generalidade dos discípulos do Senhor tinham sido discípulos de João baptista e, por isso, pertenciam ao pequeno remanescente em Israel que esperava o Reino. Mas, de Judas iscariotes e das suas origens nada sabemos. Sabemos, pela derivação do seu apelido, que seria de Queriotte, localidade a sul de Hebrum, pertencente à tribo de Judá. Não sabemos se seria um seguidor assíduo do Senhor antes do Senhor escolher os doze Apóstolos do Reino, mas que estaria no meio da multidão no momento da selecção. Seria mais um curioso que se veio a revelar mais um oportunista, que se envolveu no grupo do Senhor com o objectivo de obter um lucro material.

Dirá o leitor: “o Senhor não está a falar de baptismo na água, mas de limpeza espiritual, de que a lavagem dos pés é figura!”

Isso é certo. Mas, o Senhor está a lavar os pés, e com água literal. E, essa lavagem representava a purificação espiritual diária. Por isso, quando o Senhor disse a Pedro: “Já estais limpos”, recusando-se a lavar totalmente a Pedro, referia-se ao baptismo na água, que ele já tinha sido baptizado. Agora, ele não precisava de ser baptizado novamente, mas de ser purificado diariamente, de que a lavagem

dos pés era figura. E, se a lavagem dos pés era literal, também o era a lavagem total. E, a única lavagem total a que os discípulos foram sujeitos foi o batismo na água.

Quando o Senhor diz: **“Ora, vós estais limpos, mas não todos”**, dá a entender que Judas iscariotes nunca teria sido batizado na água, e nunca teria crido no Evangelho que João Baptista e o próprio Senhor pregaram nos seus ministérios. Judas iscariotes nunca revelou arrependimento pelo batismo na água e, por essa circunstância, os seus pecados nunca houveram sido lavados, e como os *“fariseus e doutores da Lei, rejeitou o conselho de Deus contra si memo, não tendo sido batizado”* (Lucas 7:30).

Esta passagem bíblica também nos faz ver que o Senhor não recomendou o rebatismo. Aqueles que tinham sido batizados não o deveriam ser novamente; pois, aquele **“que está limpo não precisa de lavar senão somente os pés!”** O que contraria aqueles que dizem que Paulo rebatizou os discípulos de João em Actos dos Apóstolos 19.

## 7. O BAPTISMO NA ÁGUA E A DISPENSAÇÃO DO MISTÉRIO

### 7.1 – O Período da Revelação da Doutrina do Mistério

Quando examinamos o baptismo da água neste capítulo, não nos propomos saber se o baptismo da água se encontra nas Escrituras ou não; nem como ou a quem deve ser ele executado; ou ainda, se o apóstolo Paulo foi ou praticou o baptismo; propomo-nos saber, sim, é se o baptismo na água faz parte do programa de Deus para a presente dispensação.

O ministério do apóstolo Paulo na fase da revelação – ao que ele chama de “*em parte*” – tem deixado muitos estudiosos das Escrituras perplexos. Perguntam-se porque razão é que Paulo, o apóstolo da dispensação da Graça de Deus, praticou obras que mais tarde abandonou, tais como a circuncisão (Actos 16:1; Gálatas 2:3); as línguas (I Coríntios 14:18); operação de sinais e maravilhas (Romanos 15:18-19); observação de ritos judaicos (Actos 21:26-27), ser baptizado na água (Actos 22:16), e ter baptizado outros (Actos 16:33), mesmo que poucos (I Coríntios 1:14-17).

Este problema tem levado alguns à conclusão de que o “Mistério” não foi revelado a Paulo antes de ser preso em Roma, e que o ensino sobre o “Corpo de Cristo”, a Igreja desta dispensação, principiou historicamente só depois de Actos 28:28. Mas este ensino é tão errado como aquele que diz que a Igreja principiou no dia do Pentecostes, pois lemos claramente do “Mistério do Corpo de Cristo” nas primeiras cartas de Paulo, escritas antes de Actos 28:28, como o lemos nas outras epístolas do mesmo apóstolo depois disso (Romanos 16:25; I Cor.2:7, 15; Romanos 12:5; I Coríntios 12:12-13, 27; I Tessalonissenses 4:113-18).

Aqueles que dizem que a Igreja começou depois de Actos 28:28 tiram a conclusão errónea de que deve haver dois “Corpos de Cristo”, dois evangelhos da graça de Deus, duas dispensações do Mistério, rejeitam algumas epístolas de Paulo<sup>25</sup>, a ceia do Senhor, o véu da autoridade e da glória de Cristo, permitem o

<sup>25</sup> As últimas epístolas de Paulo foram escritas da prisão. Nós cremos que terão sido escritas quando Paulo esteve preso em Roma, conforme a descrição de Actos 28:16-31. O Espírito Santo limita o ministério do Apóstolo Paulo

ministério público das mulheres na igreja, entre outras coisas graves<sup>26</sup>. Os que afirmam que a Igreja começou em Actos 2 cometem o erro não menos grave de não poderem andar segundo tal comissão, porque Deus tornou isso impossível.

Quando Deus chamou Paulo (Gálatas 1:15-17), já foi com o propósito de o enviar aos Gentios (Actos 9:15; 22:21). Ele é o apóstolo dos Gentios (Romanos 11:13; I Timóteo 2:7; II Timóteo 1:9-11; Efésios 3:1-11), e a ele foi entregue a mordomia da Graça para os Gentios (Efésios 3:1-11; Colossenses 1:24-27; Romanos 16:25-28), a qual era um segredo oculto aos profetas do Antigo e do Novo Testamento, aos do Reino, pois tal conteúdo não dizia respeito a Nação de Israel, mas à sua queda, e por meio dela os Gentios seriam abençoados (Romanos 11:11-12,25).

O ensino que diz respeito há Igreja "Corpo de Cristo", a Igreja da presente dispensação, não foi revelada antes de Paulo, e mesmo quando a ele foi revelada, processou-se através de várias e sucessivas revelações; período que, provavelmente, demorou vários anos desde a sua conversão (Gálatas 1:15-17). Actos 26:16; II Coríntios 12:1 emprega a palavra “revelação” no plural como se referindo a várias. E, como ninguém sabia – nem Paulo – quanto tempo iria durar o endurecimento de Israel (era também um mistério – Romanos 11:25), explica alguma insistência e continuidade na observância dos ensinos judaicos, mesmo por Paulo, e incluindo a prática dos “baptismos”.

---

até Actos 28:31. Nada nas Escrituras nos indicam que Paulo tenha sido depois libertado e continuado num ministério anónimo. Nós, como observadores das Escrituras, devemos nos limitar ao que está escrito. A teologia especulativa deve ser deixada para os “ministros que se transfiguram” em doutores das Escrituras e ministros de Deus, os quais procuram se promover com as suas afirmações provocadoras e sem fundamento bíblico. É um ministério ao serviço e com a inspiração dos “demónios” (I Timóteo 4:1-5; II Timóteo 3:1-9).

<sup>26</sup> De facto são espantosos os argumentos utilizados pelos hiper-dispensacionistas. E quando se trata de matérias como o véu, o ministério das mulheres na igreja e a ceia do Senhor, usam tudo menos a Palavra de Deus. A sua inspiração, não há dúvida, é do deus deste século. Nós sabemos o que os move, mas a sua condenação está à espreita! O Senhor permita que andemos sempre com os olhos do nosso coração sempre iluminados pela Sua Palavra (Efésios 1:18).

## 7.2 – O Lugar do Baptismo da Água no Ministério de Paulo

Muito foi dito, mas mesmo assim talvez não o suficiente, acerca do baptismo na água e do seu lugar no Reino Messiânico. Depois de percorrermos algumas citações que nos pareciam suspeitas, acerca da prática do baptismo na água, no seu contexto dispensacional, como na fase da revelação do Mistério, agora convém-nos examinar, não tanto se o baptismo da água continuou a ser praticado nesta dispensação, mas saber se ele faz parte do programa de Deus para a actual dispensação da Igreja “Corpo de Cristo”.

Através da história da Igreja, o maior inimigo da verdade foi, e continua a ser, a tradição. Sabendo de antemão isso propomo-nos examinar neste momento, não as tradições, mas a Palavra de Deus.

Quando nos debruçamos sobre Actos 28:25-28 encontramos Paulo a lavar uma sentença da cegueira judicial sobre a Nação de Israel e dizer-lhes que, “a salvação de Deus seria enviada aos Gentios”. Aí termina o período de tolerância para Israel. A partir dessa altura jamais lemos qualquer referência ao baptismo na água, e muito menos a ser praticado como símbolo ou testemunho. Quando Israel recusou a mensagem que Deus lhes dirigia como nação, e os Gentios estavam a ser salvos em grande número, o baptismo na água, lenta mas firme e seguramente, estava a perder a sua proeminência como o Livro dos Actos dá a entender claramente. Quando nos dirigimos para as epístolas de Paulo escritas depois de Actos 28, o baptismo na água já não é mais mencionado. Isso é absolutamente natural, porque Cristo não está para se manifestar a Israel (João 1:31). Nem o Senhor pretende, com a mensagem da Graça de Deus, implantar um reino na terra, mas pretende salvar almas da ira que está para cair sobre a terra; e, com as almas que se salvam, o Senhor está a formar um corpo espiritual no céu (Efésios 1:3; 2:5-7). Israel encontrar-se actualmente em trevas (Actos 28; Romanos 11:25). No entretanto, até que o Messias volte, e volte para Israel, a Igreja "Corpo de Cristo" está, a ser formado no céu. As almas que se arrependem e crêem no Evangelho da Graça de Deus, o Espírito Santo baptiza-as em Cristo, nos lugares celestiais. E, neste Evangelho, o baptismo na água não tem qualquer lugar.

O baptismo que faz parte do programa de Deus para a presente Igreja é o baptismo espiritual, “o baptismo do Espírito Santo”, ou o baptismo com que o Espírito Santo baptiza os crentes na Pessoa, no Corpo e na obra de Cristo. Este é o

“um só Baptismo”, do “um só Corpo”, operado por “um só Espírito”, de acordo com a “uma só Fé”, para “uma só Esperança da Vocação Celestial”, como propósito de “um só Deus” (Efésios 4:3-6). Tudo isto é espiritual e faz parte do plano espiritual da Igreja, que por sua vez é também espiritual.

"PORQUE CRISTO ENVIU-ME, NÃO A BAPTIZAR, MAS A EVANGELIZAR"

(I Coríntios 1:14-17)

Creio ser desnecessário transcrever aqui todos os argumentos que afirmam que este versículo não proíbe a prática do baptismo; bem, de facto nem o aprova. Acrescentar que Paulo não baptizava mas os seus companheiros, para que os baptizados não usassem o nome de Paulo como estandarte ou denominação, não anula o facto de ele dizer: “Dou graças a Deus porque só baptizei alguns”.

Será que se Paulo pertencesse ao grupo dos doze Apóstolos, e fosse encarregado da mesma comissão que eles foram: “Ide, ensinai... baptizando...” (Mateus 28:19), poderia dizer isto? Poderia ele agradecer a Deus por negligenciar fazer o que era o seu simples dever de fazer?

Uma coisa é clara: o Senhor enviou os doze Apóstolos a baptizar e disse-lhes, claramente, para baptizar. A Paulo, o Senhor não o enviou a baptizar. Temos aqui uma comissão distinta e diferente.

Mas, diríamos, com que baptismo podia ele baptizar? O de Marcos 16:16 (para salvar), ou de Actos 2:38 (para perdoar), ou de 22:16 (para lavar), ou de Lucas 7:29-30 (para justificar), ou seja, o baptismo para “perdão de pecados”. Isso não iria colidir com a mensagem da Graça e contrariar o programa de Deus para a presente época? Como poderíamos praticar o baptismo na água para perdão de pecados sem transgredir Romanos 3:21-22 (justificados gratuitamente, sem obras), ou Romanos 4:4-8 (idem), ou II Coríntios 5:21 (idem), ou Efésios 2:4-10 (salvos pela graça, sem obras), ou II Timóteo 1:9 (chamados pela graça, sem obras), ou Tito 3:5-6 (nos salvou gratuitamente, sem obras)?<sup>27</sup> Por outro lado, se o baptismo que o Apóstolo Paulo baptizava era o chamado “baptismo do testemunho”, como correntemente se diz, então ele estava a transgredir o sentido do baptismo revelado em Marcos 16:16, Actos 3:38 ou Lucas 7:29-30; pois, além de não lermos que o baptismo na água fosse um testemunho, menos encontramos qualquer mandamento ou exortação para que o devamos praticar como tal. Creio que Paulo não poderia

---

<sup>27</sup> Contrasta com as “obras de justiça” (Tito 3:5) onde o baptismo na água se incluía. A salvação pelas obras – as obras instituídas por Deus na revelação profética, fazia parte do Evangelho do Reino (I João 1:7; Tiago 2:14).

ser mais claro do que o é aqui quando afirma que o baptismo na água não faz parte da comissão que o Senhor glorificado lhe deu, nem consta na revelação que recebeu do Senhor.

### **"Fui enviado... a evangelizar..."**

Quando lemos textos como Romanos 1:15, 15:29, 16:25-27, Actos 20:24, 27, Efésios 6:19-20 ou I Timóteo 1:11 entendemos que para o Apóstolo Paulo o conceito de "Evangelho" é muito mais que o simples plano de salvação para os perdidos. Isso é Evangelho, mas não "O Evangelho", ou para ser mais claro: o facto de que Cristo morreu pelos nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação, segundo as Escrituras (I Coríntios 15:1-4) é uma parte que compõe o todo do Evangelho que Paulo recebeu do Senhor na glória, e que inclui a nossa herança, as bênçãos espirituais, os dons do Espírito Santo, entre inúmeras outras coisas. O evangelho de Paulo, no seu sentido pleno e amplo, é "todo o conselho de Deus" acerca do programa do "Mistério" para a Igreja "Corpo de Cristo" e que ele chama de "meu Evangelho" (Romanos 16:25). Nesse Evangelho, o conselho completo de Deus para a Igreja "Corpo de Cristo", não consta qualquer pinga de água, como fazia parte integrante e proeminente do programa que o Senhor ressuscitado comissionou os doze Apóstolos para Israel. Também, segundo João 1:31, nem Paulo ia ser enviado a Israel, nem o Senhor Jesus Cristo iria ser oferecido por meio de sua mensagem (de Paulo) à Nação para o estabelecimento do Reino prometido (João 1:25).

Temos aqui a comissão de Paulo: "fui enviado..." E, diz ele, a minha comissão não é como a dos doze Apóstolos de Israel, os quais foram enviados especificamente a baptizar (Mateus 28:19); Mas, a minha comissão é de tornar conhecido "o mistério do Evangelho" (Efésios 6:18-20).



### 7.3 – O “Um Só Baptismo” (Efésios 4:5)

Não há perigo mais grave para compreensão deste assunto como o de atribuir a todas as referências de "baptismo", como sendo o baptismo na água. Mateus 3:11, Marcos 10:38 e Lucas 12:50, são algumas referências ao baptismo que nada têm a ver com o baptismo na água. Temos o baptismo com o Espírito e o baptismo com fogo (juízo) e o baptismo com a morte. Segundo Paulo, na revelação do Senhor glorificado para a Igreja consta “UM SÓ BAPTISMO”, que é o baptismo espiritual operado pelo Espírito Santo. E este baptismo nada tem a ver com o baptismo de Actos 1:5, ou com os baptismos acima citados, o “baptismo com o Espírito Santo”. O baptismo com o Espírito Santo que João Baptista falou e também o Senhor como cumprimento da Sua promessa e da palavra dos profetas, consistia no derramamento do Espírito Santo enviado desde os céus, pelo Senhor, sobre a nação de Israel – no caso, sobre o remanescente de Israel. O baptismo do Espírito Santo de que o Apóstolo Paulo fala e que faz parte da revelação para a igreja “Corpo de Cristo” é o Espírito Santo que baptiza. No primeiro o Espírito Santo é o elemento do baptismo; neste, o Espírito Santo é o agente baptizador. O baptismo com o Espírito Santo em Actos 1:5 seria um cumprimento profético para Israel, pois a eles é que tal promessa dizia respeito (Actos 2:16; 38-39 – vide supra); o baptismo do Espírito de que Paulo fala diz respeito há obra do Espírito Santo em identificar os crentes salvos com Cristo, formando com eles um Corpo, o que era, e tem sido para tantos um “Mistério” (Colossenses 1:24-27).

**Consideremos alguns aspectos deste “Um Só Baptismo”:**

#### 7.3.1. O Baptismo na Morte de Cristo

**«Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça seja mais abundante? De modo nenhum! Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? Ou não sabeis que todos quantos fomos baptizados em Jesus Cristo fomos baptizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo baptismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em**

**novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição; sabendo isto: que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado. Porque aquele que está morto está justificado do pecado. Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos; sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor.»** (Romanos 6:1-11).

Este é o baptismo pelo Espírito Santo com que ele nos identifica com Cristo na sua morte.

Tal experiência não tem um só pingão de água, pois, o outro baptismo, o baptismo da água, não nos baptiza na morte de Cristo nem tem capacidade para motivar-nos a andar em novidade de vida, como este tem. Segundo o versículo 4, só o Espírito Santo pode efectuar estas coisas. Leiamos:

**“Fomos sepultados com Ele pelo baptismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim nós, também devemos andar em novidade de vida.”**

Notemos ainda que, de acordo com o versículo 6, nós fomos crucificados com Ele, e ainda assim não o fomos fisicamente. Juntamente, assim, fomos sepultados “*com Ele*” não “*como Ele*”, de acordo com o versículo 4. Se a crucificação não é física, também a sepultura o não é.

O versículo 5 não apresenta, em concordância com o contexto, qualquer dificuldade para a compreensão do que temos vindo a tratar, senão vejamos:

**“Porque se fomos plantados juntamente com Ele, na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição.”**

Creio que nem merecia comentário, contudo façamos um exame sucinto ao texto.

Segundo o referido versículo, assim como quando Adão pecou, Deus nos viu representados em Adão nesse pecado (Romanos 5:12), agora, Deus nos vê justos em Cristo (5:19), ou seja, quando Cristo estava a ser crucificado, nós, na mente de Deus, estávamos a ser representativamente crucificados com Ele. Por isso fomos

plantados em Cristo, na semelhança da sua morte (não literalmente), *“como também o seremos na da sua ressurreição”*, pois os nossos corpos na vinda do Senhor, serão semelhantes ao d' Ele, e não iguais (Romanos 8:29; Filipenses 3:20-21). E porque não fomos literalmente mortos com Cristo, mas só na sua semelhança, agora também devemos viver na semelhança da sua ressurreição, pois isto é que é o “andar em novidade de vida” e “considerarmo-nos como mortos para o pecado” (versículo 11); e porque não fomos literalmente mortos com Cristo, também não fomos circuncidados com Cristo literalmente mas figurativa ou simbolicamente em Cristo (Colossenses 2: 10-12). Mas, quanto aos efeitos é como se fossemos literalmente, porque a operação do Espírito Santo torna esses efeitos autênticos.

O Senhor Jesus Cristo verdadeiramente foi batizado com um certo baptismo:

**«Importa, porém, que eu seja batizado com um certo baptismo, e como me angustio até que venha a cumprir-se!»** (Lucas 12:50; ver Marcos 10:38)

Nós, os pecadores, é que merecíamos ser batizados com aquele baptismo que o Senhor referiu, que era o baptismo da morte, sob o juízo de Deus. Agora o Espírito Santo nos baptiza nessa obra redentora – a morte do Senhor Jesus Cristo na cruz do Calvário – ao que Paulo chama de “Baptismo”.

Mas, devemos continuar a leitura de Paulo, porque a explicação e a razão daquele baptismo está no capítulo 7:

**«Não sabeis vós, irmãos (pois que falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive? Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; mas, morto o marido, está livre da lei do marido. De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera se for doutro marido; mas, morto o marido, livre está da lei e assim não será adúltera se for doutro marido. Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus. Porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte. Mas, agora, estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra.»** (Romanos 7:1-6).

Assim, o crente que estaria sob a condenação da Lei, com o baptismo espiritual na morte de Cristo nós ficamos mortos para a Lei e a justiça de Deus nada pode reclamar de nós, pois já estamos mortos.

Por outro lado, em Cristo ressurrecto nós temos um outro *espírito* e modelo de vida. Como mortos para a lei nós não temos o direito ou a obrigação de viver de acordo com aquele modelo – que era um modelo justo e dado por Deus – mas temos o modelo do Espírito de Deus, que o escritor vai desenvolver no capítulo 8 daquela epístola.

**“Sepultados com Ele no Baptismo”** (verso 12).

**«Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade. E estais perfeitos nele, que é a cabeça de todo principado e potestade; no qual também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo da carne: a circuncisão de Cristo. Sepultados com ele no baptismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos. E, quando vós estáveis mortos nos pecados e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoando-vos todas as ofensas»** (Colossenses 2:9-13).

Ao considerar esta porção não esqueçam o seu grande tema: *“Vós estais perfeitos n' Ele”* (verso 10). Examinando os detalhes do texto. O verso 11 principia com: *“N' Ele também estais circuncidados.”* O texto continua com um quadro de morte. Isso é o que a circuncisão significava. Certamente que nós não participamos da sua circuncisão física, nem literalmente fomos circuncidados, contudo, todo o verdadeiro crente morreu com Cristo, ou seja, nós estamos representativamente mortos em Cristo devido há nossa identificação com Ele.

*“Sepultados com Ele no baptismo”* (verso 12). Nós não fomos circuncidados ou crucificados fisicamente, nem morremos literalmente, contudo nos diz a Escritura que *“morremos com Cristo”*. Nem o baptismo aqui é a sepultura física do crente na água. *“Nós fomos sepultados com Cristo”*, como juntamente com Ele fomos *“vivificados”* (verso 13), como estamos actualmente *assentados em Cristo* representativamente, *nos lugares celestiais* (Efésios 1:3; 2:4-6).

Aqui, além de não termos nada relacionado com o baptismo na água, também não temos nada que se reporte ao momento da conversão. O que temos em referência neste texto sagrado aconteceu quando o Senhor Jesus Cristo foi crucificado na cruz. E Deus, assim, nos viu n' Ele e com Ele a pagar a culpa do nosso pecado. Contudo, é na conversão do crente que o Espírito Santo aplica

aquela gloriosa obra, nos identificando com a morte, sepultura, ressurreição e glorificação do Senhor Jesus Cristo (Efésios 2:1-10). Paulo escreve:

**«Cristo; em quem também vós *estais*, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para louvor da sua glória»** (Efésios 1:13-14).

Literalmente podemos entender desta maneira: “ (...) *Cristo, em quem vós fostes selados com o Espírito Santo da promessa, depois de terdes ouvido e crido na palavra de verdade, o evangelho da vossa salvação; e Ele é o penhor na nossa herança...* ”.

“O Espírito Santo da promessa”. Francis Foulkes no seu livro “Efésios – Introdução e comentário”, pagina 49, diz-nos o seguinte acerca de tal expressão: Se tal é o sentido, é um pouco estranho que Paulo tivesse deixado de fazer uso do participio. Parece mais previsível que com essa expressão quisesse falar do Espírito Santo cuja presença trás a Promessa das boas coisas vindouras, uma vez que este é o pensamento que desenvolve nas metáforas do versículo 14.”

Assim, também nós cremos. O Espírito Santo é que nos conduz às promessas, e isto acontece quando Ele nos identifica com Cristo, depois de cremos no Evangelho de nossa Salvação, pois “*N' Ele também vós (estais)... fostes selados pelo Espírito Santo que vos conduz a bênçãos prometidas...*”

É a nossa identificação com Cristo que nos autentica todas as promessas divinas (Efésios 1:3-6). E essa obra de identificação é o Espírito Santo que a desempenha. Por outro lado, é o próprio Espírito Santo que, em nós, serve de penhor da herança de Deus (versículo 14).

Este texto também nos elucidava quando o comparamos com Actos 2:38. Ali, os crentes arrependiam-se dos seus pecados, criam, eram batizados na água e recebiam o dom do Espírito Santo; aqui, em Efésios 1:13-14, o crente ouve e crê na palavra da verdade, o evangelho da sua salvação e recebe o Espírito Santo como penhor da herança de Deus. Que sublime, nós poderemos participar das bênçãos de Deus de uma forma tão divina e de uma maneira tão graciosa.

### 7.3.2. O Baptismo na Pessoa de Cristo

O Baptismo do Espírito Santo nos identifica com a Pessoa de Cristo.

**«Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, então, sois descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa.»** (Gálatas 3:26-29).

Aqui já não se trata de uma identificação na morte, mas na Pessoa, com todos os seus direitos e privilégios. Se o nosso baptismo na morte de Cristo nos livra da condenação que haveríamos de sofrer, “pois aquele que está morto está justificado do pecado” (Romanos 6:7), a nossa identificação com a Pessoa de Cristo nos reveste de Cristo, e como tal, nos dá o direito às bênçãos de Deus, ou às promessas que Deus fez a Abraão e à sua posteridade, que é Cristo (Gálatas 3:16); “E, se estamos em Cristo, somos descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa (Gálatas 3:29).

Isto, certamente, não é obra de água, mas dedo de Deus, obra do Espírito Santo. Atribuir à água tal poder é desvirtuar a obra da cruz (Gálatas 3:13-14), é desvalorizar a obra do Espírito Santo, é ensinar a salvação pelas obras, é transgredir deliberadamente a Palavra de Deus:

**«Mas, quando apareceu a benignidade e caridade de Deus, nosso Salvador, para com os homens, não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas, segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo, que abundantemente ele derramou sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador, para que, sendo justificados pela sua graça, sejamos feitos herdeiros, segundo a esperança da vida eterna.»** (Tito 3:4-7)

**«Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus; para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça, pela sua**

**benignidade para conosco em Cristo Jesus. Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus...» (Efésios 2:4-10)**

Esta identificação com Cristo é que nos delega a capacidade de integrarmos a vocação eterna de Deus para Cristo, ou seja, o “Corpo de Cristo”, em que a Pessoa do nosso Senhor Jesus Cristo é a cabeça. E, assim, com este baptismo espiritual, nós somos identificados com a Pessoa, com a posição celestial, com a imagem, com a glória, com o carácter, com a herança e com o ministério do Senhor Jesus Cristo na eternidade.

### 7.3.3. O Baptismo no Corpo de Cristo

O Baptismo do Espírito Santo nos identifica com o Corpo de Cristo.

**«Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também. Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito.»** (I Coríntios 12:13).

A expressão “em um” tem causado muitas dores de cabeça a alguns estudiosos das Escrituras, e como consequência, por falta de investigação cuidada e inteligente, tem-se chegado a conclusões nada promovedoras de edificação do “Corpo de Cristo”, de que o mesmo nos fala. Não são poucos os que procuram harmonizar o acontecimento aqui ocorrido com o de Actos 1:5: “o baptismo com o Espírito Santo”.

Além do que atrás já havíamos referido (que recomendamos a repetição da sua leitura), na consideração do “Um só Baptismo”, quando comparamos os dois tipos de baptismo em que o Espírito Santo é parte, podemos acrescentar ainda mais o seguinte: onde é que no Livro dos Actos dos Apóstolos, antes do ministério do Apóstolo Paulo, vemos esta discrição: “onde não há judeu nem grego, servo ou livre...” (Gálatas 3:28)?

Esta é a natureza do evangelho da graça de Deus, não fazer distinção entre povos: “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3:23); “a todos quer Deus revelar misericórdia” (idem, 11:32); e quer fazer de todos “um mesmo Corpo...” (Efésios 3:6). Mas em Actos dos Apóstolos, capítulo 2, Deus estava a tratar só com a casa de Israel, como vemos nos versículos: 2:14 – “Varões judeus...”; e, 2:37 – “Varões irmãos...”; e, 2:39 – “porque a promessa vos diz respeito, a vós e a vossos filhos...”; e, 3:12 – “Varões Israelitas...”; e, ainda, 11:19 – “E os que foram dispersos pela perseguição que sucedeu por causa de Estêvão, caminharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a Palavra a ninguém senão somente aos Judeus...”

Como entender “**Em um Espírito**”?



Vejamos como traduzem algumas outras versões a mesma expressão:

“Porque por um só Espírito fomos todos batizados em um corpo...” (Reina Valera).

“Porque todos nós fomos batizados pelo Espírito num só corpo...” (J. B. Phillips).

Se pegarmos num dicionário comum de grego, e consultarmos o significado da proposição “em”, donde para a nossa língua é traduzido por "em", teremos significados bem esclarecedores, tais como: “em”, “sobre”, “por meio de”, “segundo”, “conforme”, “sob o poder de”, “com a intervenção de”, etc.

Sem procurar forçar o sentido da passagem e do seu contexto, e sem deturpar o ensino Paulino acerca do batismo espiritual e essencial, teremos que chegar à conclusão que o batismo que aqui é tratado é o batismo operado pelo, ou por meio de, ou sob o poder do Espírito Santo, que forma de cada crente um membro do “um só Corpo”, que é o Corpo de Cristo, pois Ele é a Cabeça (Efésios 1:22-23). O Espírito Santo é o que sabiamente está a formar este Corpo, pois “assim é também Cristo”, ou seja, “o Corpo de Cristo, a Igreja. E, como este Corpo é espiritual, também o é o batismo com que o Espírito Santos nos batiza no corpo espiritual de Deus.

### «E todos temos bebido de um Espírito.» (versículo 13)

I Coríntios 12: 13 não pode ser compreendido se for separado do versículo 12, pois está ligado a ele por uma conjunção indicativa de causa, “porque” ou “pois”, que nos obriga a entendê-los em conjunto.

“... Assim é Cristo também, porque todos nós fomos batizados por um Espírito..., e todos temos bebido de um Espírito...”

O ensino Paulino no citado versículo está a fazer-nos compreender o sentido do “*batismo e do beber do Espírito*”, que, segundo o versículo 12, é a unidade e a diversidade dos membros do Corpo de Cristo, e que o Espírito Santo está envolvido em formar.

O batismo com que o Santo Espírito nos batiza no Corpo de Cristo salienta a unidade espiritual intrínseca e inquebrável existente entre os crentes e Cristo; unidade essa que somos exortados a guardar. Ela já está feita; a obrigação do crente é de preservá-la, protege-la e guarda-la, e isso pelo vínculo da paz (Efésios 4:3). Podemos afirmar, ainda, com base neste mesmo versículo, que a origem das

divisões, organizações e denominações cristãs, mesmo que tenham o melhor dos propósitos, não é do Espírito Santo. Ele forma o Corpo e pelo seu poder o mantém unificado. Pelo mesmo Espírito nós devemos manter essa unidade. Doutra sorte, diríamos como Paulo: “Está Cristo dividido?” Impossível!

Por outro lado o “beber ou participar do Espírito” está relacionado com a diversidade dos dons e com a diversidade dos ministérios dos membros que existe nesse Corpo. Mas tudo é obra do Espírito Santo. Ele é que opera a edificação do Corpo de Cristo (I Coríntios 12:11-14) e é Ele que lhe dá o crescimento. A obra é do Espírito Santo e não do ser humano, mesmo convertido.

Em qualquer caso, e por estranho que pareça, nem uma gota de água ocorre ou faz parte deste baptismo. É certo, e lamentamos dizê-lo, que o ensino do baptismo na água tem feito estragos tremendos no seio do Corpo de Cristo. Se o baptismo do Espírito faz a unidade, o baptismo da água faz a divisão. E dizemo-lo porque temos assistido que muitos e verdadeiros crentes são privados da comunhão por causa do baptismo na água, ou seja, por não serem baptizados com água. Muitos líderes das igrejas locais têm caído no sacrilégio de privar os crentes da comunhão dos santos, pois exigem para isso o baptismo na água, como se esse baptismo os identificasse com Cristo. O que nos identifica com o Corpo de Cristo é o baptismo do Espírito Santo, como é Ele que nos dá o direito de participar da mesa do Senhor, e o privilégio de ministrar como membros no Corpo do Senhor.

#### 7.4– O Batismo Hoje e o Batismo para Hoje

«Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo, segundo a fé dos eleitos de Deus e o conhecimento da verdade, que é segundo a piedade, em esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos, mas, a seu tempo, manifestou a sua palavra pela pregação que me foi confiada segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador»

«Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos...»

«Mas, quando apareceu a benignidade e caridade de Deus, nosso Salvador, para com os homens, não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas, segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo, que abundantemente ele derramou sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador, para que, sendo justificados pela sua graça, sejamos feitos herdeiros, segundo a esperança da vida eterna.»

(Tito 1:1-3; 2:11-13; 3:4-7)

No texto citado Deus aprova o batismo por aspersão, mas não o da água. Eis pois diante de nós, em letras bem claras, qual o batismo que vigora na presente dispensação: “*o batismo da regeneração e da renovação do Espírito Santo*”. Tudo isto é espiritual; nada fica por completar par o batismo na água.

Se alguém pretender ver no batismo da água um símbolo, prefigurando o batismo na morte do Senhor (Marcos 10:38 e Lucas 12:50), e a nossa identificação com a sua obra, pessoa e organismo, também o poderíamos fazer com os sacrifícios e ofertas instituídas no antigo regime! Tudo isso são símbolos que nós próprios atribuímos; e, se tipificam alguma coisa que tenha valor para Deus, Ele tem de no-lo dizer o quê; entretanto, se alguma das instituições levíticas representou alguma coisa, elas já tiveram o seu cumprimento na morte de Cristo e na obra do Espírito Santo.

O Senhor nasceu sob a Lei (Gálatas 4:1-9), foi circuncidado (Lucas 2:21-24; Romanos 15:8; Colossenses 2:10-11), foi batizado na água (Mateus 3:3-14), e submeteu-se a outros ritos levíticos, não porque carecesse dos tais para se justificar diante de Deus, visto Ele ser essencialmente Santo, e aquelas ordenanças foram

instituída para os pecadores (I Timóteo 1:9; Hebreus 4:14-15; 7:25-26). Todas aquelas ordenanças velho-tetamentárias tiveram uma parte especial na vida do Senhor Jesus Cristo; o fim era para que n' Ele “*se cumprisse toda a justiça*” (Mateus 3:15), ou seja, justiça, não a sua ou para si, pois Ele era Santo, mas a justiça que Deus requeria de nós. Ele, em tudo aquilo, tomou o nosso lugar a fim de nos livrar do que nós, pecadores, estávamos sujeitos: a maldição da Lei (Gálatas 4:4; 3:13-14). O Senhor Jesus Cristo não tomou o nosso lugar somente na cruz, mas a partir do seu nascimento. Eu aclaro melhor: na cruz, o Senhor Jesus Cristo tomou o nosso lugar do ponto de vista judicial, mas não era só isso que estava em causa. Cerimonialmente nós éramos falhados e, nesse aspecto, o Senhor estava tomando o nosso lugar (Colossenses 2:16-17). Agora, com a nossa identificação com Cristo, Paulo diz-nos:

**“ESTAIS PERFEITOS NELE”** (Colossenses 2:10).

Assim que, se os cordeiros eram uma figura da morte de Cristo, e se os baptismos uma figura da nossa identificação com Cristo na sua morte, falando da necessidade de purificação que obtivemos em Cristo para nos aproximarmos de Deus, não temos o direito ou autoridade para praticarmos tais ritos ou outros quaisquer símbolos já referidos, “*que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo*” (Colossenses 2:17).

O plano de Deus para a presente dispensação é cumprir na Igreja “Corpo de Cristo”, e reunir debaixo da sua cabeça – Cristo, todos os símbolos das diferentes épocas ou dispensações, como está escrito:

**«Descobrimo-nos o mistério da sua vontade...»**

«De tornar a congregar em Cristo (místico – a Igreja “Corpo de Cristo), na dispensação da plenitude dos tempos (o cumprimento de todas as épocas), tanto aquilo que é terreno, como o que é celestial (Efésios 1:9-10; comparar com Gálatas 4:4; Hebreus 8:1-2). Numa linguagem dispensacional o Apóstolo Paulo está a dizendo-nos que os acontecimentos ocorridos no Velho Testamento eram figuras da obra que Deus está a realizar nesta dispensação. Todos esses símbolos foram cumpridos em Cristo para a presente dispensação. Aproveito para dizer que a dispensação da plenitude dos tempos, segundo as ocorrências bíblicas dessa expressão, refere-se localmente ou praticamente à eternidade vindoura, período chamado por Pedro na sua segunda Epistola, “o dia da eternidade”, mas potencialmente, os crentes da presente dispensação já estão a viver nessa esfera (Gálatas 4:4; Efésios 1:3; 2:4-10; 3:6-11; Gálatas 1:4).

## O Baptismo da Palavra de Deus

«Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.» (Efésios 5:25-27)

O batismo da regeneração e da renovação do Espírito Santo é operado pela Palavra de Deus. Aquele que ouve e crê na palavra da verdade, ela se torna o evangelho da sua salvação (Efésios 1:13). E, desta forma, o Espírito Santo opera uma verdadeira lavagem espiritual, preparando o indivíduo crente para ser apresentado e estar diante de Deus.

Paulo fala da mesma experiência do batismo do Espírito aos Coríntios:

«**Não sabeis que os injustos não hão de herdar o Reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o Reino de Deus. E é o que alguns têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus**» (I Coríntios 6:9-11).

Mais uma vez, podemos confirmar que, na revelação de Deus ao Apóstolo Paulo não há qualquer referência ao batismo na água, nem a qualquer intervenção humana que envolva água. A lavagem é espiritual e operada pelo Espírito de Deus. O agente da acção é o Espírito Santo; o elemento da acção é a Palavra de Deus. E, se no regime da Profecia o pecador para ser salvo precisava de crer e ser batizado, na presente dispensação da graça – e porque é pela graça – o pecador só precisa de crer.

Pedro, na sua primeira Epístola, adopta a mesma figura de estilo e diz:

«**Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos...**»

«**Purificando a vossa alma na obediência à verdade, para caridade fraternal, não fingida, amai-vos ardentemente uns aos outros, com um coração puro; sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva e que permanece para sempre.**» (I Pedro 1:3, 22-23).

## VIII. DEIXANDO A DOCTRINA DOS BAPTISMOS

Que dizer de Hebreus 6:1-3?

**«Pelo que, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até a perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus, e da doutrina dos baptismos, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos, e do juízo eterno. E isso faremos, se Deus o permitir.»**

**“Deixando... a doutrina dos baptismos”.**

“Baptismos”. Esta forma substantiva no original grego aparece três vezes no NT (Marcos 7:4; Hebreus 6:2; 9:10), e refere-se sempre às lavagens e suas diversas operações dos ritos judaicos.

**«E, quando voltam do mercado, se não se lavarem (gr. “*baptizō*”), não comem. E muitas outras coisas há que receberam para observar, como lavar (gr. “*baptismos*”) os copos, e os jarros, e os vasos de metal, e as camas.»**  
(Marcos 7:4)

**«Consistindo somente em manjares, e bebidas, e várias abluções (gr. “*baptismos*”) e justificações da carne, impostas até ao tempo da correcção.»**  
(Hebreus 9:10)

Acrescentando ao que em cima foi dito, estou convicto de que não poderemos chegar a alguma explicação convincente ou a uma conclusão esclarecedora se examinarmos o texto fora do seu contexto.

Agora vejamos:

Antes deste parágrafo de 6:1-3 o apóstolo censura a meninice espiritual dos hebreus. Depois do parágrafo, o escritor refere-se àqueles que tendo tido conhecimento da última revelação de Cristo, como o cumprimento de toda a profecia, se volveram para “os primeiros rudimentos messiânicos”, como as obras da Lei, as práticas do cerimonial judaico que consistia em diversas lavagens, imposição de mãos, entre outras doutrinas relacionadas com o Reino esperado pelos judeus.

Uma palavra do texto que nos ajuda a chegar a um bom entendimento é o termo “rudimentos” (grego: στοιχειον, *stoicheion*, Strong: 4747), que ocorre sete vezes no NT (Gálatas 4:3, 9; Colossenses 2:8, 20; Hebreus 5:12; II Pedro 3:10, 12) e sempre com o sentido de “primeiros elementos”, “rudimentos”, “coisas elementares”, as “primeiras coisas que servem de fundamento”. Este sentido aplicado ao texto leva-nos a concluir que se trata dos primeiros ensinamentos do Reino, os quais já haviam sido tema da Lei e dos profetas, de João Batista e dos Apóstolos de Israel, e que se contrastam com os presentes ensinamentos da Igreja “Corpo de Cristo”, bem como se contrastam com os “últimos ensinamentos do Reino”, por resultarem da influência da revelação e da obra da graça de Deus.

No caso dos hebreus, eles não entendiam o significado transitório que tinham os ensinamentos com que foram instituídos até ao tempo da correcção, até ao tempo da vinda do Senhor (5:11; 9:10).

Em Gálatas 3 e 4 o Apóstolo Paulo explica esta fase dos Judeus. Os judeus não estavam preparados para entrar na posse da herança. Por isso, eram considerados meninos. Nessa circunstância, os hebreus tinham necessidade de aios, educadores que os ensinassem a viver segundo o agrado de Deus, e, segundo o êxito dessa educação eles participavam das bênçãos de Deus (Gálatas 3:12).

Entretanto, o Apóstolo diz que o “aio” era a lei, mas a sua função era temporária; a função da lei estava limitada ao tempo em que o filho era menino. Depois disso, depois que o filho atingiu a maturidade, adquire a capacidade e a legitimidade para entrar na posse da herança.

E assim aconteceu:

**«Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei e encerrados para aquela fé que se havia de manifestar. De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo (gr. “a lei nos serviu de aio até Cristo”, ou seja, até à vinda de Cristo) para que, pela fé, fôssemos justificados. Mas, depois que a fé veio, já não estamos debaixo de aio.» (Gálatas 3:23-25)**

**«Digo, pois, que, todo o tempo em que o herdeiro é menino, em nada difere do servo, ainda que seja senhor de tudo. Mas está debaixo de tutores e curadores até ao tempo determinado pelo pai. Assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão debaixo dos primeiros rudimentos do mundo; mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adopção de filhos.» (Idem, 4:1-5)**

“Mas, vindo a plenitude dos tempos...”, entendemos nós como “*a maturidade de Israel*”, o Apóstolo está a falar de Israel que fora menino e que, agora, tinha chegado ao “tempo da sua maioridade”, que é o que significa a “plenitude dos tempos”, ou o “complemento dos tempos”, ou a plenitude / complemento da idade, o “tempo em que Israel chegou à sua maturidade”.

A maturidade de Israel foi atingida com a vinda do Senhor Jesus Cristo. Mas, o momento a que se reporta a remissão de Israel do “aio” não foi o seu nascimento mas a sua morte, ressurreição e glorificação. Por isso, Israel deveria viver como adulto e não mais como menino. Israel tinha atingido o estado de “perfeito”.

O escritor aos hebreus, que cremos ter sido o Apóstolo Paulo (II Pedro 3:15-16), está a referir-se à nova situação de Israel e do plano de Deus para Israel: não aos rudimentos, ou aos primeiros elementos da doutrina de Cristo, os ensinamentos messiânicos, mas aos ensinamentos em que Israel atinge a sua plenitude (Romanos 11:12). Senão vejamos:

**«E, sendo ele consumado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem, chamado por Deus sumo-sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque. Do qual muito temos que dizer, de difícil interpretação, porquanto vos fizestes negligentes para ouvir. Porque, devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros rudimentos das palavras de Deus; e vos haveis feito tais que necessitais de leite e não de sólido mantimento. Porque qualquer que ainda se alimenta de leite não está experimentado na palavra da justiça, porque é menino. Mas o mantimento sólido é para os perfeitos, os quais, em razão do costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal.»** (Hebreus 5:9-14).

“Perfeitos” (grego: τελειος, teleios; Strong: 5046). Esta palavra é usada para se referir ao “Corpo de Cristo”, a Igreja dos lugares celestiais. No entanto, a referência que encontramos em Hebreus não é à Igreja “Corpo de Cristo”, o “varão perfeito” (Efésios 4:13; I Coríntios 13:10; Colossenses 3:10-11), mas ao Israel adulto, o Israel maduro, o Israel perfeito.

Assim, e nos planos de Deus, há um “varão perfeito” celestial, a Igreja Corpo de Cristo, e um “varão perfeito” ou maduro, que é o “varão terreno”, Israel. E este Israel maduro vive de acordo com a nova revelação que a morte do Messias e a sua glorificação veio trazer:

**«Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela**



**sua carne, e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo o coração purificado da má consciência e o corpo lavado com água limpa, retenhamos firme a confissão da nossa esperança, porque fiel é o que prometeu.»** (Hebreus 10:19-23).

Ora, estes hebreus tinham chegado à conclusão que o Senhor Jesus Cristo era o Messias prometido pelos profetas. A mensagem foi-lhes falada primeiramente pelo Senhor, depois confirmada pelos que a ouviram, e ainda testemunhada com sinais, milagres, várias maravilhas e dons do Espírito Santo (2:1-4). No entanto, eles continuavam agarrados ao templo, aos rituais levíticos, à lei, e a todas as práticas que envolviam a carne e as coisas terrenas, sem terem noção da mudança de ensino que Deus tinha operado para Israel.

Primeiramente, eles deviam ter a noção que Deus suspendeu o “programa profético” e o programa de Deus no tempo presente é o “programa do Mistério”. Era a presente verdade (II Pedro 1:12).

Em segundo lugar, a nova aliança de Deus com a nação de Israel altera substancialmente as coisas: seja em relação à atitude de Deus, seja em relação ao povo, pois é uma aliança que assenta na misericórdia de Deus e não nos méritos humanos: as obras de justiça (I Pedro 1:18-20); e, seja por o povo convertido (que aceitar o novo concerto de Deus integralmente) ficar com a lei de Deus escrita em seus corações pelo Espírito Santo que foi derramado sobre o povo (Jeremias 30:31-33; Ezequiel 34:24; Hebreus 8:6-10).

Em terceiro lugar, a revelação da graça de Deus e a redenção pela obra do Senhor Jesus Cristo segundo o evangelho a graça de Deus afecta a mensagem de Deus para futuro, ou seja, a mensagem que será anunciada depois do arrebatamento da Igreja “Corpo de Cristo”, no período da grande tribulação, não será a mesma que hoje é anunciada, pois os propósitos de Deus, processos e programas são diferentes: céu/terra, graça/reino, e a formação do corpo será concluída com o arrebatamento. Mas, a mensagem do reino que será anunciada no período pós-arrebatamento não será mais a mesma que foi no período do Pentecostes. A mensagem que será anunciada será a mensagem do Reino, mas assente no novo testamento, na graça de Deus e na obra do Senhor Jesus Cristo na cruz do Calvário. E digo-o pelas palavras de Pedro aos judeus dispersos, na sua segunda Epistola:

**«Pelo que não deixarei de exortar-vos sempre acerca destas coisas, ainda que bem as saibais e estejais confirmados na presente verdade.»**

**«E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada,**

**falando disto, como em todas as suas epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição.» (II Pedro 1:12; 3:15-16)**

**«Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que, por tradição, recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado, o qual, na verdade, em outro tempo, foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado, nestes últimos tempos, por amor de vós.» (I Pedro 1:18-20).**

Embora o Apóstolo Pedro aponte para a salvação conforme o amado Paulo escreveu (não lhe chama Apóstolo, porque Pedro escreve aos Hebreus – I Pedro 1:1-2; II Pedro 3:1, e Paulo não é Apóstolo dos Judeus, mas dos gentios – Romanos 11:13; como também não se identifica como apóstolo na carta aos Hebreus, pois ele, para os hebreus não era apóstolos, só para os gentios), ele dirige-se aos crentes hebreus, dispersos, com uma aplicação directa e um destino objectivo que são os judeus dispersos da grande tribulação, os crentes que se converterão depois do arrebatamento da Igreja da graça.

E, embora, também, Pedro se refira que a profecia ficou suspensa – e o Senhor, por isso, atrasou a sua vinda – por causa da longanimidade de Deus (II Pedro 3:9-14), conforme Paulo falou dela, não quer dizer que ele escreva à Igreja “Corpo de Cristo”. Ele explica aos crentes judeus que a suspensão temporária da profecia (o endurecimento em parte de Israel, conforme Romanos 11:25) se deveu à longanimidade de Deus, a dispensação que Deus confiou a Paulo.

Assim, mensagem do Reino será afectada pela revelação da graça de Deus, conforme Paulo falou segundo a sabedoria que lhe foi dada, e que ele explanou na epístola que escreveu aos Hebreus. Eles deveriam deixar os “rudimentos da doutrina de Cristo”, ou seja, os “*primeiros ensinamentos messiânicos*”, que os profetas falaram, os levitas praticaram, e o Senhor cumpriu. Agora Israel havia chegado à idade de adulto e deveria comportar-se como tal. Com um novo e melhor sumo-sacerdote, com um melhor sacrifício, com um melhor tabernáculo, com um melhor serviço para Deus, com um novo e vivo caminho, com um novo alvo. E deveria deixar as coisas de menino, os símbolos, as imagens, as figuras, que eram o reflexo de um período transitório: ou seja, deixar aquilo que dizia respeito ao princípio, para agarrarem-se àquilo que é actual e perene (II Pedro 1:12).

### **E os outros Rudimentos Messiânicos?**

Bem, mas se temos que deixar as “doutrinas dos baptismos”, ou das lavagens da Economia Mosaica, que faremos aos outros ensinamentos, como o “*arrepentimento das obras mortas*”, da “*fé em Deus*”, da “*ressurreição dos mortos*” e do “*juízo eterno*”?

Todos estes ensinamentos tinham a ver com a mensagem que era pregada para a salvação dos crentes hebreus e que esperavam o reino. Todos estes aspectos da mensagem do reino faziam parte da mensagem de João Baptista e dos doze Apóstolos de Israel: o arrependimento das obras mortas, a fé no Deus do velho concerto, com a intervenção do baptismo na água, e desta forma fugir ao juízo eterno e da ressurreição dos mortos, ou o juízo final (Mateus 3:1-12). Toda esta descrição se poderia resumir em “Evangelho do Reino”.

Todos estes aspectos da mensagem messiânica faziam parte do evangelho que os Apóstolos de Israel anunciaram (Hebreus 2:1-5). No entanto, agora, com a maturidade espiritual de Israel atingida, eles deveriam deixar o ensino que fazia parte do “Israel menino”. Agora, depois da dispensação da graça de Deus e da influência que ela exercerá para os programas futuros, como o do Reino messiânico, os crentes deveriam abraçar o ensino do Reino de acordo com o Padrão divino – a maturidade.

O contexto anterior e o posterior confirmam que o escritor se refere ao plano de salvação de Deus que, uns não conheciam na plenitude (o contexto precedente) e outros não o aceitavam (o contexto posterior).

Ora, pergunto eu: será que os Hebreus no tempo da Lei já não criam e esperavam tudo isso e mais que isto? Por certo que sim. Mas esse conhecimento era um conhecimento muito rudimentar acerca do Cristo relacionado com o seu messianismo. Era um conhecimento de Cristo segundo o que os profetas revelaram d' Ele. Era um conceito de Cristo segundo os moldes da fé de João Baptista e dos doze: “o princípio de Cristo”. Com a revelação do “Mistério de Cristo” temos uma nova e mais gloriosa visão da Pessoa e obra de Cristo e que tinha afectado positivamente a mensagem do Reino, em termos de plano de salvação.

Ernesto Trenchard diz no seu comentário à Epístola aos Hebreus que a tradução literal do texto em questão seria a seguinte: “Portanto, havendo deixado a Palavra (mensagem) do princípio de Cristo (Messias), prossigamos adiante para a plena maturidade: não lançando de novo o fundamento do arrependimento das obras mortas (as obras de Lei – Hebreus 9:13-14), da fé em Deus (pelos ensinamentos dos profetas), os ensinamentos das lavagens e das imposições das mãos (pelos baptismos

e sacrificios) e da ressurreição dos mortos e do juízo eterno..." (para escaparem ao iminente juízo de Deus sobre o mundo).

Note-se que tudo isto diz respeito à verdade acerca de Cristo segundo o ensino do V.T., quando os homens tinham que se aproximar de Deus por meio de actos rituais, como lavagens, imposição de mãos em indivíduos e animais, etc., sem excluir em tais sombras a compreensão do que era o arrependimento e a fé em Deus. Sublinho: “fé em Deus”, e não “fé em Cristo”.

Se o leitor está familiarizado com o ministério terreno do Senhor Jesus Cristo, logo notará que, quando Ele se apresenta a Israel como Messias, nunca de opôs aos ensinamentos do Antigo Testamento, antes, sempre os confirmou:

**«Não cuideis que vim destruir a Lei e os profetas: não vim abrogar mas cumprir»** (Mateus 5:17).

Se o leitor se quiser dar ao cuidado de investigar o que temos vindo a tratar, eis então mais algumas referências: Lei – Cerimonial Levítico: Marcos 1:44-45; Mateus 8:4; referências gerais: João 7:22-23; Lucas 2:21-24; Mateus 19:17; 23:1-3, 46; 28:20; Actos 21:20-27; Romanos 15:8; João 5:26-29; Mateus 25:31).

Todos aqueles textos nos dão a entender que estes hebreus tinham compreendido que Jesus era o Messias prometido. Então, como era óbvio, voltaram para aquilo que dizia respeito a Cristo, segundo o conhecimento que d' Ele tinham pelos profetas no Velho Testamento. Contudo, com a rejeição de Israel à oferta do Reino, com a celebração do Novo Testamento, e com a revelação da dispensação da graça de Deus a Paulo, Deus nos dá um novo conhecimento acerca do Messias profético: o Cristo rejeitado pelo mundo e agora exilado no céu; o Cristo glorificado, percursor, sacerdote e com um novo caminho, Cristo um novo alvo. Isto nos aponta para o facto de, quando o reino messiânico for novamente oferecido à nação de Israel, depois do arrebatamento da Igreja “Corpo de Cristo”, ele o será com base na graça de Deus e na justiça que imana da graça de Deus, e não com base na justiça que resulta da Lei. Este é o carácter do novo testamento que Deus fez com a nação de Israel: não exigir o cumprimento da Lei, mas o Senhor é que grava a Lei nos seus corações. Deus deixou um resto “segundo a eleição da graça” (Romanos 11:5), que será mantido e com eles garantirá o cumprimento da mensagem do Reino assente nos moldes do novo concerto. Esse é o conteúdo da epístola aos Hebreus, e das epístolas chamadas universais como a de Pedro, João, Tiago, Judas e Apocalipse.

Notem, ainda, que o escritor fala como se Jerusalém e o templo ainda estivessem em pé e em funcionamento (9:9; 10:11). O que quer dizer que tem aplicação para o tempo em que o Templo está em funcionamento.

Mas, no período que vai ser reatado do Reino o baptismo parece ser novamente praticado, agora assente e baseado na obra do Senhor Jesus Cristo:

**«Cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo o coração purificado da má consciência e o corpo lavado com água limpa, retenhamos firmes a confissão da nossa esperança, porque fiel é o que prometeu.»** (Hebreus 10:22-23).

“Coração purificado da má consciência” operado pelo sangue de Cristo (9:14), e o “corpo lavado com água limpa”, que se refere ao baptismo na água, à semelhança das referências feitas em João 9:7, 11; 13:10 e Actos 22:16). Parece que o baptismo na água continuará a fazer parte do programa messiânico, quando esse programa for reatado nos propósitos de Deus. No entanto, o baptismo na água será entendido, não como assente nos rituais do velho testamento, ou do judaísmo mosaico, como os primeiros rudimentos dos ensinamentos messiânicos, mas agora assente na obra purificadora e substitutiva de Cristo. Ele abriu um novo e vivo caminho para Israel. Os que quiserem entrar nele têm de crer no Senhor e serem baptizados, purificando-se para entrar dentro do véu.

Pedro, referindo-se às obras da Lei, às obras de justiça que a determinava, escreveu:

**«Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que, por tradição, recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado, o qual, na verdade, em outro tempo, foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado, nestes últimos tempos, por amor de vós.»** (I Pedro 1:18-20).

E, só será assim porque esta é o modelo de salvação de Deus para o tempo da dispensação da graça:

**«Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas, segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo, que abundantemente ele derramou sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador.»** (Tito 3:5-6).

Mas, como o ensino da revelação do mistério da graça de Deus é anterior e superior ao ensino do da profecia e para o Reino, aquele influenciará este. No

entanto, tudo aponta para que se mantenham determinados ritos mas revestidos com um carácter diferente: um carácter de uma obra já consumada. Assim, João Baptista baptizava no nome daquele que haveria de vir (Actos 19:4-5); quando o programa do Reino for reatado a mensagem do reino apela ao baptismo no nome daquele que já veio e purificou os pecados (Hebreus 1:3; 9:13; II Pedro 1:9). E, assim, tudo se realizará segundo a Palavra de Deus (I Pedro 1:3; 22-23).

Nisto se confirma as palavras de João, para o reatamento do programa do Reino:

**«6 Este é aquele que veio por água e sangue, isto é, Jesus Cristo; não só por água, mas por água e por sangue. E o Espírito é o que testifica, porque o Espírito é a verdade. 7 Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. 8 E três são os que testificam na terra: o Espírito, e a água, e o sangue; e estes três concordam num.»** (I João 5).

**«E isto faremos, se Deus o permitir»** (v. 3).

O que quer dizer que já tinha aplicação nos dias de Paulo, por já se encontrar suspenso o programa profético, e a Igreja “Corpo de Cristo” beneficia do Novo Concerto e de todas as bênçãos espirituais em Cristo. E como não tem aplicabilidade no tempo presente por causa da obra do Senhor Jesus Cristo e porque todas as bênçãos espirituais terem sido cumpridas na Igreja “Corpo de Cristo”, todos os crentes extra-Igreja “Corpo de Cristo” vão beneficiar dessas bênçãos (que pertencem à Igreja), por comunicação, e através dela essa aplicabilidade será extensiva para os tempos futuros. Portanto, a Igreja “Corpo de Cristo” não deve observar aqueles ensinamentos porque ela está completa em Cristo com todas as bênçãos espirituais; os crentes do Reino, e porque vão beneficiar das bênçãos espirituais da Igreja, não os devem praticar, também.

## IX. UMA PALAVRA SOBRE:

**“O amor é eterno, mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas cessarão; havendo ciência, desaparecerá” (I Coríntios 13:8).**

Como é do conhecimento do leitor, o texto supra não faz qualquer referência à cessação do batismo na água. Fala das profecias, das línguas, da ciência que acabarão com a vinda do perfeito, mas, do batismo na água nada diz.

Neste capítulo 13 de I Coríntios o Apóstolo Paulo está a exaltar o amor de Deus. No versículo 8 ele faz um contraste entre aquilo que é eterno: o amor de Deus, e aquilo que é transitório: os dons sinais. E esse contraste é feito no seu confronto com a vinda do “perfeito”.

O “perfeito” (grego:  $\tau\omicron$  <3588> {T-ASN}  $\tau\epsilon\lambda\epsilon\iota\omicron\nu$  <5046> {A-ASN}) deve ser compreendido como “aquilo que é perfeito” por ser utilizado no grego o artigo no neutro. Assim, o perfeito não é uma referência ao Senhor Jesus Cristo e à sua vinda, mas à chegada completa do conhecimento, à chegada do conhecimento perfeito. O “perfeito é “o totalmente desenrolado” (A. T. Robertson), ou seja, a vinda do pleno conhecimento de Deus (v. 9, 12) com referência ao “varão perfeito”, a Igreja “Corpo de Cristo” (Efésios 4:13). E, com a chegada desse conhecimento o comportamento dos crentes seria totalmente alterado, pois não precisamos mais de sinais, enigmas, figuras, porque “conhecemos a Deus como somos conhecidos d’ Ele” (v. 12), ou seja, conhecemos a vontade de Deus perfeita como se o “víssemos face a face” (v. 12), como aconteceu com Moisés no monte Sinai (Êxodo 33:11). O “perfeito” é o cumprimento da revelação de Deus a Paulo (Colossenses 1:25; II Timóteo 4:17), ou, por outras palavras, a revelação de Deus que se tornou completa e perfeita.

Com a chegada do “perfeito” conhecimento da vontade de Deus, que é a revelação do “varão perfeito de Deus”, os crentes têm a possibilidade de atingir o pleno conhecimento desse varão e, assim, atingirem a maturidade espiritual. O crente pode se identificar totalmente e perfeitamente com o varão perfeito, ao nível do conhecimento e ao nível do comportamento: falar, pensar e julgar (v. 11, *in contrário*).

No momento em que o Apóstolo Paulo escreve esta epístola aos crentes que estavam em Corinto ainda não tinha a revelação completa do Plano e Programa de Deus para a presente dispensação da Graça, «*a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória*» (I Coríntios 2:7). Por esse facto eram necessários os dons sinais para demonstrar que o ensino que era dado a conhecer ao mundo vinha de Deus. Os dons sinais serviam para provar que o Apóstolo Paulo era um apóstolo de Deus (II Coríntios 12:12) e que as novas igrejas fundadas sobre a nova doutrina da Graça de Deus eram igrejas de Deus, pela manifestação do Espírito Santo (I Coríntios 12). Os dons caracterizavam a Igreja no tempo da sua fundação, na ausência da revelação completa de Deus, e eram evidências da autenticidade das Igrejas. Mas, quando chegasse o pleno conhecimento de Deus, ou seja, quando a revelação de Deus acerca da Igreja “Corpo de Cristo” ficasse completa os dons sinais cessariam. A finalidade para o que tinha sido manifestada estava satisfeita. Por isso, os dons sinais cessariam, como aconteceu.

Os dons sinais davam um conhecimento parcial de Deus; com a chegada do “perfeito” os crentes passariam a ter um conhecimento completo da vontade de Deus. Com a chegada do perfeito os crentes tinham a possibilidade de atingir a maturidade espiritual e viverem segundo o perfeito conhecimento da vontade de Deus. Deixariam de ser meninos na mente e no comportamento, para viverem como maduros, completos, “perfeitos”.

No entanto, e embora os dons cessassem com a chegada do conhecimento perfeito de Deus o amor manter-se-ia, juntamente com a fé e a esperança (v. 13). Paulo foi o escolhido por Deus para dar a conhecer e completar a revelação de Deus acerca da Igreja “Corpo de Cristo”, o “varão perfeito”, como ele escreveu:

**«(...) Igreja; 25 da qual eu estou feito ministro segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, para cumprir a palavra de Deus: 26 o mistério que esteve oculto desde todos os séculos e em todas as gerações e que, agora, foi manifesto aos seus santos.»** (Colossenses 1).

E assim aconteceu:

**«Mas o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me, para que, por mim, fosse cumprida a pregação e todos os gentios a ouvissem; e fiquei livre da boca do leão.»** (II Timóteo 4:17).

E, quando a revelação de Deus ficou completa os dons sinais foram retirados da Igreja “Corpo de Cristo”, como vemos em muitas referências da experiência do Apóstolo Paulo. Os sinais que se manifestariam neste “corpo” e que são evidências da autenticidade deste “corpo” são espirituais: a fé a esperança e o amor (v. 13).



E o baptismo na água?

De facto, é dito que, com a vinda do perfeito as **profecias seriam aniquiladas, as línguas cessariam, a ciência desapareceria**”, e em relação ao baptismo na água, nada! Mas, nem precisa de dizer. Também não faz qualquer referência aos dons de cura, nem a outros dons prodigiosos, nem as faculdades de beber veneno, pegar em serpentes sem que ocorra qualquer dano; nem proíbe fazer sacrifícios, nem muitas outras práticas extraordinárias, pois não é isso que aqui está em questão. Contudo não nos faltam evidências bíblicas a confirmar o facto de que todas essas actividades cessaram com a vinda “*daquilo*” que é perfeito.

Aprovar o baptismo na água actualmente como um instrumento que “redima pecados”, (pois só temos esse ensino acerca do baptismo na água), é tirá-lo do seu contexto dispensacional, que era a proclamação da mensagem messiânica, e cometer um pecado contra as Escrituras Sagradas; é, também, deturpar o ensino referente à grande comissão do Reino, como é desvirtuar e desvalorizar a obra do Senhor Jesus Cristo e opor-se à operação do Santíssimo Espírito de Deus para a presente dispensação.

Assim, aqueles que se querem fundamentar neste texto para dar continuidade à prática do baptismo na água, só porque ele é omitido nas referências que o Apóstolo Paulo faz, estão irremediavelmente enganados. O Apóstolo não precisava de dizer que o baptismo na água havia cessado porque a natureza da sua instituição – que são as obras – colide com a natureza do evangelho da graça – que é a graça de Deus. E a sua ausência como parte na revelação de Deus para a Igreja “Corpo de Cristo” é mais que suficiente para o abandonar.

## X. MAIS UM PENSAMENTO

Os defensores do baptismo na água consideram que devem continuar a sua prática porque, dizem, “não temos qualquer passagem indicativa de que o baptismo não deva ser praticado nesta dispensação”.

Eis algumas razões porque o argumento adoptado por aqueles não merece qualquer tipo de confiança e, por isso, deve ser liminarmente rejeitado:

1. Sabendo eu o ensino do V.T. respeitante à circuncisão e qual o valor que tinha na época em que foi instituído; sabendo eu a natureza e o valor dos ensinamentos do regime judaico, nomeadamente a Lei e suas observâncias, as lavagens ou baptismos na água, as ofertas e os sacrificios levíticos; sabendo eu da importância que aquelas ordenanças tinham no processo de salvação do povo de Deus no período em que foram instituídos, bastar-me-ia o versículo 2:8 da epístola aos Efésios para por termo a qualquer prática que envolvesse uma obra de carácter judaico ou religioso, como é o baptismo na água, mesmo que não houvesse qualquer outro versículo que literalmente o afirmasse.

### “Pela graça sois salvos”

Agora, a salvação de Deus é operada em moldes totalmente diferentes daqueles que estavam definidos na época Mosaica. Já o referimos pelas palavras de Pedro que, novamente, reproduzimos:

**“E tende por salvação a longanimidade de Deus; como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada”** (II Pedro 3:15-16).

2. Se o baptismo começou a ser praticado como um símbolo, onde é que encontramos nas Escrituras esse ensino? Já vimos que Romanos 6:1-6, Gálatas 3:27-28 e Colossenses 2:12-13 não servem de fundamento para o baptismo na água porque o baptismo que ali trata é um baptismo espiritual. Assim, e como a Palavra de Deus não erra, nem se contradiz, o ensino para baptizar na água na Igreja “Corpo de Cristo” é um ensino sem fundamento bíblico e, por isso, erróneo. Além disso, não é uma prática referida nos Actos dos Apóstolos, num período em que está a ser estabelecido uma nova dispensação, que seja clara ou bem compreendida pelos crentes, que daí tiremos ensino doutrinário para a Igreja. Seria dar pouco

valor à Palavra de Deus e demasiado valor à experiência humana. Ou seja, seria colocar a tradição (as interpretações dos sábios) acima da revelação de Deus, à semelhança do que fez os Judeus e do que fazem os romanistas católicos. Seria colocar a experiência dos crentes acima da revelação do Espírito Santo. O livro dos Actos dos Apóstolos mais que um compêndio de história da origem e crescimento da Igreja cristã, é mais o relato divino das fraquezas das igrejas messiânicas pela suspensão do programa do Reino e o relato das virtudes das igrejas dos gentios pela demonstração da graça de Deus. De um lado, temos a descrição das fraquezas humanas reveladas na negligência em entender e aceitar a revelação de Deus a Paulo (em alguns casos com oposição declarada e agressiva) e, por outro lado, a descrição das virtudes das igrejas dos gentios que estavam fundamentadas na revelação de Deus ao Apóstolo Paulo, e a ter um ministério frutífero pela direcção do Espírito Santo.

3. Se o baptismo na água tem tanta importância, e do qual depende o acesso dos crentes à comunhão dos santos, pergunto: será que o sangue de Cristo e o poder do Espírito Santo perdeu a sua capacidade? Será que deixou de ter virtude? Se Eles não nos garantem o acesso ao “Corpo de Cristo” o que o fará? Efésios 1:19-23 descreve o imenso poder do Espírito Santo que operou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e colocando-o à direita de Deus, acima de todas as coisas. No mesmo texto, o inspirador divino diz que esse pode opera em nós, os crentes, e nos vivificou e nos fez assentar em Cristo, nos lugares celestiais. E, agora pergunto: E que mais é preciso? Os anciãos têm a responsabilidade e a obrigação de não recusar a comunhão aqueles que são do Senhor e dão um testemunho fiel disso mesmo (II Timóteo 2:19).

**«Ora, quanto ao que está enfermo na fé, recebei-o, não em contendas sobre dúvidas.»**

**«Porque Deus o recebeu por seu.»** (Romanos 14:1, 3)

4. Em I aos Coríntios XI o apóstolo Paulo fala dos símbolos que o Senhor deu à Igreja; não são sacramentos, não são ordenanças, não são mandamentos, mas símbolos de cuja prática, em qualidade e quantidade dependem da nossa comunhão e amor para com o Senhor. Eles são três: o véu, o pão e o cálix. O primeiro fala da autoridade de Cristo; o segundo fala da comunhão do “corpo de Cristo” e o terceiro da redenção de Cristo. Se o baptismo tivesse tanta importância, como a que hoje lhe é atribuída pela cristandade, porque Paulo não se refere a ele? Se foi um esquecimento, foi um esquecimento imperdoável, o que duvido! Agora pergunto: “não estareis a pecar ao dar mais valor ao baptismo na água que ao véu e à ceia do Senhor?”

## **XI. RAZÕES PORQUE O BAPTISMO NA ÁGUA NÃO DEVE SER PRATICADO HOJE**

### **11.1 – Razão Profética**

O baptismo na água teve a sua origem e propósito no Programa Profético. De forma directa e indirectamente a Lei e os Profetas falava dele. O cumprimento da Profecia passava por ele. E, por isso, tornou-se parte integrante da mensagem messiânica, que no tempo do Senhor Jesus veio a tornar-se tema de intensas discussões (João 3:25). O baptismo na água, essencialmente, apelava à purificação do Povo de Israel preparando-se para receber o seu Deus e Rei.

Hoje, na presente dispensação da Graça, Deus não pretende manifestar-se ao mundo de forma visível, nem estabelecer qualquer reino político na terra. Vai fazê-lo, mas depois de purificar este mundo com os seus juízos, e no âmbito do programa Profético, no seu cumprimento.

Além do propósito, a mensagem que Deus adoptou para concretizar o seu propósito no tempo presente também não passa pelo baptismo na água, mas pelo baptismo do Espírito Santo. É que, neste período dispensacional, em que o Senhor actua com base exclusiva da Sua Graça, pende para Ele toda a actuação e os méritos de toda a actuação: planeamento, acção e concretização, ou seja, eleição, obra de Salvação, operação da salvação, santificação e glorificação.

### **11.2 – Razão Histórica**

A nação de Israel é a nação dos baptismos. A tradição colhida dos seus antepassados e os relatos bíblicos comprovam-no. O baptismo da água estava relacionado com a manifestação do Messias em Israel (João 1:31). Os judeus sabiam disso e esperavam que o Messias, ou alguém enviado por ele, viesse baptizando (Idem, 1:25). E esse enviado como precursor do Messias foi João Baptista. E João, desta forma e com esta mensagem, preparava o caminho e o povo para a manifestação do Messias (Isaías 40; Marcos 1:2-8)

Não há referências directas que fundamentem que os gentios deveriam ser baptizados. Casos como a mulher Cananeira, Cornélio e o facto dos discípulos na dispersão não anunciarem a mensagem senão somente aos judeus são disso

exemplo (Mateus 15:22; Actos 10; 11:19); ou não estavam no cumprimento das instruções divinas? (Mateus 10:5-6).

Hoje, em plena dispensação do Mistério da Graça de Deus, o Senhor não está a actuar com o homem em função dum propósito histórico, nem no seguimento de promessas condicionadas a uma pessoa, família ou povo, mas num propósito novo, que fora segredo oculto em Deus, e no qual não há qualquer distinção

**«Porque todos quantos fostes baptizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.»** (Gálatas 3:27-28);

**«E vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou; onde não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre; mas Cristo é tudo em todos.»** (Colossenses 3:10-11)

O Propósito que Deus está a levar a cabo no tempo presente é totalmente novo. Nada tem a ver com o que até à sua revelação se viveu. Pelo contrário, o fruto da realização deste propósito é que irá influenciar e determinar os propósitos de Deus para diante, nomeadamente os efeitos da obra do Senhor Jesus Cristo na Cruz do Calvário. A sua obra foi, primeiramente pela sua Igreja “Corpo de Cristo”, conforme o seu propósito eterno, ou planeado desde a eternidade. Israel e todos os demais beneficiarão desta obra por transmissão da Igreja. Por isso é que está dito que a Igreja “Corpo de Cristo” está abençoada com TODAS as bênçãos espirituais (Efésios 1:3). Ao dizer isto não estamos a revelar presunção, colocando a Igreja acima de qualquer outro povo; estamos sim a elevar o propósito de Deus para a Igreja acima de qualquer outro propósito, pois foi isto que Deus fez. Estamos a elevar a atitude da graça de Deus acima de qualquer outra atitude divina. E, se alterarmos esta ordem e modelo estabelecido por Deus, não estamos a alterar e a minimizar um plano que é muito estimado para o Senhor – é exclusivo de Deus.

### 11.3 – Razão Espiritual

Nesta razão espiritual queremos apontar o facto de, em Cristo, todos os crentes estarem baptizados.

Dirão os leitores: mas não com água! E responderemos: mas o que importa para Deus? A purificação da carne física ou a purificação da “carne” espiritual, a natureza decaída com o pecado de Adão?

Quando o Senhor se sujeitou a ser baptizado, com o “baptismo do arrependimento para perdão de pecados” (Marcos 1:4), sendo Ele santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores (Hebreus 7:25), fê-lo para cumprir toda a justiça de Deus, tomando o nosso lugar como dignos do juízo de Deus.

**«Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça.»** (Mateus 3:15)

Agora, o crente, é visto por Deus assim:

**«Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade.»**

**«E estais perfeitos nele, que é a cabeça de todo principado e potestade; no qual também estais circuncidados...»**

**«Sepultados com ele no baptismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos.»**

(Colossenses 2:9-12)

Se o baptismo na água for praticado para agradar a Deus, em cumprimento do propósito para o que ele foi instituído (confissão e perdão de pecados), o crente está a lavar num erro grave. Está a desvirtuar a obra do Senhor na cruz. E, sendo assim, aplica-se integralmente as palavras que o Apóstolo Paulo escreveu:

**«Eis que eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará. E, de novo, protesto a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei. Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça tendes caído.»** (Gálatas 5:2-4)

Isso será voltar à salvação pelas obras; é voltar ao “outro evangelho”; é não entender a escritura e “torce-la para sua própria perdição” (II Pedro 3:15-16).

#### **11.4 – Razão Bíblica (Escrituras)**

Queremos com esta razão mostrar que o baptismo na água não é praticável nesta dispensação por uma questão de revelação. Com a mudança dispensacional Deus alterou a sua atitude para com o mundo e fez uma revelação doutrinária que corresponde e explica a dita nova atitude de Deus.

Já referimos no nosso estudo que o baptismo na água tinha tudo a ver com a nação de Israel. O fundamento da sua prática reporta-se às lavagens levíticas instituídas por Deus para o seu povo terreno. Os Apóstolos de Israel, quando foram enviados a anunciar a mensagem do Reino, tinham a incumbência específica para baptizar com água:

**«18 E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. 19 Portanto, ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em**

**nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; 20 ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado.»** (Mateus 28).

No entanto, no programa de Deus para a presente dispensação, o modelo doutrinário, não contém qualquer referência ao baptismo na água. O baptismo na água não tem qualquer lugar na doutrina da Igreja “Corpo de Cristo”.

Paulo diz:

**«Porque Cristo enviou-me não para baptizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã. Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus.»** (I Coríntios 1:17-18)

Se o Senhor enviou os doze Apóstolos de Israel a baptizar: “*ide, baptizando...*”, ao Apóstolo dos gentios o Senhor não o enviou a baptizar, mas a evangelizar, ou seja, a pregar a cruz. Baptismo e cruz são duas mensagens totalmente distintas e contrapostas.

Mas, dirão os leitores: “Paulo baptizou!”

Certo. Ninguém o pode negar. Ele mesmo o diz. Mas Paulo fez-lo enquanto não tinha a revelação completa da revelação do Mistério da Graça de Deus. Ele não sabia que o baptismo na água não fazia parte do programa de Deus para a presente dispensação. No entanto, logo que ele viu que o baptismo não fazia parte da revelação de Deus para a Igreja “Corpo de Cristo”, e por isso, não fazia parte da comissão da Graça de Deus, ele imediatamente deixou de baptizar. Por esse facto é que nunca vemos nas suas epístolas qualquer mandamento para baptizar com água.

Estes apontamentos também nos levam a considerar qual o modelo de vida do Apóstolo Paulo: ele só vivia aquilo tinha recomendação de Deus para viver. Ele só adoptava como conduta de vida se fizesse parte do modelo da doutrina de Deus para a Igreja celestial e espiritual. E é este o modelo de comportamento que devemos ter, também. Devemos observar e adoptar como modelo de vida aquilo que está revelado especificamente para o tempo presente, e não porque está na Bíblia.

## **11.5 – Razão Dispensacional**

Por esta razão somos levados a considerar que a forma de actuação de Deus para com o mundo é diferente da que era no tempo dos doze Apóstolos de Israel, no período do cumprimento das profecias. Os quatro Evangelhos e o princípio de Actos dos Apóstolos não é mais que o seguimento das profecias, e não é mais que

o momento do cumprimento das profecias que Deus tinha determinado realizar através da nação de Israel. O baptismo na água era um dos requisitos, uma das práticas, um dos ensinamentos que fazia parte da actuação de Deus no período do cumprimento das profecias: o Reino, porque o momento da implantação do Reino estava próximo.

Quando Deus suspendeu a Profecia, pela queda de Israel (Romanos 9-11), suspendeu todos os ensinamentos que dizia respeito ao Reino, e mudou de Plano e de forma de actuação para com o mundo. Na presente dispensação da graça Deus não pretende estabelecer qualquer Reino terreno (embora alguns religiosos da cristandade tenham essa pretensão). Pelo contrário, Deus está a apelar às almas deste mundo para que se arrependam dos seus pecados e creiam em Cristo como salvador. E, aquelas que nascem de novo na família de Deus, o Espírito Santo baptiza-as em Cristo, nos lugares celestiais, formando com Ele um corpo espiritual, celestial e glorioso. Assim, Deus não pretende estabelecer um Reino terreno no mundo, no tempo presente, mas tirar as almas do mundo antes que venha o grande e terrível dia do Senhor, os juízos de Deus sobre toda a humanidade.

Ora, e não só o baptismo na água mas todos os ensinamentos do Reino, com a mudança dispensacional, ficaram suspensos. E, o baptismo na água que fazia parte daqueles ensinamentos messiânicos não deve continuar a ser praticado pela simples razão que o seu mandamento está suspenso, até que a Igreja “Corpo de Cristo” seja arrebatada, e de novo o Senhor reate o programa profético que tem prometido cumprir com a nação de Israel.

### **11.6 – Razão Figurativa**

Nesta rubrica queremos dar a conhecer ao leitor que o crente está perfeito e completo pela sua identificação com Cristo (Colossenses 2:10). Cristo subiu às mais altas alturas para cumprir todas as coisas (Efésios 4:10). E, por isso, os membros do “Corpo de Cristo” estão completos.

Tem havido uma tentativa para fazer os crentes entenderem que o baptismo na água nunca foi ensinado e praticado como instrumento de novo nascimento no Reino (João 3:5), para remissão dos pecados (Marcos 1:4), para lavagem dos pecados (Actos 22:16), para justificação (Lucas 7:29-30), para salvação (Marcos 16:16), e para os tempos de refrigério (Actos 2:38; 3:19). Mas, estranhámos que ensinadores, que têm a pretensão de servir a Deus, desconheçam os textos supra citados, onde é claramente declarada a importância do baptismo na água.



Entretanto, se tem dito que o batismo na água é uma figura, um símbolo da identificação do crente com a morte e ressurreição de Cristo. No entanto, e se fosse assim mesmo, as figuras já tiveram todo o seu cumprimento – não na igreja “Corpo de Cristo”, mas – na própria pessoa do Senhor Jesus Cristo:

**«16 Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, 17 que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo.»** (Colossenses 3).

E, precisamente porque são figuras, nós não devemos nos prender a elas. As figuras destinavam-se ao povo de Deus quando era menino, **«mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino.»** (I Coríntios 13:11). E diz mais:

**«20 Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivêsseis no mundo, 21 tais como: não toques, não proves, não manuseies? 22 As quais coisas todas perecem pelo uso, segundo os preceitos e doutrinas dos homens; 23 as quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade e em disciplina do corpo, mas não são de valor algum, senão para a satisfação da carne.»** (Colossenses 2).

Ou seja, aqueles que insistem em doutrinas que, embora esteja na Bíblia, não fazem parte da revelação de Deus para a presente dispensação do mistério, estão a seguir ensinamentos que não passam de preceitos de homens, e os propagam para sua própria satisfação pessoal.

### 11.7 – Razão Devocional

Outro ensino que tem sido adoptado em relação ao batismo na água é o “*batismo para testemunho*”.

Mas, perguntamos: se o batismo é um testemunho, é um testemunho como, quando e para quem? E aonde é que está revelado na Escritura Sagrada, e em especial nos ensinamentos de Paulo para a Igreja “Corpo de Cristo”, que o batismo na água deve ser praticado com esse propósito?

A) O batismo na água como testemunho é um falso testemunho. Quantas almas que deram testemunho de fé no Senhor Jesus Cristo, foram baptizadas na água e desapareceram da comunhão dos crentes! Que testemunho foi o do batismo? Para que serviu aquele “testemunho”?

B) O batismo na água como testemunho é um testemunho deficiente, ou seja, não é um testemunho completo. Perguntamos: é um testemunho para quem? Para Deus? Para os crentes? Para os descrentes? Mas, se o crente for baptizado

num “baptistério”, quantos crentes é que beneficiam deste testemunho? Cinco... dez... cinquenta que estiverem presentes? Um testemunho que é válido é um testemunho que todos possam ver: Deus, os crentes e os descrentes. E esse não é o baptismo na água que o dá, mas uma vida vivida para Deus. Uma vida que tenha o próprio testemunho de Deus, um testemunho de aprovação de Deus, como foi a vida de Abel, de quem Deus deu um grande testemunho (Hebreus 11:4). Esse sim, deveria ser o testemunho que os anciãos e os crentes em geral deveriam se preocupados em revelar.

C) O baptismo na água como testemunho é um mau testemunho. E dizemos que é um mau testemunho porque um crente baptizado que vá para uma determinada localidade onde ninguém o conhece, ou que tenha sido baptizado, para que serviu o seu baptismo? Que utilidade teve o seu baptismo para aqueles que não conhecem o crente, nem sabem se foi ou como foi baptizado? É um testemunho sem utilidade nenhuma.

O testemunho que o Senhor espera dos seus remidos é uma vida transformada e guiada pelo Espírito Santo. É uma vida vivida segundo a vocação celestial com que foram chamados (Efésios 4); é uma vida que revele o carácter de Cristo crucificado e o comportamento de Cristo glorificado: morto para o pecado e vivo para Deus (Romanos 6 e 8). Esse sim, é o testemunho que Deus espera de cada crente em Cristo.

O baptismo com que fomos baptizados pelo Espírito Santo foi o baptismo espiritual com o qual fomos purificados dos nossos pecados e nos capacita a viver uma vida nova em Cristo:

**«11 E é o que alguns têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus.»** (I Coríntios 6).

Essa purificação é experimentada diariamente pela Palavra de Deus, que o Espírito Santo aplica à vida de cada crente:

**«Purificando-a com a lavagem da água, pela palavra»** (Efésios 5:26)

**«De sorte que fomos sepultados com ele pelo baptismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida.»** (Romanos 6:4)

Nos dias actuais o testemunho dos crentes tem andado muito por baixo. Por um lado os crentes se preocupam com testemunhos que não têm sentido para Deus e sem utilidade espiritual para o mundo; por outro lado, o testemunho é mesmo mau.

É altura dos leitores, que tenham a consciência de que são verdadeiros crentes no Senhor Jesus sentirem a responsabilidade de, agora salvos, têm de dar testemunho disso. É tempo dos verdadeiros crentes saberem a importância de dar testemunho da sua nova vida em Cristo. Mas, dizemos, testemunho que seja um bom testemunho. E, um bom testemunho é um testemunho que Deus quer; um testemunho que seja revelado segundo o modelo estabelecido por Deus.

I Coríntios 13:13 faz referência a alguns sinais que devem caracterizar os crentes em Cristo, no tempo presente:

**«Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estas três; mas a maior destas é o amor.»**

Aos Colossenses o Apóstolo Paulo demonstra como o testemunho deve ser revelado:

**«12 Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade, 13 suportando-vos uns aos outros e perdoando-vos uns aos outros, se algum tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também. 14 E, sobre tudo isto, revesti-vos de amor que é o vínculo da perfeição. 15 E a paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos.»** (Colossenses 3)

Na epístola aos Tessalonissenses o Apóstolo dá a conhecer o poderoso testemunho daqueles crentes:

**«6 E vós fostes feitos nossos imitadores e do Senhor, recebendo a palavra em muita tribulação, com gozo do Espírito Santo, 7 de maneira que fostes exemplo para todos os fiéis na Macedónia e Acaia. 8 Porque por vós souu a palavra do Senhor, não somente na Macedónia e Acaia, mas também em todos os lugares a vossa fé para com Deus se espalhou, de tal maneira que já dela não temos necessidade de falar coisa alguma.»**

(I Tessalonissenses 1)

Como precisamos de testemunhos assim em nossos dias!

## **XII. NOTA PESSOAL:**

**“Segundo o meu parecer, e também eu cuido que tenho o Espírito de Deus”**

(I Coríntios 7:40).

Estou consciente que estas verdades não são encaradas e estudadas com a aplicação que merecem por simples rivalidades pessoais, humanas, carnis e mundanas. Creio que há os que ensinam estes assuntos por rivalidade e, pela mesma rivalidade, há os que os rejeitam! Que fazer diante disto? Só o tribunal de Cristo poderá dar um sentido de justiça a muitos ministérios que estão irremediavelmente reprovados. Aí, sim, todas as coisas serão aclaradas e toda esta obra perversa que se encontra oculta nos corações das pessoas será denunciada e retribuída.

Depois de tudo o já considerado e investigado concluo:

A prática do baptismo na água actualmente não a compreendo nem aceito como uma simples e inofensiva demonstração de um testemunho, pois o baptismo nunca foi ensinado nem praticado nas Escrituras debaixo de tal ponto de vista, antes, considero-a com um desvio do ensino para a presente dispensação da graça, a qual Deus comissionou o Apóstolo Paulo para a actual casa de Deus (II Timóteo 1:8-14; 3:1-11).

Tanto as figuras dos cordeiros, como as figuras dos baptismos, entre outras figuras do V. T. tiveram o seu cumprimento na Pessoa do Senhor Jesus Cristo (Hebreus 9:13-14), e na obra do Espírito Santo, para os quais não temos autoridade nas Epistolas de Paulo, tanto uns como outros, de os praticar.

**“Os quais toem na verdade alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, e humildade, e em disciplina do corpo, mas não são de valor algum senão para a satisfação da carne”** (Colossenses 2:23).

Actualmente, a glória do Mistério é: **“Andamos por fé e não por vista”** (II Coríntios 5:7). E: **“Ainda que tenhamos conhecido a Cristo segundo a carne, contudo agora já não o conhecemos desse modo”** (II Coríntios 5:16).

**“Além disso, requer-se dos dispenseiros que cada um se ache fiel”** (I Coríntios 4:2)

**“Sede meus imitadores...”** (I Coríntios 11:1)

Deus nos ajude a coroarmos a sua glória com uma pedra da nossa fidelidade quando nos chamar à sua presença. Amém.

Vítor Pereira do Paço  
[vitor.paco@mail.telepac.pt](mailto:vitor.paco@mail.telepac.pt)  
[eclesiastes@eclesiastes.pt](mailto:eclesiastes@eclesiastes.pt)  
TLM 968 013 000  
Rua de Miros, n.º 308  
4500-636 Silvalde  
Espinho – Portugal

## ÍNDICE

	Capa	1
	Prefácio	3
I.	Introdução	4
II.	Significado da Palavra	5
III.	Uso da Palavra	6
IV.	Controvérsia	9
V.	Origem do Baptismo na Água:	13
	5.1. O Baptismo da Criação Material	13
	5.2. O Baptismo da Raça Humana	17
	5.3. O Baptismo da Nação de Israel:	21
	5.3.1. A Doutrina dos Baptismos	24
	5.3.2. A Nação Sacerdotal	25
	5.3.3. O Propósito do Baptismo da Água	27
VI.	O Baptismo no Reino Messiânico:	29
	6.1. Na Preparação do Caminho Messiânico:	29
	6.1.1. A Mensagem de João Baptista	32
	6.1.2. Os Efeitos do Baptismo da Água	37
	6.1.3. A Morte de João Baptista e o Ministério dos Doze Apóstolos de Israel	40
	6.1.4. O Rei é Rejeitado e Crucificado	47
	6.1.5. Israel e o Mundo Devem ser Castigados	49
	6.2. O Baptismo da Água na Igreja do Pentecostes	51
	6.2.1. A Mensagem do Pentecostes	54
	6.2.2. O Baptismo da Água e o Remanescente de Israel	59
	6.2.3. A Queda de Israel	62
	6.3. A Profecia Suspensa	69
	6.4. Comentando Diversas Passagens Bíblicas:	79
	A Grande Comissão do Reino – Marcos 16:16	82
	O Primeiro Discurso de Pedro – Actos dos Apóstolos 3:19	83
	O Baptismo do Eunuco – Actos dos Apóstolos 8:29-39	85
	Cornélio – Actos dos Apóstolos 10:44-48	87
	Os Crentes de Filipos – Actos dos Apóstolos 16:13-15; 30-34	90
	Os Discípulos de João Baptista em Éfeso – Actos 19:1-8	92
	Judas Iscariotes – João 13:4-11	98
VII.	O Baptismo da Água e a Dispensação do Mistério	100
	7.1. O Período da Revelação da Doutrina do Mistério	100
	7.2. O Lugar do Baptismo da Água no Ministério do Apóstolo Paulo	102
	7.3. Um Só Baptismo:	105
	7.3.1. O Baptismo na Morte de Cristo	105
	7.3.2. O Baptismo na Pessoa de Cristo	110
	7.3.3. O Baptismo no Corpo de Cristo	112
	7.4. O Baptismo Hoje e o Baptismo para Hoje	115
VIII.	Deixando a Doutrina dos Baptismos	118
IX.	Uma Palavra Sobre... (I Coríntios 13:8-13)	127
X.	Mais um Pensamento	130
XI.	Razões Porque o Baptismo da Água não Deve Ser Praticado Hoje	132
XII.	Nota Pessoal – “ <b>Segundo o meu parecer...</b> ” (I Coríntios 7:40)	140
	<b>Índice</b>	<b>143</b>

